

Armando Jorge Lopes
Salvador Júlio Siteo
Paulino José Nhamuende

MOÇAMBICANISMOS

Para um Léxico de Usos do Português Moçambicano

cabrinha a *cabrinha* morren de alegria D, I, expressão utilizada para aconselhar a ponderação e a redução dos excessos quando se alcança o que se pretende. Cuique do Nhamangama: *vambucani xite libantschita*. Segundo a lenda, uma criança, após amamentar-se, desatou nos pulos, tropeçou a uma árvore, descolou-se e caiu, acabando por morrer. Formal. F3, neutro, N.

cabritismo veja *cabrito*

cabrito o *cabrito come onde está amarrado* L e, D, I, "Meu amigo, o cabrito come onde está amarrado".

Esta expressão constitui uma tradução literal da língua Nhamangama: *mbuti xite layogabochwa kova*. É uma imagem de como os chamuscas criam os cabritos. Estes, no nível da terra a pastagem onde comeriam livremente, são amarrados numa arbuza com cordas de extensão máxima de cerca de três metros e vão comendo sozinhos em círculo o capim à sua volta, enquanto os donos se ocupam de outras tarefas. Assim, o animal está impedido de ir além do que a extensão da corda lhe permite. No contexto do PM, a expressão idiomática, que adquire um tom depreciativo, significa que o funcionário no seu local de trabalho se beneficia ilicitamente de bens ou favores. Ao longo dos anos, o *cabritismo* foi sofrendo expansões semânticas, particularmente a de que o *cabrito come onde está amarrado* e de acordo com a extensão da corda. Ultimamente, fala-se também em *boismo* (de "bo") para marcar a graduação progressiva da corrupção. Neutro, N.



Livraria Universitária
Universidade Eduardo Mondlane

MOÇAMBICANISMOS

Para um Léxico de Usos do Português Moçambicano

Armando Jorge Lopes

Salvador Júlio Siteo

Paulino José Nhamuende

**Livraria Universitária
Universidade Eduardo Mondlane**

MOÇAMBICANISMOS
Para Um Léxico de Usos do Português Moçambicano

MOÇAMBICANISMOS

Para um Léxico de Usos do Português Moçambicano

Armando Jorge Lopes

Salvador Júlio Siteo

Paulino José Nhamuende

Livraria Universitária
Universidade Eduardo Mondlane
2002

Título: Moçambicanismos: Para um Léxico de Usos do Português Moçambicano

Autores: Armando Jorge Lopes, Salvador Júlio Siteo, Paulino José Nhamuende

Editor: Livraria Universitária, UEM

© 2002 Livraria Universitária

É permitida a reprodução parcial do livro para fins de estudo privado. É proibida a reprodução total ou a reprodução de cópias múltiplas de extractos. Para estes casos deve ser solicitada autorização, por escrito, ao editor.

Composto e impresso na Imprensa Universitária, UEM

Tiragem: 1000 exemplares

Registo: /INLD/02

Maputo, Moçambique, 2002

Nota Prévía

O presente livro é resultado de múltiplos desenvolvimentos, em particular do Projecto de Investigação que dirigi de Novembro de 1998 a Outubro de 2000. Na realidade, esta é a génese do livro mais próxima, tendo o início do projecto ocorrido na sequência do envolvimento no mesmo dos colegas Salvador Siteo e Paulino Nhamuende, de quem anteriormente tinha tido o prazer de supervisionar as suas dissertações de licenciatura. Deste período académico ao momento do convite que a eles enderecei para comigo constituírem uma equipa de investigação foi apenas um instante, uns meses de acertos e preparação para o arranque do projecto. Mas a génese distante do livro obriga-nos a recuar à década de setenta.

No ano de 1978, e em vésperas da realização em Maputo do 1.º seminário nacional sobre o ensino da língua portuguesa, fui gentilmente convidado pelas senhoras Della Summers e Janet Dalley, responsáveis da Editora Longman, UK, a preparar um levantamento sobre palavras e expressões de uso corrente na variedade do Português Moçambicano com vista à sua inclusão num dicionário então em elaboração pela Editora. Não foi difícil aceitar o convite porque, por interesse pessoal, havia já trabalhado durante dois anos em recolhas do género, mas também e sobretudo porque podia beneficiar de levantamentos realizados anteriormente ao longo dos anos por vários estudiosos. Várias obras foram usadas como fonte para o estabelecimento do corpus de exclusão e para a constituição do corpus do Projecto de Investigação 1998-2000. A modesta contribuição (Lopes, 1979) então enviada poderá

porventura ter constituído para o autor um dos primeiros desafios estimulantes no campo da lexicologia e na frente das variedades de língua emergentes. A hipótese da investigação assentava (e continua a assentar porque esta pesquisa não tem fim) na necessidade de se olhar para o Português como um conjunto de variedades, nativas e não-nativas, como uma língua de múltiplas identidades e tradições culturais; e assentava também na necessidade de se olhar para o Português Moçambicano (a variedade em estudo) como uma língua em evolução, alimentando-se, em grande medida, do substrato bantu. As problemáticas da relação e interpenetração entre as duas grandes ‘famílias’ linguísticas, do desenvolvimento e promoção de cada língua e ainda a questão do bilinguismo são veiculadas através do tom ecoado a partir do seminário nacional: “...as línguas maternas irão enriquecer a língua portuguesa falada em Moçambique e lado a lado com ela se irão desenvolvendo...” (Machel, 1979), e ainda “...temos pois à nossa frente o problema a estudar, o problema do bilinguismo necessário e inevitável..” (Ganhão, 1979).

Após um longo período de descontinuidade na década de oitenta—durante o qual contei com o apoio de Carl James da *University of Wales* para amadurecer também diversas questões no domínio das variedades emergentes—retomo a pesquisa lexical, beneficiando de uma série de contactos e acções que viriam a ser úteis para o desenho do projecto de investigação iniciado em 1998, designadamente: (i) da familiarização com o projecto de John Sinclair sobre computação lexical (COBUILD) em 1988 na *University of Birmingham*, UK às discussões com Robert B. Kaplan, Jacquelyn Schachter e Stephen Krashen sobre questões de linguística aplicada no âmbito da problemática das variedades emergentes, durante uma prolongada estadia na

University of Southern California, Los Angeles, 1991; (ii) da minha participação na LASU/3 (sublinho a intervenção de Katupha) e no Simpósio de Português de 1993 (comunicação publicada em 1995) organizado por Claude Hulet na UCLA à intervenção plenária convidada ao Curso da Arrábida de 1998 sobre ‘política linguística africana’ (comunicação, 1998a); (iii) da orientação de seminários na Universidade de Lisboa em 1999, evento este assim como o da Arrábida superiormente organizados por Maria Helena Mira Mateus, à comunicação (1999) sobre a questão do léxico e do tema ‘moçambicanismos’ apresentada no VI Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas no Rio de Janeiro, a convite de Cleonice Berardinelli, Gilda Santos e Teresa Cristina Cerdeira.

Por outro lado, foi igualmente valioso o contributo por parte de colegas e estudantes da UEM e outros estudiosos não só sobre o desenvolvimento histórico do Português em Moçambique (p.ex., Mendonça, 1988) mas e sobretudo neste domínio dos processos de mudança semântica, em forma de tratamento teórico, ou através de análises das influências das línguas bantu na língua portuguesa e vice-versa, e das influências da língua inglesa nas línguas bantu. A *mudança semântica* é, na minha opinião, um dos capítulos mais importantes e fascinantes do campo da *mudança linguística*, como aliás essa ênfase foi sendo colocada ao longo do tempo por Machungo & Ngunga (1991), Honwana (1994) e sobretudo por Gonçalves (1996: 61-2) ao abordarem a problemática da coabitação entre as línguas bantu e a língua portuguesa, com especial referência para os casos de *inovação* na área do léxico do PM; também ênfase colocada por Firmino (1997: 7-8), da Silva (1993) e James (1998: 34-46) ao tratarem de aspectos de *endogenização* linguística e de questões sobre a *norma*, em

particular no contexto das variedades de língua emergentes. Sobre os processos de mudança em forma de empréstimos da língua inglesa para as línguas bantu fica aqui a indicação dos trabalhos de Magaia (1997) e Lopes (1998b). Finalmente, registo dois trabalhos recentes, em forma de livro (Cavacas, 1999; Mendes, 2000), e diversos escritos em forma de artigo, dissertação ou trabalho de projecto (Diniz, 1987; Dias, 1990; Nhaombe, 1991; Maciel, 1992; Manuel, 1994; Madeira, 1996; Siteo, 1997; Almeida, 1997; Moiane, 2000; Rego, 2000).

Todos estes contributos foram úteis para o desenvolvimento do Projecto que realizei com os colegas Salvador Siteo e Paulino Nhamuende, e que serviu de base a este livro de autoria colectiva que se deseja útil e dê prazer ao leitor.

Armando Jorge Lopes
Maputo, Outubro de 2000

Referências

- Almeida, M.A. (1997) Uma abordagem semântica a moçambicanismos. Trabalho de Projecto para o grau de licenciatura (não publicado), Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.
- Cavacas, F. (1999) *Mia Couto: Brinciação Vocabular*. Lisboa: Mar Além & Instituto Camões.
- da Silva, J.G. (1993) Variation linguistique et norme: Étude de cas des pratiques correctives des professeurs de Portugais à Maputo. Diss. de mestrado (não publicada), Université Stendhal-Grenoble III.
- Dias, H. (1990) Análise de Erros da preposição *com* produzidos por alunos moçambicanos. Dissertação de licenciatura (não publicada), Universidade Eduardo Mondlane.
- Diniz, M.J. (1987) Análise de erros na frase relativa. *Limani* 2, 31-40.
- Firmino, G. (1997) O caso do português e das línguas locais em

- Moçambique. *Working Papers* 8, CECII, Universitat de València.
- Ganhão, F. (1979) O papel da língua portuguesa em Moçambique. Intervenção ao 1º. seminário nacional sobre o ensino da língua portuguesa. Ministério da Educação e Cultura, R. P. de Moçambique.
- Gonçalves, P. (1996) *Português de Moçambique: Uma Variedade em Formação*. Maputo: Livraria Universitária.
- Honwana, L.B. (1994) Línguas moçambicanas e língua portuguesa. *JL*, 615, 11-24/5/94.
- James, C. (1998) *Errors in Language Learning and Use: Exploring Error Analysis*. London: Longman.
- Katupha, J.M. (1992) Language and theories of grammar: Where's the linguist of the "South"? In A.J. Lopes (ed.) *The Role of Linguistics in the Promotion and Effective Use of National Languages. Proceedings of the Third LASU Conference* (pp. 7-18). Maputo: IUEM.
- Lopes, A.J. (1979) Mozambican-Portuguese words and expressions. A lexical survey commissioned by Longman. Contribuição incluída in *Longman English Dictionary for Portuguese Speakers*. Harlow: Longman ELT.
- Lopes, A.J. (1995) The age of re-discovery: The Portuguese language in Mozambique. *Crossroads* 4, 83-7.
- Lopes, A.J. (1998a) O Português como língua segunda em África: Problemáticas de planificação e política linguística. Comunicação plenária (convidada) apresentada à Conferência da Arrábida sobre 'Política Linguística', Universidade de Lisboa.
- Lopes, A.J. (1998b) English in Mozambique: Jogging the collective memory. *Op.Cit.* 1, 39-45.
- Lopes, A.J. (1999) Em direcção ao primeiro Léxico de Usos do Português Moçambicano. Comunicação plenária (convidada) apresentada ao VI Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, Rio de Janeiro. Publicação: *Veredas* 3-II, 627-38.
- Machel, G. (1979) Discurso de abertura do 1º. seminário nacional sobre o ensino da língua portuguesa. Ministério da Educação e Cultura, R.P.M.
- Machungo, I. e Ngunga, A. (1991) O papel da língua no processo de ensino-aprendizagem. Manuscrito não publicado, UEM.
- Maciél, C. (1992) O lexema verbal no Português de Moçambique. Dissertação de licenciatura (não publicada), Instituto Superior Pedagógico/Universidade Pedagógica, Maputo.
- Madeira, A. (1996) Aspectos de utilização de marcadores discursivos no

- Português de Moçambique: O caso da categoria de conjunções de contraste. Trabalho de licenciatura (não publicado), UEM, Maputo.
- Magaia, A. (1997) Anglófilia moçambicana: Uma realidade histórica. *Notícias*, 22/2/97.
- Manuel, C.J. (1994) Aspectos contrastivos na retórica do discurso científico em Português e Inglês. Dissertação de licenciatura (não publicada), Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.
- Mateus, M.H. (1998) Para uma política de língua do Português. Documento de discussão. Curso de Verão da Arrábida 13/7/98, Universidade de Lisboa.
- Mendes, I. (2000) *O Léxico no Português de Moçambique. Aspectos Neológicos e Terminológicos*. Maputo: PROMÉDIA.
- Mendonça, F. (1988) *Literatura Moçambicana: A História e as Escritas*. Maputo: FL/NE, UEM.
- Moiãne, C.F. (2000) Empréstimos lexicais no Changana. Dissertação de licenciatura (não publicada), Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.
- Nhaombe, H.E. (1991) Semântica de expressões idiomáticas do Tsonga formadas a partir de metáforas antropomórficas e de metáforas animais. Dissertação de licenciatura (não publicada), Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.
- Rego, S.V. (2000) Contributo para a constituição de um *corpus* de portuguesismos em Nyungwe. Dissertação de mestrado (não publicada), Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Sinclair, J.M. (1987) *Looking Up: An account of the Collins Birmingham University International Language Database (COBUILD) Project in lexical computing*. London: Collins ELT.
- Siteo, S.J. (1997) Processos de importação de neologismos de origem bantu no Português de Moçambique. Dissertação de licenciatura (não publicada), Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

Agradecimentos

O trabalho de investigação que conduziu a este livro envolveu muitas pessoas que deram, em diversos momentos, valiosas contribuições. Na impossibilidade de mencionar todas elas os autores deste livro agradecem a Alda Costa o contributo que deu na revisão final do manuscrito. Os seus conhecimentos e a sua paciência revelaram-se inesgotáveis. Agradecem igualmente às seguintes pessoas que contribuíram em aspectos de natureza estatística ou na delimitação, caracterização e interpretação de termos/vedetas, ajudaram na reflexão sobre certos usos gramaticais ou forneceram explicações sobre conceitos culturais e acontecimentos da história local: Altino Mazenane, Dr^a. Ana Edite Mendonça, Aníbal Matine, António Victor, Anwar Latif, Atália Benzane, Babel Nazaré Siteo, Dr. Bento Siteo, Boaventura Massaiete, Carla Rodrigues, Carlos Manuel, Prof. Carlos Serra, Cristina Horta, Fátima Mendonça, Dr. João Schwabach, Dr. José Negrão, José Valente, Heralda Juliana Siteo, Hélio Tomás Siteo, Júlio Mulalene Siteo, Kurshidara Ebrahim, Lucília Chuquela, Manuel Américo Bauluane, Professor Manuel de Araújo, Manuel Gaspar, Melia Thandekiane Siteo, Nwaxi-khwasselane Mbalate Matusse, Dr. Patrocínio da Silva, Pendassane Essineta Siteo, Prof^a. Perpétua Gonçalves, Samuel Matola, Sandra Dimande, Sara Teixeira, Virgílio Juvane, Waldemiro Brito Dias e Dr. Yussuf Adam. São também extensivos agradecimentos (i) aos residentes da Pousada dos Caminhos

de Ferro de Moçambique-Sul na cidade de Maputo que apoiaram na interpretação de conceitos em, entre outras línguas, Cindau, Cisená, Cinyungwe e Emakhuwa; (ii) a várias crianças do Bairro da Munhava na cidade da Beira e a meninos da rua junto ao Mercado Central em Maputo; (iii) aos funcionários da Administração do Distrito de Marracuene; e (iv) a diversos funcionários da Conservatória do Registo Predial de Maputo que realizaram testes de ocorrência de termos de gíria frequentes na cidade de Maputo.

Por outro lado, e tal como já foi referido na *Nota Prévia*, Armando Jorge Lopes teve com este trabalho uma relação mais antiga que remonta aos anos 70. Assim, gostaria de aqui registar o seu agradecimento às pessoas colectivas e singulares que desde essa época e ao longo de duas décadas o ajudaram a constituir o corpus de moçambicanismos: às turmas J, O, Q da 8^a. classe, à turma A da 10^a. classe, e às turmas A e 1 da 11^a. classe no Liceu António Enes (depois F.Manyanga), ano de 1976; às turmas 2, 3 e 5 da 7^a. classe na Escola Secundária Francisco Manyanga, ano de 1977; às turmas 1 e 2 da 8^a. classe e à turma 1 da 9^a. classe na Escola Secundária Francisco Manyanga, ano de 1978; ao Dr. Eugeniusz Rzewuski que, em meados de 1978 e na sequência do contacto da *Longman*, o encorajou a desenvolver o projecto sobre moçambicanismos; ao Bento Siteo que, de forma exaustiva, respondeu a dois questionários sobre moçambicanismos, em finais da década de setenta; à turma A do 1^o. Ano de 1978 e às turmas B e C do 1^o. Ano de 1979, Curso Propedêutico de Letras, Trabalhadores, Faculdade Preparatória da UEM; às turmas L1 e L2 do 2^o. Ano de 1980, Curso Propedêutico de Letras, Faculdade Preparatória da UEM; e às turmas do 4^o. Ano da licenciatura em Linguística na Faculdade de Letras

da UEM, dos anos de 1994 a 2000. Finalmente agradece à UEM o apoio que prestou a vários níveis ao Projecto *Léxico de Usos do PM*, executado numa das suas partes principais durante o gozo do seu Ano Sabático, que decorreu de 1 de Setembro de 1998 a 31 de Agosto de 1999.

Abreviaturas e outras indicações

adj.	adjectivo	loc.adv.	loc. adverbial
adv.	advérbio	loc.prep	locução preposicional
COBUILD	Collins	Ls	significado
Birmingham University		L1:L2	bilingue
International Language Database		N	nacional (de uso...)
coloq.	coloquial/mente	n.	nome
D	discurso	orig.	originári(o)/ (a)mente
equiv.	equivale/nte	pl.	plural
Est.	estilo	pop.	popular/mente
expn.	expressão nominal	p.ex.	por exemplo
exp.vb.	expressão verbal	PB	Português Brasileiro
G	gramática	PE	Português Europeu
I	idiomatismo	PM	Português Moçambicano
inf.	informal	pref.	prefixo
infin.	infinitivo	prov.	provável/mente
interj.	interjeição	R	regional (de uso)
i.e.	isto é	Rg	registo
L	local (uso local)	SADC	Comunidade do Desenvolvimento da África Austral
LASU-3	Linguistics Association for SADC Universities (Reunião3)	séc.	século
Lc	co-ocorrência lexical	sing.	singular
Le	empréstimo	S/C	social/cultural
lg./lgs.	língua/s	tb.	também
lit.	literal/mente		
Ln	neologismo		

trad. tradução
vb. verbo
[] os parenteses rec-
tos contêm apenas uma

indicação pouco formal
sobre a pronúncia; não
se trata, pois, de uma
transcrição fonética.

Sumário

Nota Prévia (do responsável do projecto)	v
Referências	viii
Agradecimentos	x
Abreviaturas	xiii
Introdução	1
Moçambicanismos no contexto da mudança	5
Processos de mudança semântica	6
Processos de formação de palavras	8
Organização do Léxico	10
Natureza da investigação	10
Seleção e tratamento do material	11
Classificação das Entradas	14
Exemplo-padrão de Entrada	16
Léxico de Usos	
Bibliografia (de apoio à constituição do Léxico)	
Sobre os Autores	

Introdução

Este estudo teve por base alguns traços seleccionados da fala e da escrita de moçambicanos falantes do Português L2, assim como de moçambicanos bilingues (Bantu/Português).

Em Moçambique vem-se desenvolvendo uma *variedade de Português* que é moçambicana no sentido em que há traços, características e realizações formais e contextuais de moçambicanidade na fala e na escrita, e há ainda o “pano de fundo” moçambicano que define e identifica o contexto em que funciona a variedade do Português Moçambicano (PM).

Por *variedade de língua* queremos dizer formas de uma língua que se desenvolveram em contextos culturais diferentes ou em contextos culturais e linguísticos diferentes. Exemplos do primeiro tipo de variedade são o Português falado em Portugal (geralmente referido por Português Europeu, PE, e que pode ser designada de variedade-mãe) e o Português falado no Brasil (geralmente referido por Português Brasileiro, PB). Exemplos do segundo tipo de variedade são o Português Moçambicano (PM), o Português Angolano e outras variedades que, como estas são habitualmente aprendidas/adquiridas como língua segunda (L2) ou, ainda não tão frequente, como uma de duas línguas primeiras, i.e., em situação totalmente bilingue. Pode-se definir o moçambicano escolarizado bilingue falante de PM como um falante que não só é inteligível por outros moçambicanos no país, mas ideal e necessariamente também por falantes de Português L2 e L1:L2 em outros países e falantes L1 em países monolíngues ou que assim se definem.

O principal objectivo desta obra foi registar e analisar alguns traços formais e funcionais do Português

Moçambicano (PM) cuja moçambicanidade torna esta variedade distinta da variedade do Português na sua dimensão europeia (PE). O segundo objectivo foi considerar o impacto de factores culturais e sociológicos nos traços formais e funcionais do Português na sua dimensão moçambicana.

Os autores do presente *Léxico de Usos* desejam que este contribua para desenvolver a percepção do leitor, em geral, no que toca às diferenças entre o PM e o PE (dimensão contrastiva), e que venha ainda a ser útil para alunos e professores como obra de referência.

Para os nossos objectivos, o Português Moçambicano (PM) é o Português de qualquer moçambicano, quer seja falado como língua materna ou não. De forma metódica e científica, o nosso propósito, numa obra de tamanho e espaço limitado como a presente, foi fazer reflectir, tanto quanto possível, a riqueza e diversidade do PM. Obviamente, há muitos termos do PM que não se confinam apenas a áreas, por exemplo, da alimentação ou dos rituais. Na verdade, **o presente Léxico aponta também para diversas outras direcções especializadas. Contudo, não se pretendeu aqui realizar explorações exaustivas nessas direcções porque achamos que isso não é o objectivo de um léxico, nem mesmo de certos tipos de dicionário, mas sim, e sobretudo, de glossários especializados.** Por exemplo, glossários biológicos para o tratamento de itens da flora e fauna. Assim, apenas incluímos como entrada as formações (palavras, sintagmas, expressões, estruturas retóricas) que constam do corpus e particularmente, (i) as ocorrências de frequência mais elevada, e (ii) algumas ocorrências que não sendo muito frequentes se revestem, contudo, de especial interesse socio-cultural e/ou sócio-político.

O Português Moçambicano não é apenas ‘um tipo’ de Português, mas sim um complexo de muitos tipos. Assim é não só com respeito ao influente grupo de falantes que tem o Português como língua materna (um pouco mais de 800 mil moçambicanos, representando 6,5% da população do país com idade superior a 5 anos) como também em relação aos falantes de Português como língua segunda ou língua terceira (um pouco mais de 4,880 milhões de moçambicanos, representando 39,5% da população do país com idade superior a 5 anos).

Quanto à percentagem de falantes bilingues (aqui o caso de língua bantu/língua portuguesa), os resultados gerais do II Recenseamento Geral da População de 1997 não adiantam nada a esse respeito. No entanto, há moçambicanos que aprenderam duas línguas em simultâneo—o processo psicolinguístico de *aquisição bilingue com estatuto de língua primeira* (“bilingual first language acquisition”). Há também falantes para quem a sua segunda língua, i.e., segunda em termos de aquisição temporal é, para si e aos olhos da sociedade, verdadeiramente uma *segunda primeira língua*. De acordo com os dados do censo não se sabe para que item do questionário tenderam os entendimentos/percepções de cada respondente sobre estas situações de índole bilingue: para o item *língua materna (Bantu ou Português)?*; ou para o item *condição de conhecimento da língua portuguesa?*

Por outro lado, para obtermos uma ideia da difusão do Português como **língua materna (L1)** no país, tivémos de nos socorrer da operação que constituiu o balão de ensaio ao recenseamento, ou seja, os dados do Inquérito Nacional aos Agregados Familiares sobre Condições de Vida (1998). Estes dados tratados indicam que existe uma acentuada diferença entre o centro do país e o sul, entre o norte e o centro litoral, e conseqüentemente uma enorme diferença

entre o norte e o sul no que diz respeito aos números e índices percentuais de falantes de **Português L1**. Por exemplo, é falado por 17,7% na Cidade de Maputo (depois do Xichangana, 31,8% e do Xironga, 26,7%) e por 10,3% e 3,8% respectivamente nas Províncias de Maputo e Inhambane contra 1,7% na Província de Sofala e 0,3% na Província de Tete. Na Província de Nampula é falado por 0,9% e na Província de Niassa, 0,5%. Estas proporções apresentam-se idênticas para o caso dos cerca de 40% de falantes de Português como **língua segunda (L2)** ou mesmo terceira. **É pois natural que a difusão da língua portuguesa e o seu processo de moçambicanização ocorram de forma mais rápida e ampla no sul do país**, porque simplesmente há muito mais gente—incluindo de outras origens geográficas—a usar a língua e a transformá-la no dia-a-dia. Por outro lado, as pesquisas a nível de cada província, sobretudo as do centro e norte, têm de ser mais profundas, com prazos temporais bastante mais dilatados. Este projecto constitui apenas o início do trabalho nessa direcção. Há ainda a considerar que sendo a maior parte desta população de falantes constituída por adolescentes e jovens não deve causar estranheza a elevada ocorrência de uso de palavras e estruturas retóricas que se relacionam com a juventude, assim como a ocorrência de registos e estilos associados à gíria e informalidade.

Por fim, não pode deixar de se mencionar o crescente movimento de pessoas a nível regional e internacional e o facto deste movimento ter como resultado a ocorrência de bastantes empréstimos de elementos de outras identidades, que se reflectem também na língua.

Moçambicanismos em contexto de mudança

Com vista a caracterizar aspectos do PM—que no presente estudo não incluíram caracterização e contornos de nível fonológico—o nosso enfoque incidiu em formações PM (palavras, sintagmas, expressões, estruturas retóricas) numa perspectiva lexical, gramatical (sobretudo semântica) e discursiva. São estas as formações típicas a que chamamos de **moçambicanismos**. E de um modo mais específico, os moçambicanismos dizem respeito a várias das seguintes formações-tipo:

(i) formações PM transferidas directamente das línguas bantu (ou de outras línguas) para o PM (p.ex., *dumbanengue*);

(ii) formações PM que não sendo transferências *directas* de outras línguas evidenciam, contudo, traços linguísticos e sócio-culturais localizados (como acontece no caso das co-ocorrências lexicais, empréstimos por via da tradução, p.ex., *tirar dinheiro*);

(iii) formações PM constituídas, por analogia, a partir de formas PE (p.ex., ‘quente’ em *carro quente* por analogia a ‘quente’ em ‘assunto quente’);

(iv) formações PM que são PE em termos formais, mas PM em termos funcionais, i.e., ligados a especificidades culturais (p.ex., *continuador*);

(v) formações *macro-linguísticas* PM constituídas por unidades contextuais e retóricas tipicamente moçambicanas como sejam as atitudes sociais, as crenças, as superstições, as formas de tratamento, as formas de cumprimento ou saudação, etc., em suma, a moçambicanização das funções da fala.

Os moçambicanismos *de carga contextual* são os moçambicanismos que têm um significado específico na cultura moçambicana e incluem formações com funções específicas em unidades contextuais do PM, como as seguintes:

(i) formações que revelam a ocorrência de mudança semântica no PM (p.ex., *estrutura*);

(ii) formações que são simplesmente moçambicanas do ponto de vista contextual e, por isso, não revelam necessariamente mudanças semânticas (p.ex., *gueva*); e

(iii) formações mistas ou híbridas que são constituídas por dois (ou mais) elementos, sendo um de uma língua bantu e outro da língua portuguesa (p.ex., *bebe-tchukumeta*).

Processos de mudança semântica

Porque os processos de *mudança semântica* revelam associações profundas à vida e cultura dos falantes ao longo do tempo, incluindo o espaço temporal mais recente e presente, julgou-se útil fornecer nesta obra, tanto quanto possível, **elementos de história lexical**, sobretudo indicações no domínio da **etimologia**, i.e., prováveis origens e progressão das formações PM. E, na verdade, um dos aspectos mais notórios no âmbito da mudança semântica reside na integração de novas palavras, sendo uma considerável parte delas constituída por empréstimos de outras línguas. Os principais **tipos de mudança semântica** são os seguintes: (i) extensão semântica, (ii) restrição semântica, (iii) combinação da restrição semântica com a extensão semântica, (iv) transferência semântica, (v) generalização semântica e (vi) uso figurativo. Em pormenor:

Extensão (ou expansão) semântica: casos em que uma formação, para além de reter o seu significado do PE ou de uma língua bantu, adquire significados adicionais PM, muito embora seja possível, em certos casos, descobrir a conexão entre os significados alargados e os significados no PE ou na língua bantu (*calamidade*=desastre, em geral, natural + roupa usada, doada), (*estrutura*), (*continuador*); (*bula-bula*=conversa trivial + boato).

Restrição semântica: nestes casos o PM restringe o significado de uma formação a apenas uma área limitada do seu campo semântico no PE ou numa língua bantu (*salada*=*alface* para vários falantes do PM), (*mulungo*, na lg. bantu, indivíduo de cor branca, pessoa de bom carácter, e tb. indivíduo racista—no sentido depreciativo do termo= indivíduo de cor branca, no PM).

Combinação da restrição com a extensão semântica: casos em que o significado restrito de uma formação PM goza de um significado adicional que é desconhecido na língua fonte, PE ou língua bantu (*xiluva* nas línguas bantu significa *flor* e *rapariga bonita*; no PM o significado de *xiluva* restringe-se apenas a *rapariga bonita*; no entanto, o significado PM vem sendo também associado ultimamente a *concurso de beleza* (*concurso das misses*, *Miss Xiluva*) significado este desconhecido, inexistente nas línguas bantu.

Transferência semântica: casos em que formações (palavras ou unidades discursivas) PM são frequentemente utilizadas fora do seu habitual campo semântico no PE (PM *bolachas* para *penso higiénico*). A transferência de contexto, significado e, por vezes, também de forma para o PM ocorre sobretudo a partir das línguas bantu. A transferência envolve padrões culturais, atitudes e comportamentos sociais que são

diferentes dos existentes na cultura em que o PE é utilizado e envolve ainda a moçambicanização de certas funções da fala como por exemplo, formas de tratamento e formas de cumprimento.

Generalização semântica: casos em que o nome comercial de uma marca popular de um produto se generaliza e se sobrepõe a todo e qualquer nome de outros produtos da mesma gama (*Colgate* para designar qualquer tipo e marca de pasta dentífrica).

Uso figurativo: casos em que ocorre uma mudança de significado com base em relações de analogia, semelhança, dissemelhança ou diferença entre coisas ou seres. Três dos processos mais frequentes de uso figurativo na linguagem quotidiana e na linguagem retórica e literária são a metáfora, a símile e a metonímia. *Metáfora:* duas noções dissemelhantes são relacionadas de forma implícita com o objectivo de sugerir identidade entre ambas. *Símile:* duas noções diferentes são comparadas de forma explícita com o objectivo de indicar semelhança entre ambas, utilizando-se marcadores discursivos do tipo *como*, *qual* ou *como se*. *Metonímia:* uso de um atributo em vez do todo; substituição do nome de uma coisa ou ideia por outro que com ele está relacionado.

Processos de formação de palavras

A **morfologia derivacional** ocupa-se dos princípios que regem a formação de novas palavras, sem necessidade de referência ao papel específico gramatical que uma palavra pode desempenhar numa frase. São os seguintes os principais processos de formação de palavras que ocorrem no PM:

(0) **derivação**: processo de cunhagem de novas palavras, derivadas a partir de palavras e expressões existentes no PE (p.ex., *anelar*; *depressar*; *agorinha*);

(i) **prefixação**—um afixo colocado antes da base da palavra, p.ex., *desconsequir*;

(ii) **sufixação**—um afixo colocado depois da base da palavra, p.ex., *agorinha*;

(iii) **composição**—junção de duas formas-base, p.ex., *chupa-sangue*;

(iv) **tradução ou calque**—empréstimo por via da tradução de palavras da língua-fonte (língua bantu, língua inglesa, Afrikaans, etc.) para a língua-alvo, o PM *acabar dias* do Xitshwa, Xironga e Xichangana *kuheta masiku*; *Os Cinco Grandes* do Inglês *The Big Five*; *arroz(de) caril* do Concanim [*xitkori*]). Neste processo de tradução ou calque—um tipo especial de empréstimo—não se procede ao empréstimo de uma palavra (ou sintagma) como um todo, mas sim ao empréstimo de partes que são traduzidas separadamente, formando-se deste modo a palavra (ou sintagma) nova;

(v) **adoção**—*bongolão* (PM) de ‘bongola’ (PM) <‘bongolo’ (Xichangana);

(vi) **reduplicação**—variante do tipo *composição* em que as duas formas são idênticas ou apenas ligeiramente diferentes, p.ex., *muíto-muíto*, *txapo-txapo*;

(vii) **corte silábico** (*clippings*)—redução informal de uma palavra, frequentemente para duas sílabas, p.ex., *tuga*, *frelô*;

(viii) **fusão** (*blends*)—duas palavras fundem-se uma na outra, p.ex., *autentical* (autêntico+metical);

(ix) **acronímia**—palavras (os acrónimos) formadas a partir das letras iniciais das palavras que constituem um

nome, p.ex., *Frelimo* (Frente de Libertação de Moçambique); um sub-tipo do acrónimo é a **sigla** na qual se pronunciam as diferentes letras, p.ex., *GD* (Grupo Dinamizador), *mc* (mal-coado).

Organização do Léxico

Natureza da Investigação

O *design* metodológico da investigação foi **qualitativo-descriptivo**, tendo a investigação sido sustentada por um corpus. O corpus foi constituído com base em:

(i) produção escrita (composições) de estudantes do ensino pré-universitário, Escola Francisco Manyanga (anos de 1976-1978), propedêutico de letras, Universidade Eduardo Mondlane (UEM) (1978-1980) e finalistas da licenciatura em linguística da UEM (1994-2000);

(ii) produção oral de estudantes do Instituto de Línguas de Maputo (1984) em termos de *exposição oral* a partir de temas livres, assim como de respostas a perguntas de interpretação textual e respostas a questionários abertos;

(iii) programas ‘Canal Zero’ e ‘Ver Moçambique’ da *Televisão de Moçambique* repetitantes aos anos de 1999 e 2000;

(iv) cartas de leitores da revista *Tempo*, 1990 e 1991;

(v) cartas de leitores, colunas de opinião e crónicas do jornal diário *Notícias*, de 1996 a 2000;

(vi) assuntos correntes e editoriais dos semanários *Savana*, *Domingo* e *Demos*, de 1998 a 2000.

Para o Léxico foram seleccionadas do corpus cerca de 1000 *inovações* (itens PM) identificadas a partir da escrita e da fala de falantes do Português Moçambicano, incluindo descrições de alguns itens em desuso ou itens actuais de menor frequência, mas indicadores de uma certa tendência ou padrão. Foram incluídos no Léxico apenas os **itens do Português Moçambicano cuja forma e/ou função são diferentes da forma e/ou função dos itens do Português Europeu**. Isto é, a **parte nuclear não-comum** (*non-common core*) do Português Moçambicano. A outra parte, isto é a parte comum do PM, é a parte formal e funcional do PE.

Cada entrada/vedeta é acompanhada de informação sobre os processos subjacentes ao produto indigenizado. Tradicionalmente os moçambicanismos são classificados de acordo com critérios lexicais e semânticos (cunhagens, extensão ou restrição semântica, transferência ou mudança semântica, etc.). Estes critérios são naturalmente importantes no presente estudo, mas não podíamos obviamente deixar de introduzir também considerações de índole sintáctica e discursiva para a classificação e tratamento das *inovações*. Cada entrada foi qualificada de acordo com as seguintes **categorias linguístico-discursivas**: co-ocorrência lexical, empréstimo, neologismo, significado, retórica (discurso), idiomatismo, estilo, registo e cultura, para além da ocorrência natural de certos engenhos sintácticos presentes na escrita e fala do PM.

Seleção e tratamento do material

Em termos metodológicos, a selecção final do material no corpus para inclusão no Léxico não foi apenas feita a partir do conhecimento empírico dos autores do livro. A selecção

foi também sustentada pelo estabelecimento de um **corpus de exclusão** que permitiu considerar se uma determinada palavra, sintagma, expressão pertenciam ou não a outra variedade do Português. Neste exercício socorremo-nos sobretudo do *Novo Dicionário* de Aurélio, do *Dicionário Etimológico* de Cunha, da versão revista do *Dicionário* de Figueiredo e do *Dicionário do Português Básico* de Vilela (para pormenores consultar a Bibliografia no fim do livro).

É sempre difícil decidir sobre inclusões ou exclusões de itens num Léxico. Incluíram-se algumas formações (palavras, sintagmas, expressões, estruturas retóricas) que podem não ser chamadas, com todo o rigor, de moçambicanismos. Mas não se incluiu nenhuma formação que não tivesse ou não dissesse alguma coisa especial aos moçambicanos. Um número considerável de entradas são formações que não pertencem originariamente ao PM, casos, por exemplo, de *txova-xitaduma* ou *zaxhat*. Mas é claro que as formações PM deste tipo têm interesse especial para os moçambicanos.

Em segundo lugar, há bastantes formações do PE, como por exemplo *estrutura*, *continuador*, que adquiriram significados diferentes dos significados estabelecidos no PE (estes últimos mantêm-se idênticos no PM).

Em terceiro lugar, existem formações que adquiriram conotações moçambicanas, uma aura moçambicana, por vezes histórica, mas sem particular mudança de sentido. Pertencem a esta categoria, e a título de exemplo, formações como *elemento* (no sentido de *membro*: palavra com maior frequência no PM; e também com maior frequência e ‘nuance’ de uso no sentido de *pessoa*), *a luta* (sintagma que é parte do vocabulário internacional de esquerda, mas com específicas associações aos contextos históricos de Moçambique e da África Austral), *curtir* (provavelmente do

PB ou PE).

Alguns potenciais críticos deste trabalho dirão provavelmente que certas entradas não são realmente Português, nem mesmo Português Moçambicano. Alguns críticos de estudos bantu dirão também que certas entradas não são Português Moçambicano, ou dirão que devem ser consideradas casos de fronteira.

Outros críticos gostariam provavelmente de ver certas entradas qualificadas de *estrangeiras*, i.e., palavras que, em sua opinião, não foram ainda *assimiladas* no Português. Contudo, achamos que em países plurilingues como Moçambique conceitos como *estrangeiro* e *assimilado* não têm certamente em si mesmos e entre si contornos definitivamente nítidos. Na nossa sociedade, onde existem tantos falantes bilingues (nos vários sentidos do termo na realidade moçambicana), uma palavra considerada *estrangeira* por um falante poderá ser considerada *doméstica* por outro. Os falantes bilingues contraem empréstimos linguísticos e culturais, em geral de forma selectiva e não ao acaso, e por isso noções como *assimilado* são fortemente influenciadas por atitudes em relação à língua falada e/ou estudada por académicos e outros sectores das comunidades. Alguns são favoráveis à existência de uma demarcação nítida entre as línguas para que possa intervir um certo tipo de sanção oficial (preferencialmente, a da Academia) conferindo a naturalização e os respectivos direitos de cidadania à formação *adoptada*. Outros são mais favoráveis à interpenetração das línguas, num contexto de fronteiras esbatidas. Para estes, entradas como, por exemplo, *nyamussoro* (nhamussoro) constituem já *formações adoptadas* no PM. Partindo de um substrato linguístico-cultural bantu, formações desta natureza foram-se alojando no PM, partilhando assim as duas realidades de coabitação

linguística e cultural.

Quanto à complexa questão do arranjo e apresentação do material, existiam à partida diversos caminhos possíveis. Acabámos por nos inclinar pela organização alfabética do material independentemente do âmbito de abordagem ser, por vezes, microlinguístico (sintaxe, semântica, léxico) e, outras vezes, macrolinguístico (discurso, retórica, idiomaticidade).

A indicação *veja* ou *veja tb.* (lista de abreviaturas no início do livro) numa determinada entrada destina-se a encaminhar o leitor para outros termos sinónimos, ou termos com ortografia ligeiramente diferente; quando existem dois ou mais termos com ortografias diferentes, o termo que é definido e tratado linguisticamente como *entrada* é o termo que ocorre com maior frequência no corpus. Por vezes, o termo PM de maior ocorrência é o termo-empréstimo que retém a ortografia transferida total ou parcialmente das línguas bantu, como acontece por exemplo com a ortografia que reflecte as consoantes aspiradas [k^h] [t^h] [p^h] em forma de *kh*, *th* e *ph* para indicar contraste com as consoantes não aspiradas [k] [t] [p]. Há muitos falantes que pronunciam os empréstimos no PM tal como pronunciam essas formações na língua de origem, em geral uma língua bantu.

Para além das *entradas* que constituem o Léxico de Usos propriamente dito, isto é o conjunto dos moçambicanismos, resolvemos também, e para comodidade do leitor, criar *entradas/vedetas* que se relacionam, se reportam ou que contextualizam moçambicanismos (p.ex., o item *Gauteng* ilustra este ponto, mas não é naturalmente um moçambicanismo) e ainda criar entradas com informação sobre as línguas mencionadas no texto e seus falantes. A ortografia que utilizámos em relação ao nome de cada língua bantu é a

ortografia aprovada num encontro nacional que ficou conhecido por *I seminário sobre a padronização da ortografia de línguas moçambicanas* realizado em Maputo em 1988 (publicação NELIMO/INDE, 1989).

Classificação das Entradas

Após as considerações feitas anteriormente, apresetam-se em seguida, e de forma sucinta, as categorias utilizadas para qualificar cada uma das *entradas* no presente Léxico de Usos:

D Discurso: nível macro-linguístico (para além da frase) que envolve especialmente considerações dos domínios da retórica, cognição e processamento da informação.

G Gramática: nível micro-linguístico; particular enfoque aqui em relações morfo-semânticas; também considerações sintáticas ao nível do sintagma, expressão ou frase.

I Idiomatismo, idiomático: o recurso a estruturas retóricas, expressões idiomáticas e traços da sabedoria popular (p.ex., nos provérbios) constitui uma ocorrência constante e frequente na conversação quotidiana.

E Estilo: variação na fala ou escrita de um indivíduo; varia de acordo com o tipo de situação, destinatário(s), local, tema de discussão, etc.; estilos *formal*, *informal* (fala e escrita), *coloquial* (fala) e *neutro* (uso em qualquer estilo). Indicam-se as variações estilísticas de acordo com a frequência dos contextos em que determinada formação falada ou escrita ocorre (ou ocorria, no caso das formações em desuso).

Rg Registo: linguagem ‘própria’ ou especializada de um grupo particular de indivíduos que tem a mesma profissão ou os mesmos interesses; *gíria; calão* (partida do uso habitual, geralmente com sentido depreciativo ou pejorativo).

Lex Léxico

Lc Co-ocorrência lexical (*collocation*): refere-se à forma como certas formações do PM tendem a associar-se ou a funcionar na companhia de outras; p.ex., *tirar dinheiro* (PE, ‘financiar’).

Le Empréstimo: formações do PM oriundas de várias línguas, como acontece, em particular, das línguas bantu; p.ex., *dumba-nengue*; os empréstimos, que constituem grande parte das palavras novas, são talvez o factor mais visível da mudança linguística, em geral, e da mudança semântica, em particular; tipos especiais de empréstimo: a tradução ou calque (*loan translation*) e a reduplicação.

Ln Neologismo: novas formações (palavras ou expressões) criadas ou introduzidas no PM a partir de bases do PE, p.ex., *bichar, cronicar, falar alto*, ou a partir das línguas bantu/ outras línguas, p.ex., *ganguiçar* (do Bantu), *bizniceiro* (do Inglês); neste segundo caso há uma relação estreita com os processos de empréstimo.

Ls Significado: formações PM com significados diferentes dos significados da variedade PE; tipos de mudança semântica (extensão, restrição, transferência, generalização e uso figurativo).

S/C Sócio-cultural: traços socio-culturais específicos da vida moçambicana e que reflectem, muitas vezes, aspectos que não existem ou que não são muito realçados na realidade em que funciona o PE, ou em realidades de outras variedades do Português.

Entrada: exemplo-padrão

gueva gweva, n., Le, “Se precisares de muitos ovos, fala com a Marta que é gueva no mercado Malanga”.

Significa compradora-revendedora...Do Xhosa *igweva*,..., Zulu *gweva*,...,>Xichangana, Xironga, Xitshwa *gweva*> PM *gueva*. Coloq. R.

Os constituintes desta entrada são:

1. Palavra de entrada; neste caso *gueva* a negrito.
2. Formas ortográficas alternativas; neste caso *gweva* (das duas formas, a de maior ocorrência é sempre indicada em primeiro lugar).
3. Classe da palavra ou designação gramatical; neste caso *n.* para *nome*.
4. Classificação linguístico-discursiva (veja *Categorias em Classificação das Entradas*); neste caso *Le* indica que se trata de um *empréstimo* (domínio do Léxico).
5. Ilustração (retirada do corpus); aqui, “Se precisares de...”.
6. Definição da palavra; neste caso, *Significa compradora...*
7. Etimologia que, neste caso, relaciona a palavra PM *gueva* com a forma do Xichangana, Xironga e Xitshwa de que é derivada, tendo esta última evoluído do Xhosa ou do Zulu (o sinal > significa *derivar de*).
8. Estilo coloquial, neste caso (indicado também o *Registo* quando necessário e for possível fazê-lo).

9. Difusão: neste caso *R*, que significa *Regional* (i.e., o termo tem frequência de uso em duas ou três Províncias; a frequência noutros casos pode ainda ser a nível *nacional* (N) ou a nível *local* (L).

A

abastecimento n., S/C, “Já levantaste o abastecimento deste mês?”

Significa *rancho (racionado)* de alimentos e outros produtos, que foi prática durante um período de grandes carências no país, em particular na década de 80, com a entrada em vigor do Novo Sistema de Abastecimento; tb. *racionamento*. Estilo neutro. N.

abertura conversacional D (em forma de cumprimento).

A: “Bom dia. Como está?” B: “Bem, obrigado. Não sei por aí?” A: “Também estou bem”.

A expressão *estar normal* tb. é comum ouvir-se no acto de resposta a um cumprimento. Veja *normal*.

O padrão de intercâmbio típico de aberturas é a), b) ou c) tanto no PE como no PM, d) e e) no PM. Naturalmente as rotinas de saudação variam de acordo com a idade dos interlocutores (jovem:jovem, adulto:adulto, adulto:jovem) o seu estatuto social, o seu lugar de origem (campo:cidade) e outros factores.

PE/PM

- a) A: cumprimento (do tipo p.ex., Bom-dia)
B: cumprimento+pergunta sobre a saúde de A
A: resposta à pergunta+ pergunta sobre a saúde de B
- b) A: cumprimento
B: cumprimento
A: pergunta sobre a saúde de B
B: resposta à pergunta+pergunta sobre a saúde de A
- c) A: cumprimento+pergunta sobre a saúde de B
B: cumprimento+resposta à pergunta.

PM

- d) A: cumprimento+pergunta sobre a saúde de B
B: resposta à pergunta+pergunta sobre a saúde de A

A: resposta à pergunta

- e) A: cumprimento+pergunta sobre a saúde de B
B: resposta à pergunta+informação adicional sobre a saúde da família+pergunta sobre a saúde de A
A: resposta à pergunta+informação sobre a saúde da família.

abrir vb., G, Ls, “Ele abriu para a Suazilândia”.

Significa *ir (para)*, mas com sentido de partida um tanto ou quanto desautorizada, ilegal. Rg: muito frequente em círculos juvenis. Coloq. N. Veja tb. *bazar*.

acabar **acabar dias**/meses/semanas; exp.vb. G, Lc, Le, “Acabei seis semanas sem vencimento”.

Significa *ficar dias/etc.* Co-ocorrência formada por processo de calque. Das línguas Xitshwa, Xironga e Xichangana *kuheta masiku/tiwheti/ mavhiki*. Do Emakhuwa *okhala/omala mahuku/myeri*. Informal. N.

achar n., S/C.

Tipo de conserva picante de frutos ou vegetais, cortados aos bocados ou às rodelas, em óleo ou vinagre, com piri-piri e outras especiarias. Diz-se *achar de manga*, *achar de limão*, etc., conforme o ingrediente. Do Persa [atsjar] conserva>Urdu, Gujarati [atjar]>PM *achar* (tb. no PE, conjunto de ingredientes semelhantes). N.

acordar morto exp.vb., Lc, Le, “O Bruno parecia estar bem quando o vi na missa no Domingo, mas acordou morto na Segunda-feira”.

Co-ocorrência lexical para referir a *morte de alguém durante a noite*. Por influência das línguas bantu, como p.ex., Xichangana, Xironga e Xitshwa, *apfukile naafile himuvulo*. Estilo neutro. R.

afinal! interj., Ls, A: “Falas bem Português”. B: “Afinal!”

Palavra que expressa espanto ou admiração, ou espanto e admiração. Significado equivalente a *Ah é? Achas*

mesmo? Coloq. N.

afinar vb., Ls, “João, afina o pessoal, não podemos deixar ficar ninguém na paragem”.

Acto de obrigar as pessoas a juntarem-se mais umas às outras, apertando-se, de modo a permitir que mais passageiros entrem no veículo. Rg: termo que ocorre, em particular, nos transportes semi-colectivos conhecidos por *chapa-cem*. Informal. L.

Afrikaans

Uma das onze línguas oficiais da nova África do Sul; no passado o Afrikaans e o Inglês eram exclusivamente as duas línguas oficiais. Amplamente utilizada como língua segunda, o Afrikaans desenvolveu-se originariamente a partir do Holandês falado no Cabo. É língua materna da comunidade de Afrikaners/Afrikanders (descendentes do *Dutch Afrikaan*) e de grande parte da população mulata.

agente(s) da coroa veja *crown*.

agorinha adv., Ln, “Não vendas a ninguém este lenço, trago o dinheiro agorinha”.

O termo *agora* tomou a forma *agorinha* para expressar a brevidade com que o acto se realiza. Isto é, *agora mesmo*, já, imediatamente. Coloq. N.

AGP S/C.

Acrónimo: Acordo Geral de Paz assinado em 1992, em Roma, entre Joaquim Chissano, Presidente da República de Moçambique e Afonso Dhlakama, Presidente do Partido Renamo; o Acordo pôs termo a uma guerra que durou vários anos entre a Frelimo e a Renamo e que teve início poucos anos depois da Independência Nacional de Moçambique em 1975. Uso formal. N.

água água que se entorna não se apanha I. No PE, *o que não tem remédio, remediado está*. Por influência de línguas como p.ex., o Cisena, *madzi anga bomeka ngabe*

lokotiwa, o Cinyungwe, *madzi anga taika nga lototiwa* e várias outras, entre as quais, o Xichangana, o Xironga e o Xitshwa. Coloq. N.

aikona interj.coloc. Le, D. A: “O teu marido costuma bater-te? B: “Aikona! Se isso acontecer, vou ao GD”.

Negativa enfática *nunca!*; *jamais na vida (na vida dele/dela)*. Xhosa *hayi* Zulu *hhayi*, **não**+Xhosa *kona* Zulu *khona*, **aqui, ali**> Fanagaló *ikona*>Xichangana *haikona*> PM *aikona*. R.

ainda adv., G, D, A: “Chega esse copo de água?” B: “Ainda.” (significa *ainda não chega*).

C: “Aquela senhora não apareceu mais?” D: “Ainda.” (significa *ainda não apareceu*). Como resposta a interrogação, seja esta positiva ou negativa. Uso informal. N.

ajudar se ajudares o filho de alguém, marca-lhe a orelha. I. Significa que quando se ajuda alguém numa situação difícil, e porque o mais provável é contar com ingratidão, é preciso fazer lembrar a essa pessoa que nos deve um favor. Do Xitshwa, *loku ufuya mwana wa munthu, tsema ndleve*. Formal. R.

AKM n., S/C, “Os assaltantes do banco estavam munidos de AKM”.

Espingarda de assalto de fabrico russo; tb. conhecida por *AK 47*, acrónimo da língua russa *Automat Kalashnikova* (do seu criador M.T. Kalashnikov, modelo de 1947) e, por vezes, referida coloc. por *Kalashi*. Arma empregue durante a luta de libertação nacional e assumida como símbolo de resistência à dominação colonial. Símbolo constante tanto da primeira versão como da actual versão da bandeira nacional de Moçambique. Tb. arma utilizada com frequência na prática do crime. N.

alarmar vb., Ln.

Significa *instalar um alarme* numa viatura ou residência.
Coloq. R.

alfa n., Ls, “O Domingos passou aqui com a sua alfa”.
Significa *amante*. Entrada no PM prov. por influência das
novelas (telenovelas) brasileiras. Coloq. R.

alta, alto adj.,G (antes do n.) boa (bom), impressionante,
muito bonita (o), agradável; *alta mulher; alta cena, alto*
carro. Coloq. N.

altamente adv., G, “No fim de semana fui a uma festa
altamente organizada”.

Significa uma festa *em grande*; uma festa de que se
gostou muito. Tb. usado no PE. Informal. N.

alternância de tratamento G, D, “Jovem, tens 25 anos?
Então participe”. “Venha à Costa do Sol e traz uma amiga
para dançar”. “Entra e feche a porta”. “Joga seguro. Evite
o SIDA”. “Diga que estás contente, porque passaste”.

Alternância no uso das formas de tratamento informal e
formal numa mesma superfície discursiva, acompanhada
da correspondente marcação das realizações verbais; uso
alternado das formas *tu* e *você* (ou vice-versa) no mesmo
enunciado, frequentemente em contextos em que ocorre o
modo verbal imperativo numa das realizações verbais ou
em ambas. Uso formal e/ou informal. N.

Alto-Maé S/C, “Muita gente vive no Alto-Maé”.

Bairro habitacional e comercial muito populoso da cidade
de Maputo, a capital de Moçambique. Designa o local
que outrora esteve sob jurisdição do chefe tradicional
Mwayeye; com o tempo, o nome foi sendo grafado de
outras formas até chegar a Maé. Como se tratava de uma
zona elevada, o bairro terá passado a ser conhecido por o
Alto do Maé e daí a sua designação. N.

amanhecer vb., Ln, “O Jonas amanheceu na festa de
Sábado”.

Significa *ficar, permanecer* em certo lugar até ao romper da manhã; passar a noite até ao nascer do sol. Tb. usado para coisas, objectos. “O carro amanheceu em Xai-Xai antes de seguir viagem para Inhambane”. Informal. N.

amendoim veja *descascar amendoim*.

amendoim quem come amendoim se esquece, mas quem deita fora as suas cascas não, I. Significa que quem comete uma injustiça esquece-se normalmente de a ter cometido, mas quem é injustiçado nunca de tal se esquece. Da língua Xitshwa. R. Estilo neutro. L.

à minha trás loc.adv., G, “À minha trás no cinema estava o professor”.

No PE, *atrás de mim*. Por analogia e paralelismo com a expressão *à minha frente*. Uso formal e informal. N.

anelamento n., Ln, S/C; pedido de noivado. N.

anelar vb., Ln, “O Celestino vai anelar a sua noiva no próximo Sábado”.

Anelar é o acto em que as famílias dos noivos legalizam a relação conjugal destes; o noivo formaliza junto dos pais da noiva a satisfação dos requisitos necessários para que a menina (noiva) possa sair de casa dos pais. Por vezes, para determinadas famílias, esta cerimónia tem o sentido de *lobolo*; outras vezes, a cerimónia associa-se ao casamento civil. Formal. N.

animar vb., S/C, “Esta novela, sim, anima”.

Significa *agradar, ser do agrado*. Rg: frequente no seio de adolescentes. Coloq. N.

antepassado adj., Ls, “O eclipse do sol não aconteceu no ano passado, mas sim no ano antepassado”.

Significa *período anterior ao período imediatamente passado* ou seja, neste caso, há dois anos. Usa-se com frequência em relação a *ano, mês* ou *semana*. Formal. N.

antigo combatente exp.n., S/C.

Guerrilheiro da luta armada de libertação nacional desencadeada pela Frelimo contra o colonialismo português, 1964-74. N.

apa veja *roti*.

apanhar vb., Ls, “Só naquela farmácia é que apanhei o medicamento que o médico receitou”.

Significa *conseguir, encontrar*. Uso formal e informal. N.

apanhar (doença) vb., exp.vb., G, Ls, Lc, “O Felício apanhou, por isso anda a tomar antibióticos”.

Significa *contrair uma doença venérea*. Na ocorrência mais habitual da expressão a forma verbal não é acompanhada do objecto, como acontece no caso da ilustração. Coloq. N.

apanhar grávida exp.vb., G, Ls, Lc, “Finalmente, a Joana apanhou grávida”.

Significa *engravidar; estar grávida, ficar grávida*. Uso formal e informal. N.

apanhar sono exp.vb., G, Ls, Lc, “Ontem não consegui apanhar sono antes da meia-noite”.

Significa *adormecer, dormir*. Informal. N.

apartheid n., S/C.

Termo de elevada frequência de uso em finais da década de 70 e durante os anos 80, período em que Moçambique sofreu intensamente, de forma directa e indirecta, a agressão militar das forças do apartheid; o termo significa *segregação racial; discriminação; conceito de ‘desenvolvimento separado para cada grupo de cor diferente’*—conceito este desenvolvido em discussões político-religiosas desde os primeiros anos do século XX e estabelecido oficialmente em forma de ideologia pelo Partido Nacional da África do Sul em 1948. O fim do sistema do apartheid, que teve repercussões negativas em todos os países da região da África Austral, ocorreu em

1991. Do Afrikaans *apart*, separado+sufixo *-heid*, estado, condição. N.

apóstolo doze apóstolos exp.n., Ls, S/C, “A 24 de Julho está cheia de doze apóstolos, é melhor irmos pela Eduardo Mondlane”.

Expressão para designar a *polícia de trânsito*. A origem da expressão reside na cor branca de parte do fardamento do polícia de trânsito, por analogia às vestes brancas usadas pelos membros da congregação religiosa ‘doze apóstolos’. Do ponto de vista da polícia, a expressão é pejorativa. Coloq. R. Veja tb. *patinho*.

apreciar-se (a moeda) vb., Ln, “Depois da desvalorização, o metical começa a apreciar-se”.

Significa *valorizar-se*; *fortalecer-se*. Criação do termo prov. por oposição a *depreciar-se*, PE. Formal. N.

aprovar aprovar o caril; aprovar o vestido exp.vb., G; no PE, *provar*. Argumenta-se que *aprovar* se estabeleceu no PM com base em parte na construção perifrástica “estar a **provar...**” (p.ex., ela está a provar o molho”). O significado corrente de *aprovar* é testar+avaliar. Estilo neutro. N.

aquela hora de loc.adv., G, “Aquela hora das doze é boa altura”.

Significa *cerca de (horas)*, *por volta de (horas)*. Formal e informal. N.

Árabe

Língua da família Afro-Asiática (Semítica) falada, como língua materna nas suas oito variedades principais, por cerca de 200 milhões de pessoas na Península Arábica, Médio Oriente e Norte de África; o Islamismo fez do Árabe língua com influência sobre cerca de um bilião de crentes. Em Moçambique milhares de pessoas compreendem a língua.

arquitecto **arquitecto da unidade nacional** exp.n., S/C.

Expressão usada, formal ou informalmente, para referir a Eduardo Mondlane, o primeiro Presidente da Frelimo, Frente de Libertação de Moçambique. Estilo neutro. N.

articulado veja *papa-bichas*.

assistir (televisão) vb., exp.vb., Lc, “Desculpa-me mas tenho que ir, chegou a hora de assistir”.

Significa *ver televisão*; a forma *assistir* com o objecto omitido é frequente em contextos informais no PM. Tb. *assistir vídeo, ver cassetes de vídeo*. N.

até lá loc.prep., G, “Amigo José, queria convidar-te para a minha festa de anos. A morada está no verso. Até lá.”

Significa *até ao dia, até esse dia chegar*. Informal. N.

autentical n., Ln.

Modo de designar informalmente a divisa, habitualmente o dólar norte-americano. Processo morfológico de fusão (*blend*): autêntico+metical. Veja tb. *metical*. Coloq. N.

Avémária n., Ls, “O machimbombo que fez a rota das 23 horas para Magoanine foi um Avémária”.

Designação atribuída ao machimbombo (autocarro) da marca *AVM*, entendida como acrónimo da cunhagem popular Avémária. Informal. L.

avião n., Ls, “Aquele homem é um avião”.

Sinónimo de *gataço* ou *estrutura*. Homem com bom físico, bonito e bem constituído.

à vontade exp.adv., Ls. A: “Com a experiência do Ernesto, se ele se candidatar, vai conseguir o emprego”. B: “À vontade”.

Significa *sem dúvida; com certeza; certamente*. Processo de extensão semântica. Est. Neutro. N.

B

bá dar bá exp.vb., Lc, S/C, “Ritinha, vai dar bá à avó”.

Forma íntima para significar *beijo*. Ocorre em situações de comunicação informal, geralmente envolvendo crianças. N.

baba n., Le.

Forma moçambicana (e africana, em geral) de tratamento ou de referência a um parente mais velho e do sexo masculino; tb. forma de respeito para com um homem mais velho. Do Zulu para várias línguas bantu moçambicanas, como p.ex., o Cishona *baba*. Formal. N.

babalaza babalaze, n., Le, “Acordei com uma terrível babalaza”.

Ressaca; efeitos (desagradáveis) posteriores à ingestão de álcool em excesso ou à ingestão alternada de bebidas com diferentes teores alcoólicos. Do Inglês *bubble-arse* (?), Afrikaans *babalaas*> Zulu *ibhabhalazi*> Xichangana *babalazi*> PM *babalaza*. Rg: calão. Informal. R.

babalazar vb., Le, Ln, “Encontrei a malta a babalazar sobre o jogo de ontem”.

Significa *falar muito*. Equiv. a *bulabular*, conversar, e poderá não haver necessariamente qualquer associação com a ressaca e o próprio acto de beber. Coloq. R.

babalaze veja *babalaza*.

babar vb., Le, “Andas a babar-me para teres melhor nota”.

Significa *aliciar*; *bajular*. Do Xichangana, Xironga e Xitshwa *kubaba*, usar de artimanhas para obter certos favores ou conseguir algo de alguém. Coloq. N.

bacecola veja *bacicola*.

bacela n., Le “Está bem, já contou as cinco tampas de amendoim, agora falta a bacela”.

Significa *dar a mais (em excesso)* para além do que é devido no acto de compra de um produto (em geral,

amendoim, castanha, legumes, fruta, peixe, rebuçados) ou do pagamento de serviços prestados; presente, dádiva, mimo, oferta, marca de gratidão. Ver tb. *saguete*. Prov. do Inglês Indiano *buckshee*, Xhosa *basele*, Zulu *ibhanselo*, Afrikaans *pasella*>Cicopi, Xichangana, Xiron-ga e Xitshwa *basela*> PM *bacela*. Coloq. N.

bacelar vb., Le; *dar bacela; gratificar*.

bacicola bacecola n., S/C.

Significa *bicicleta*, em registo restrito e informal; sinónimo de *burra, ginga*. Inf. L.

badjia bajia n., Le.

Tipo de *frito condimentado*, muito apreciado, feito à base de farinha de feijão. Orig. confeccionado à base de farinha de grão. Do Árabe, Urdu [bhajya], Gujarati, Hindi>PM *badjia*. Est. neutro. N.

baigonar vb., Ln, Ls, “Tenho que baigonar a casa”.

Significa *aplicar insecticida*. Termo recente e popular, tb. consagrado na imprensa através das crónicas de Pedro Chissano. Forma verbal constituída a partir do nome *Baygon*, marca de insecticida que é também utilizada para referir qualquer tipo e marca de insecticida. Processo de *generalização semântica*. Coloq. R.

bajia veja *badjia*.

bala adj., Le, S/C, “Aquela pita é bala”.

Significa *atraente, bonita*. Utilizado em relação ao sexo feminino tanto por parte de jovens como por adultos. Coloq. R.

balalaica n., S/C.

Indumentária; tipo safari, de linho, sarja ou outro tecido muito usado no tempo colonial (pelo colono) e no período pós-Independência (em particular, pelas autoridades/estruturas). Neutro. N.

balecar vb., Le. “Jonas, estás a balecar a malta porquê?”

Significa *abandonar* (alguém), *retirar-se*. Empréstimo das línguas Xichangana, Xironga e Xitshwa *kubaleka*, fugir, abandonar. Coloq. R.

banca n., Ls, “A minha mãe acaba de abrir uma banca no Janete”.

Local num mercado (formal ou informal) para venda de produtos alimentares e outros, frequentemente legumes e fruta. Informal. N.

bandidos armados BAs, n., S/C.

Designação atribuída ao movimento guerrilheiro da Renamo que travou uma guerra contra o Governo da Frelimo e o seu projecto socialista de governação. Esta guerra, que causou numerosas vítimas humanas e que destruiu muitas infra-estruturas, teve início pouco depois da Independência nacional (1975) e durou até à assinatura dos Acordos de Paz de Roma em 1992. O termo caiu em desuso no contexto de reconciliação pós-1992. Est. neutro. N.

bandos n., Ls, S/C, “Os bandos foram responsáveis pela destruição da rede comercial na nossa Vila”.

Termo que passou a ser utilizado com o mesmo significado de *bandidos armados*, oposição armada (força destabilizadora conhecida por MNR e, mais tarde, por Renamo) contra o Governo da Frelimo. Rg: calão, sentido depreciativo. Coloq. N.

bangue veja *bangui*.

bangui *bangue* n., Le.

Significa *suruma*, *marijuana*, *droga*; **fumar bangui** fumar *suruma*. Gíria. Na Índia, onde o seu uso é muito antigo, *bangui* refere-se a folhas secas e hastes de cânhamo que se fumam ou comem. O termo introduziu-se nas línguas da África Austral e, no caso de Moçambique, no Xichangana, Xironga e Xitshwa

mbangui. Rg: gíria. N.

banguene n., Le, “Às Sextas-Feiras muitos homens passam a noite no banguene do Sr. Langa”.

Significa *barraca*, *tasca* ou mesmo *taberna*. Empréstimo da língua Xichangana. Orig. *banguene* designava o local onde se fermentavam e consumiam bebidas alcoólicas, geralmente nas zonas rurais. Termo cognato de *bangue*? Est. neutro. R.

baneane baniã, baniane n., Le, S/C, “Os baneanes trocavam tecidos por ouro e marfim na costa de Moçambique”.

Termo para designar os *comerciantes hindus* que desde há séculos exerciam actividade comercial na África Oriental e nas Ilhas do Índico. A sua presença no território que hoje é Moçambique data, segundo fontes escritas, pelo menos do início do século XVI, intensificou-se nos séculos seguintes e só no século XIX a sua importância decresceu. Os tecidos de Guzarate eram trocados por ouro e marfim, embora a sua actividade se tenha alargado também a outros domínios. Do Sânscrito>Gujarati [vaniya], sing. [vaniyan] e pl. Est. neutro. N.

baniã veja *baneane*.

baniane veja *baneane*.

banja n., Le, S/C, “Os velhos estão numa banja”.

Termo que significa *reunião* onde se resolvem assuntos relevantes de uma comunidade. O significado habitual é o de conselho de anciãos. Mais recentemente passou também a significar conselho de família. Do Zulu e Xhosa *ibandla*, assembleia, reunião clânica, congregação religiosa>Xichangana *bhandla*>PM *banja*. Est. neutro. N.

banqueiro veja *comer banco*.

banto banta(s) veja *bantu*.

bantófono adj., Ln.

Termo usado para realçar que mais do que um país *lusófono*, Moçambique é um país *bantófono*, ou seja que a maioria da população fala línguas bantu como línguas maternas. Em muitos casos, o moçambicano fala duas ou três línguas bantu, para além de outras, incluindo o Português. Coloq. N.

bantu banto/a(s), n., adj., Le.

Língua do principal Grupo (Bantu) da maior Família linguística africana (Niger-Congo), uma das mais importantes famílias do mundo. O grupo Bantu consiste em cerca de 500 línguas faladas por mais de 100 milhões de pessoas. O termo, cunhado por W.H. Bleek em 1862, refere-se a relações genéticas e tipológicas (sistema de classes nominais como importante traço distintivo de uma língua bantu), e significa homens, povos, pessoas (pref. pl. *ba-* + raiz do n. *-ntu*, homem, pessoa). As línguas bantu são faladas nas regiões equatorial e austral de África. Formal e informal. N.

barraca n., Ls, “O João passou toda a noite a beber na barraca do tio Nhaca”.

Significa *quiosque*, *mini-bar* instalado numa construção de madeira, chapa metálica ou blocos de cimento. Os contentores têm igualmente sido aproveitados para instalar barracas. A barraca funciona, regra geral, em regime de comércio informal. Coloq. N.

barulhar vb., Ln, “Não consigo ouvir nada porque estão a barulhar”.

Significa *fazer barulho*. Uso mais frequente no norte do país. Coloq. R.

BAs veja *bandidos armados*.

bassopa passopa, interj., Le.

Significa *Cuidado! Atenção!* Do Holandês *oppassen*,

estar de alerta>Afrikaans *pas op*>Fangaló *bassopa*>Cicopi, Xichangana, Xironga, Xitswha *bassopa*>PM. Coloquial. N.

batedor, n., Ls, “O batedor conseguiu um BMW e agora está a querer vendê-lo”

Aquele que pratica o roubo de viaturas num determinado país e as faz introduzir noutra país. Ladrão de carros na África do Sul ou Suazilândia para depois os introduzir ilegalmente em Moçambique. Coloq. N.

bater vb., Ls, **1.** roubar (especialmente viaturas). “O miúdo do João bateu um carro na África do Sul”. Coloq. N. **2.** consumir (bebida). “Estive a bater umas cervejas com os colegas”. Coloq. R.

bater (não bater) cem exp.vb., Ls, Lc, I, “O André não é capaz de uma coisa dessas, ele bate cem”. “Este moço não bate cem, arranja-me sempre problemas com a polícia”.

Não bater cem significa *não ter juízo*. Embora ocorram as formas positiva e negativa, é mais frequente encontrar a expressão na sua forma negativa; refere-se ao comportamento desequilibrado de certos indivíduos. Informal. N.

bater portas exp.vb., G, “Para conseguir realizar este campeonato tivemos de bater portas”.

Significa *conseguir algo com dificuldade*, pedir auxílio para alcançar determinado objectivo, recorrer a muitas pessoas. No PE, *bater a todas as portas*. Est. neutro. R.

batida n., Ls, “O carro do João resulta duma batida na África do Sul”. “Ele fez uma grande batida na empresa”. Significa *roubo*. Coloq. N.

batimento n., S/C, “Estes cinco peixes são um quilo, não tenho batimento?”

Significa *dar a mais* para além do que corresponde ao

peso/medida do produto. O equivalente na Zambézia a *bacela*. Inf. L.

batuque tb. tambor, n., S/C.

No PM é habitual designar o tambor por *batuque*. O tambor existe praticamente em todo o Moçambique como elemento importante de cultura, com funções rituais e sociais. Há uma grande variedade de tipos de tambor, mas o maior grupo destina-se à música das festas e danças. O termo *batuque* também é, às vezes, utilizado para designar as festas (p.ex., “Hoje à noite há batuque no bairro”). Tb. designação do Partido Frelimo: *partido do batuque*, simplificação da designação integral **partido do batuque e da maçaroca**. Coloq. N.

Bayete interj., Le, “Bayete, Senhor Pedro”.

Forma de *saudação*, corresponde a *Viva! Salve!* Orig. constituía a saudação real dos Zulus; *bayede*, forma dialectal do Zulu *balethe*. Com Ngungunyane, passou a ser hábito realizar uma grande festa de exaltação ao Rei, à sua força, poderio e domínio. Chegada a altura, quando Ngungunyane aparecia com a sua corte era saudado com esta expressão, Bayete, pelos homens e mulheres das povoações sob seu domínio. Esta saudação continuou a ser usada em diversas situações já depois da ocupação colonial (p.ex. visitas de autoridades coloniais). Actualmente, o termo *Bayete* é às vezes ainda utilizado para saudar alguém com posição social mais elevada. Das línguas Xichangana, Xironga e Xitshwa. Formal e informal. R.

bazar n., S/C, Ls.

1. *mercado*. Do Persa [bazar], o termo terá entrado no Português por via da Índia. Est. neutro. N. **2.** vb., *ir-se embora, partir*; o mesmo que o termo informal *abrir*. “Como o professor ainda não apareceu, vamos bazar”.

Tb. usado no PE. Rg: gíria juvenil. Coloq. N.

bazar tuno n., Ln.

Mercado em Inhambane-sewi (designação da cidade capital da província de Inhambane: mais comum entre os cidadãos a designação *sewi*). Do Gitonga (*tuno*, locativo).
Formal e informal. L.

bazuca n., Ls.

Garrafa familiar (1 litro) *de cerveja*; o termo caiu em desuso. Coloq. N.

bebe-tchukumeta n., Le.

Garrafa/vasilhame (em geral, de cerveja) *não devolvível*.
Formação mista ou híbrida em que um elemento é de origem do Português e o outro das línguas bantu; *tchukumeta* é oriundo do Xichangana, Xironga e Xitshwa e significa *deitar fora*. Coloq. L.

bebinca n., S/C.

Doce feito com leite de coco, gemas, açúcar, farinha e essências, assado em camadas. Em Goa designa também outro tipo de doce que, para além do leite de coco, utiliza outros ingredientes. A bebinca parece ter sido trazida para a Índia e uma das possibilidades é que seja uma adaptação dos doces de convento portugueses, em que o leite de vaca teria sido substituído pelo leite de coco. No PM por via do Concanim. Tb. *bebinca* no PB. Est. neutro.
N.

beirense n., S/C.

Natural/habitante da Beira, a capital da Província de Sofala. O nome *Beira* terá sido atribuído em 1887 à povoação de Bangwe, junto à foz do rio Aruangwa (actual Pungué), em homenagem ao príncipe de Portugal D. Luís Filipe, Príncipe da Beira. Línguas faladas (como línguas **maternas**) na Província de Sofala: Cisena (59,4%), Cishona (33,5%), Português (2,6%) e Echuwabo

(1,7%). Est. neutro. N.

belecar vb., Le, “Maninha, beleca lá o Papaíto, quero ir ao mercado”.

Acto de transportar a criança às costas, envolta e segura por uma capulana. Ocorrência em contextos informais de comunicação. Do Xichangana, Xironga e Xitshwa *kubeleka*. Coloq. R.

beneficiente n., S/C, pessoa que demonstra qualidades, coragem e bravura; **o beneficiante morre no mato** D, I, significa que o verdadeiro herói nunca morre em casa, mas sim no campo de batalha. Por influência das línguas Xichangana e Xitshwa *masasane afela khwatini*. Est. neutro. R.

berrar berrar no exame exp.vb., Lc, Ls, “A Joaquina berrou em Matemática”.

Significa *chumbar*, não conseguir passar no exame. Prov. por analogia semântica a *dar o berro*. Coloq. N.

bicar vb., Ln, “Já estamos a bicar, professora”.

Significa *dormitar*, estar com sono; tb. *sonectar*. Coloq. N.

bicha n., S/C.

Significa *fila*. Informal. N.

bichar vb., S/C, “A população bichou toda a noite para conseguir comprar pão!”

Significa *formar bicha/fila*. Ocorre um processo de verbalização do nome; tb. **fazer bicha, marcar bicha**. Passado o período de maiores carências da década de 80, o termo passou a ser menos utilizado. Est. neutro. N.

bilinguista n., G, “Muitos moçambicanos são bilinguistas porque, para além do Português, têm pelo menos mais uma língua bantu”.

Termo popular para referir um *indivíduo que fala duas ou três línguas*, p.ex., língua bantu e Português, duas línguas bantu e Português, língua bantu, Português e Inglês ou

Português e Inglês. Processo de fusão (*blend*): bilingue+ linguista. Coloq. R.

biltongue n., S/C.

Carne seca e salgada às tiras (de vaca, avestruz, carne de caça e até de peixe). Holandês *bil* nádega+*tong* língua, referência à forma longa e estreita das tiras de carne>Afrikaans *biltong*, *bultong*>PM *biltongue*. Est. neutro. R.

bipar vb., Ln, “Logo que tiveres notícias sobre o resultado do jogo, bipa-me faz favor”.

Bipar é a verbalização do nome *BIP* como forma de nomear o acto de comunicação com alguém através do Telebip. Est. neutro. R.

biriani n., Le.

Prato de origem indiana que consiste em arroz condimentado (muitas vezes com açafrão) e lentilhas com vegetais, carne de galinha ou peixe. Do Persa [biryan, frito]>Hindi, Urdu *biryani*>PM *biriani*. Est. neutro. N.

biznar biznizar vb., Le, Ln, “O Zandamela está a biznar uma geleira”.

Significa *vender, negociar*. Do Inglês *business*. Rg: gíria. Informal. R.

biznizar veja *biznar*.

bizniceiro n., Le, Ln, “Este relógio não comprei a um bizniceiro qualquer”.

Significa *negociante, vendedor informal*. Aquele que bizna ou bizniza. Linguagem informal referindo-se a indivíduos que praticam negócios relativamente de pouca expressão. Inf. R.

bloquear a tranquilidade exp.vb., Lc.

Significa *perturbar a tranquilidade*. Coloq. L.

boa (uma) curtir uma boa; estar numa boa exp.vb., I, “Com o salário e as benesses de um deputado, eu também

estaria numa boa”.

Expressão informal que significa *estar em condições de gozar a vida*, estar bem na vida; tb. estar despreocupado, indiferente. Coloq. N.

bocado n., Ln.

Significa *alguém que fala muito*; pop. aquele que *manda muitas bocas*. Rg: gíria. Inf. L.

boer n., S/C.

Significa *agricultor (farmeiro) Afrikaner*; o termo em Moçambique é utilizado, em geral, para referir não só o sul-africano Afrikaner mas também o sul-africano de ascendência inglesa. A palavra no contexto do PM tinha, no passado, uma conotação muito negativa, mas mais recentemente tem vindo a perder esta conotação, apesar de ainda manter um certo sentido depreciativo. Do Holandês *boer* (boor) *farmeiro* > Afrikaans *boer* > PM. Veja tb. *neighbours*. Est. neutro. N.

boice n., Le, Ln, “O boice não veio, está incomodado”.

Significa *patrão*. Do Inglês *boss*, o termo *boice* (uso alternado entre *boice* e *boss*) é usado sobretudo pelos jovens. Veja tb. *patrão*. Coloq. R.

bolachas n., Ls, (na farmácia) “Arranja-me bolachas para a minha senhora?”

Significa *penso higiénico feminino*. Eufemismo. Forma indirecta para designar algo (neste caso, o penso higiénico feminino) que não se quer verbalizar directamente. O uso de formas deste tipo ocorre em relação a coisas ou situações que habitualmente não se verbalizam. A palavra *bolachas* é utilizada habitualmente entre pessoas (cliente e vendedor) do sexo oposto. Tipo de mudança: *transferência semântica*, i.e., palavra usada fora do seu habitual campo semântico no PE. Coloq. N.

boldar vb., Le, Ln, “Tens que boldar todas as palavras-

chave em cada capítulo”.

Do Inglês *bold*, emprega-se na linguagem informática para a função de *sublinhar a negrito* determinadas palavras com intuito de as destacar no texto. Rg: gíria. Informal. R.

bolinhas veja *suruma*.

bongola bongolo n., Le.

Significa *indivíduo limitado*; que não tem jeito para nada; sem educação. Pejorativo. Do Zulu *imbongolo*, mula, asno>Xichangana *bongolo*>PM bongolo(a). Coloq. N.; *bongolão*: coloq. e menos depreciativo que ‘bongola’. Processo de formação da palavra: *adopção*. R.

bongolo veja *bongola*.

boss veja *boice*.

botânica fazer botânica exp.vb., Lc, Ls.

Significa *fazer feitiço*. Formal e informal. N.

bottle store n., Le

Loja em que se vendem bebidas alcoólicas, por unidade ou em quantidade. O termo ocorre no Inglês (sul-africano), equiv. aos termos *wine merchant* ou *off-licence* (no Inglês britânico) que significa lit. o local licenciado para a venda de álcool somente para consumo fora do mesmo. Coloq. R.

boutique-inclina n., Ln.

Lugar onde se vende roupa em segunda mão, também conhecida por roupa das calamidades; *inclina* tem a ver com a posição corporal, mais habitual, do comprador. Neologismo formado pelo processo de *composição*. O local *boutique-inclina* tb. é, por vezes, designado por **boutique-vasculha**. Inf. R.

brada n., Le, “Meu brada, vamos beber”.

Forma de tratamento carinhosa e informal; *irmão*, *amigo*, pessoa muito próxima. Do Inglês *brother*. Inf. N.

brai n., Le, “Aos domingos muita gente faz brai na Costa do Sol”.

Churrasco; convívio ao ar livre ou piquenique em que se grelha carne (tb. peixe) num braseiro a carvão. Do Holandês *braden*, grelhar, assar>Afrikaans *bry*, *braai* (*braaivleis*=carne grelhada)> PM *brai*. Est. neutro. R.

bucar vb., Le, Ln.

Significa *estudar*, *marrar*. Rg: gíria estudantil. Do Inglês, *book*. Coloq. N.

bufaria n., Ln, “O caso foi cair na bufaria”.

Linguagem muito informal para designar *a polícia de segurança do Estado*. Do PE *bufo*. N.

bula-bula bulabula n., Le, Ls, “Deixa-te de bula-bula e vamos trabalhar”.

Conversa trivial, *mexerico*. Tb. *boato*; processo de extensão semântica em relação à língua bantu, a qual só tem o primeiro significado. Processo de formação da palavra: *reduplicação*. Do Xichangana, *kubula*, falar trivialmente. Coloq. N.

bulabula veja *bula-bula*.

bulabular vb., Le, Ln.

Significa *conversar de forma trivial*; falar mexeriqueiro; tb. *babalazar*. Coloq. N.

bulabulista n., Le, Ln.

Significa *conversador*, *mexeriqueiro*.

buma n., Le, “Não te esqueças de trazer buma para a malta”.

Das várias palavras do PM para referir a droga, *buma* é das que tem maior uso corrente (e especialmente entre os jovens). Significa *suruma*, *droga*, *marijuana*. Rg: gíria. Do Holandês *boom*, árvore, e da palavra cognata (palavra de origem comum ou relacionada) *Baum*, árvore em Alemão> Afrikaans>PM. Est. neutro. N.

bumado estar bumado, “Este indivíduo está bumado”.

- Significa *drogado*, ‘passado’. Coloq. N.
- bumador** bumarola n., Le, Ln.
Fumador de suruma; consumidor de estupefacientes. Rg: gíria. Est. neutro. N.
- bumar** vb., Le, Ln.
 Significa *fumar suruma*. Rg: gíria. Est. neutro. N.
- bumarola** veja *bumador*.
- burra** n., Ls.
 Significa *bicicleta*; o mesmo que *bacicola* e *ginga*. Coloquial. N.

C

- cabanga** kabanga n., S/C
 Tipo de bebida feita à base de farinha de milho, farelo de milho, água e açúcar. Tb. se utiliza farinha de mapira ou de mexoeira. O termo é originário das línguas bantu faladas nas Províncias de Sofala, Manica e Tete (prov. Cinyungwe e Cisená). Informal. R.
- cabedula** cabedulas n., Le.
 Termo usado para designar *os calções*. Le, “Vai comprar cabedula”. Prov. do Cinyanja *kabudula*. Termo muito usado durante o período colonial. Coloq. R.
- cabedulas** veja *cabedula*.
- cabrinha** a **cabrinha morreu de alegria** D, I, expressão utilizada para aconselhar a ponderação e a redução dos excessos quando se alcança o que se pretende. Calque do Xichangana, *ximbutani xife hikutsaka*. Segundo a lenda, uma cabrinha, após amamentar-se, desatou aos pulos, trepou a uma árvore, descuidou-se e caiu, acabando por morrer. Formal. R.
- cabritismo** n., Ln, D, S/C “Nesta escola só reina o

cabritismo, que futuro para as nossas crianças!”

Sinédoque da metáfora animal em Xichangana, *mbuti yija layingabohiwa kona* o cabrito come onde está amarrado. O cabritismo é uma manifestação de corrupção material e moral em que indivíduos se valem da sua posição nos serviços, instituições e no funcionalismo, em geral, para obter benefícios pessoais. Est. neutro. N.

cabrito o cabrito come onde está amarrado Le, D, I, “Meu amigo, o cabrito come onde está amarrado”.

Esta expressão constitui uma tradução literal da língua Xichangana, *mbuti yija layingabohiwa kona*. É uma imagem de como os changanas criam os cabritos. Estes, ao invés de irem à pastagem onde comeriam livremente, são amarrados num arbusto com cordas de extensão máxima de cerca de três metros e vão pastando sozinhos em círculo o capim à sua volta, enquanto os proprietários se ocupam de outras tarefas. Assim o animal está impedido de ir além do que lhe permite a extensão da corda. No contexto do PM, a expressão idiomática, que adquiriu cunho depreciativo, significa que o funcionário no seu local de trabalho se beneficia ilicitamente de bens ou favores. Ao longo dos anos, o idiomatismo foi sofrendo expansões semânticas, particularmente a de que o cabrito come onde está amarrado e de acordo com a extensão da corda. Ultimamente, fala-se também em **boísmo** para marcar a gradação progressiva da corrupção. Neutro. N.

cacana n., S/C, “O meu jantar ontem foi cacana com xima.”

O termo refere-se a uma planta tropical rasteira com aplicações diversas sobretudo na região sul de Moçambique como alimento, medicamento, etc.; prato confeccionado com base nas folhas desta planta. Dá frutos *tihaka* também comestíveis. Est. neutro. N.

cacata n., Le

Significa *avarento, forreta*. Est. neutro. R.

cacimba cacimbo n., Le, S/C.

Significa *neblina, nevoeiro*; fenómeno de condensação do ar que ocorre durante a estação fria no período nocturno (mais evidente de madrugada) devido às diferenças de temperatura entre a camada de ar e o solo. O termo parece ser de origem africana (prov. do Kimbundo, *kixima*). Est. neutro. N.

cacimbada n., Le, Ln.

Significa *uma forte cacimba*; **grande cacimbada** significa cacimba intensa, provocando visibilidade muito reduzida. Est. neutro. R.

cacimbar vb., Le, Ln.

Significa *cair cacimba*; **está a cacimbar**. Est. neutro. R.

cacimbo ver *cacimba*.

cadear vb., Ln, “Cadeaste a porta de entrada?”

Significa *fechar/trancar com cadeado*. Est. neutro. N.

cafreal galinha à cafreal.exp.n., S/C.

O termo *cafreal* é relativo a *cafre*; termo usado durante o período colonial para referir o africano negro. Orig. do Árabe *kafir*, que significa *infiel*, o termo era utilizado pelos árabes para referir qualquer indivíduo que não fosse muçulmano. Durante a colonização, o significado do termo restringiu-se, passando a ser utilizado de forma pejorativa. Apesar do contexto em que começou a ser utilizado, o termo *cafreal* na expressão *galinha à cafreal*, há muito utilizada, não tem tonalidades semânticas depreciativas; significa, sobretudo, *o modo local* de preparação da ave e o tipo de temperos usados, em particular o piri-piri. Neutro. N.

cair vb., Ls, “Já não vendo nada, estou a cair”.

Significa *ir à falência, falir*. Ocorre com frequência entre

os comerciantes e, particularmente, no seio de comerciantes informais. Inf. N.

cajuada n., Ln, S/C, “Estou com saudades de uma cajuada daqueles tempos”.

O mesmo que *xicadju*; tipo de bebida alcoólica confeccionada à base do cajú e muito apreciada em várias regiões de Moçambique. Segundo uma versão popular difundida na região sul do país, a actual redução de cultivo do cajueiro e conseqüente baixa de produção da bebida deve-se à quebra de certas regras tradicionais, como por exemplo, o abandono da prática gratuita de produção e consumo da bebida. Inf. N.

calamidade xicalamidade Le, Ls, S/C. “Graças às calamidades também pareço pessoa, nada tinha para vestir”.

Significa algo (em geral, *roupa usada*) adquirido através de *donativo* ou a baixo preço.

O termo surge num contexto sócio-económico difícil que associado à guerra e às calamidades naturais provocou carências de todo o tipo e colocou o país muito dependente da ajuda externa. Assim, o termo *calamidade* refere-se, em geral, à roupa em segunda mão ofertada neste contexto. Extensão semântica do item PE, significando desastre, grande mal. PE>Xichangana >PM. A palavra *calamidade*, do PE, entra na língua Xichangana como *xicalamidade*, estabelecendo-se posteriormente no PM com a forma do PE, mas com significado mais alargado, i.e., com o significado adquirido no Xichangana. Tb. por extensão semântica, a palavra é utilizada, de modo informal, para significar *mulher separada, divorciada ou viúva vivendo com um novo homem*. “O José casou com uma calamidade”. Est. neutro. N.

calcinha chá de calcinha exp.n., Ls, “A mulher do João deu-lhe chá de calcinha”.

Expressão para designar um *tipo de droga* que se diz que a mulher utiliza para enfeitiçar/prender a si o marido. No PM aparece também sob outras designações, como por exemplo *nkoteko* (empréstimo do Cinyungwe), *kotsolo* (do Xichangana), etc. Est. neutro. N.

califa veja *khalifa*.

camarada n., S/C.

Forma de tratamento inicialmente associada aos guerrilheiros da Frelimo, generalizou-se no período pós-Independência, inclusivamente para funções de administração pública (ex., camarada-director, camarada-chefe) ou simples relações sociais (ex., camarada-motorista, camarada Marta). Extensão semântica do termo no PE. O termo caiu em desuso, sendo actualmente utilizado sobretudo no seio do Partido Frelimo. Est. neutro. N.

camisete n., S/C.

Significa *camisola*, *T-shirt*. Prov. por influência do PB *camiseta*; o seu uso generalizou-se para marcar o apoio a uma personalidade política, a um partido, a um clube, etc. A camisete e o boné são usados em campanhas eleitorais, eventos e comemorações. Informal. N.

camueca n., S/C.

1. bebedeira. 2. acidente (de saúde); mal-estar; doença súbita. Coloq. R.

canalizar vb., Ls, “A contabilidade já canalizou o assunto à direcção”.

Significa *enviar*, *entregar*. Em geral utilizado em contextos de funcionamento administrativo; enviar algo (no caso, determinado assunto) a uma entidade para apreciação e decisão; tb. frequente *canalizar* apoios,

donativos etc.. “Canalize o seu apoio para a sede da Cruz Vermelha de Moçambique”. Formal. N.

candonga n., Le, Ls, “Com a abundância de produtos nos últimos anos, a candonga já não existe!”

Significa venda de produtos com preços acima dos fixados oficialmente; significa tb. mercado paralelo. O termo foi muito usado num período (em particular na década de 80) em que o país vivia carências de produtos diversos. Muitas vezes os produtos básicos eram açambarcados pelos comerciantes com o intuito de os fazer escassear para os encarecer. O termo é prov. originário da língua Kimbundo de Angola, significando nesta língua pequeno negócio, actividade de sobrevivência, e entrou para o PM por via do PE por um processo de expansão semântica. Est. neutro. N.

candongar vb., Le, Ln.

Significa *fazer candonga*. Est. neutro. N.

candongueiro n., Le, Ln.

Significa o *fomentador* (ou praticante) da candonga. Est. neutro. N.

caneco n., S/C.

Termo com certa conotação depreciativa para designar o natural de Goa (indiano cristão) ou os seus descendentes. A etimologia da palavra é incerta, havendo várias interpretações possíveis. Entre outras, as seguintes hipóteses poderão merecer consideração, a primeira por via da palavra e da função, a segunda por via directa da palavra: (i) *canacápole*, do Tamil [kanakapilei], significa escrivão, contador, gerente, administrador no sul da Índia. Da Índia e de Goa, em particular, vieram para Moçambique funcionários para exercerem funções deste tipo. Talvez por abreviação se tenha chegado ao termo (?canaca>caneco); (ii) *canaca*, do Tamil [kanakan], é o

membro de uma casta do Malabar. Para além de bons astrólogos, os canacas tinham por ofício fazer adargas (escudos de couro) e sombreiros (chapéus de abas largas e sombreiros de pé, significando estes últimos o guarda-sol e o guarda-chuva). Coloq. N.

canho ocanho n., S/C

Fruto do canhoeiro; fruto comestível principalmente utilizado para confeccionar uma bebida proveniente da fermentação do seu sumo. Esta bebida, muito apreciada, costumava ser ofertada, i.e., não podia ser vendida. O canho é geralmente bebido em conjunto por homens e mulheres, havendo o entendimento de que se trata de um estimulante, um afrodisíaco, e que por isso é necessário observar-se certas restrições. Est. neutro. N.

canhoeiro n., S/C, “Todos devemos preservar o canhoeiro porque é a fonte da nossa bebida sagrada, o canho”.

Árvore de porte não muito elevado cujo fruto (o canho) é muito apreciado e a partir do qual se obtém uma bebida igualmente apreciada. *Sclerocarya cafra*. Est. neutro. N.

cão o cão abana o rabo quando vê o dono D, I, significa o amparo dá-nos segurança e confiança. Por influência do idiomatismo em Cisena *manambwa uta kuonabwitse*. R.

capinar vb., Ln.

Significa *arrancar, extrair o capim* (erva) com uma enxada. Est. neutro. N.

capulana n., Le, “Esta capulana é da Textáfrika e comprei-a no Alto Molocué”.

Peça de vestuário de forma rectangular, de algodão, que as mulheres, em geral, ajustam à cintura ou sobre o peito. As capulanas, que podem ter muitas outras funções, compram-se normalmente aos pares, são de cor viva, contêm diversos motivos e dizeres impressos. São muito populares na África Oriental e Austral. Empréstimo do

Xironga *kapulana*. Formal e informal. N.

caqui n., Le, S/C.

Tecido de cor de barro/poeira muito usado em fardamentos militares, mas também para outros fins. O processo de dar ao tecido esta cor parece ter sido inventado por um químico suíço no séc. XIX que estava na Índia ao serviço do exército colonial britânico com o objectivo de tornar o soldado menos visível. Do Persa [khak], poeira, barro>Hindi [khaki], Urdu, Gujarati>Inglês *khaki*; Afrikaans *kakie*>PM *caqui*. Formal e informal. N.

caril n., S/C.

Molho feito com várias especiarias—piripiri, açafão, pimenta, cominhos, gengibre, tamarindo—e coco, cebola e alho para acompanhar o arroz, a apa ou a farinha. Diz-se caril de carne ou caril de peixe conforme o ingrediente; no PM o termo serve para designar qualquer tipo de molho. Prov.do Concanim [kori] ou do Tamil [kari]. Por processo de calque *arroz de caril* [xitkori]. Est. neutro. N.

carilar vb., Le, Ln.

Significa o acto de molhar a xima no caril. Coloq. L.

carregar (alguém) vb., Ls, “A ambulância carregou a doente”.

Significa *transportar*, levar. Inf. N.

carrinha n., S/C, “O João, como hoje trazia a sua carrinha, conseguiu levar todo o grupo de quinze senhores que precisavam de ir ao cemitério.”

Significa *automóvel ligeiro de caixa aberta*. Tb. *pick-up*. Est. neutro. N.

carro quente exp.n., Lc, Ls, “Não te aconselho a fechar negócio com esse senhor, porque está a vender-te um carro quente”.

A expressão é recente no PM e surge no contexto do

roubo frequente de carros na África do Sul e da sua importação ilegal. Quando entram em Moçambique têm circulação restrita por se recear que sejam descobertos pela polícia. Assim, *carro quente* significa carro que foi roubado ou que tem problemas de fuga ao fisco. Coloq. N.

casamento de macacos exp.n., S/C.

Fenómeno natural que consiste na ocorrência simultânea de sol e chuva; crença popular que diz que quando estes dois elementos da natureza se combinam, os macacos se casam. Significado transferido prov. do Zulu *umshado wezinkawu*. Há tb. interpretações aproximadas mas diferentes no contexto de crenças bantu de Moçambique como p.ex., para os machopes para quem o fenómeno significa simplesmente o momento em que os macacos estão a parir. Formal. R.

caso (um) hi taku ini, I, “O meu marido é um caso hi taku ini. O que fazer?”.

Significa *um caso perdido*, alguém que se tem de aguentar. Formação mista ou híbrida em que uma parte é de origem do Português, e a outra de uma língua bantu; *hi taku ini* é oriundo do Xichangana. Coloq. L.

catanar vb., Le, Ln.

1. desferir golpes com a catana. 2. (gíria) reprovam muitos alunos numa disciplina (“Aquele professor catanou muita gente”). *Catana*: faca comprida e larga muito usada no campo. Prov. da língua japonesa [katana], o termo foi popularizado na Ásia e em África. Inf. R.

catembar vb., Le, Ln.

Acto de misturar vinho (em geral, duas porções) com coca-cola (uma porção). Inf. N.

catembe n., Le.

1. região situada na margem sul da baía de Maputo. 2.

designação de bebida apreciada que consiste na mistura de vinho (em geral, tinto) com coca-cola. Est. neutro. N.

catembeiro n., Le, Ln.

Designação dada às embarcações que, no período colonial, faziam a travessia da baía entre a cidade capital e a Catembe. Est. neutro. L.

catorzinha n., Ln.

Prostituta muito jovem (uma garota), com idade compreendida entre os 12 e os 16 anos. De *catorze*. Inf. L.

cebolinha n., Ls, S/C, “O Tonito foi ao mercado comprar cebola e cebolinha”.

Termo popular para designar *o alho*.

cel veja *celular*.

celular cel n., Ln.

Telefone celular, mas *telemóvel*, do PE, também é utilizado, embora com tendência menos frequente. Prov. do Inglês *cell*. A forma abreviada *cel* tb. é muito frequente. “Não pude desmarcar o encontro porque o meu cel estava sem carga”. Est. neutro. R.

cena n., Ls, “Qual é a cena, meu?”

Com o significado de “O que é que se passa?” *Cena* pode ser *problema*, confusão, situação, ambiente. Tb. ocorre no PE. Processo de extensão semântica. Ocorre sobretudo no seio da camada juvenil; discurso informal. Tb. frequente é a expressão **sacar uma cena** com o sentido de *fazer figura que dê nas vistas*. “Hoje à noite vou sacar uma cena no cinema”. N.

chá tomar chá exp.vb., S/C.

Expressão para designar a primeira refeição do dia, composta muitas vezes apenas por chá e pão; tb. *tomar o pequeno almoço*, *matabichar*. Coloq. N.

chacuti n., Le, S/C.

Prato oriental feito com coco e temperos diversos utilizando-se a carne de vários animais como bovinos, caprinos e aves, e ainda certos mariscos. Há tb. chacuti de hortaliças e legumes. Prato apreciado em Moçambique, tendo já há muito sido integrado em menus nacionais. Do Concanim. Est. neutro. N.

chaia tareia; **dar chaia**; **receber chaia** exp.vb., Le, Ln.

Significa *dar/receber uma tareia*. Do siSwati e Zulu *kuxaia*.

chaina n., S/C, “Aquele chaina encanta-me imenso”.

Significa *uma jovem muito bonita*. Rg: gíria. Ocorre entre jovens que têm entre si fortes laços de amizade. Inf. L.

chambocar veja *chamboquear*.

chamboco n., Le.

Chicote feito de borracha ou de plástico para conduzir animais ou administrar punição; orig. feito de pele de rinoceronte ou hipopótamo. Do Malaio [*sambau*]>Urdu, Concanim [*chabuk*]>Holandês *tjambok*> Xichangana *samboca*> PM *chamboco*. PE, *cavalo-marinho*. Inf. N.

chamboquear chambocar vb., Le, Ln.

Acto de bater em alguém com um chamboco; dar uma chambocada; chicotar, chicotear; dar chicotadas. Est. neutro. N.

chamuça n., Le, S/C.

Frito de massa folhada, de origem indiana, a que se dá forma triangular, contendo habitualmente como recheio carne picada, peixe ou vegetais com vários condimentos, incluindo o piri-piri. Do Hindi [*samoosa*]. Est. neutro. N.

chanfuta n., Le, S/C.

Nome de uma espécie de madeira muito durável e bastante utilizada em carpintaria e na construção civil em geral. Do Xironga *nlhafutha*, nome da árvore. *Afzelia quanzensis*. Est. neutro. N.

chapa n., Ls, “Os chapas hoje andam cheios, agravado pelo facto dos trabalhadores dos TPM estarem em greve”.

Meio de transporte privado colectivo ou semi-colectivo de passageiros, operando predominantemente em áreas urbanas e peri-urbanas. Tb. conhecido por *chapa-cem*, **dar dinheiro de chapa** Lc, dar qualquer coisa (dinheiro) suficiente para apanhar o chapa. Est. neutro. N.

chapa-cem n., Ln, Ls.

O mesmo que *chapa*. Processo de formação da palavra através de duas formas-base (*composição*). Designação associada ao valor da passagem cobrada (100 meticais) quando este tipo de transporte começou a circular há uns anos. Est. neutro. N.

chapeiro n., Ln.

Significa *motorista* do chapa-cem. Coloq. L.

chapo-chapo veja *txapo-txapo*.

checar vb., Le, Ln, “Checa-me lá. Gostas dos meus sapatos?” Significa *verificar*, olhar para, apreciar. Do Inglês *check*. Rg: gíria. Usado com frequência especialmente no seio dos jovens. Coloq. N.

chefe n., Ls, “Pode atender aqui, chefe?”

Forma de tratamento utilizada amplamente em vários contextos (repartições públicas, restaurantes, etc.) quando se quer chamar a atenção e ser atendido rapidamente. Est. neutro. N.

chêhê n., S/C.

Líder religioso muçulmano; líder de uma mesquita. Termo utilizado no litoral norte do país. Provável desenvolvimento etimológico a partir de [sheik]. Est. neutro. N.

chibalo veja *xibalo*.

chibante n., Le, “Não há dúvida que a Susana é a chibante da turma”.

Significa *beldade*, beleza. Tb. como adj., *bonita*, elegante; muito bem arranjada. Do Cisena. Inf. R.

chicandarinha veja *xicandarinha*.

chifres o que tem chifres não se embrulha D, I, significa que não vale a pena esconder um problema pois este é sempre descoberto com o andar do tempo. Da língua Cisena *xina manyanga axifurikizawi*. Informal. R.

chigubo veja *xigubo*.

chiguinha xiguinha n., SC.

1. prato tradicional: preparado tipo puré de mandioca ou batata-doce com amendoim e, por vezes, também algumas verduras (cacana, p.ex.). 2. pessoa de cara muito feia (depreciativo). “A tua amiga é uma autêntica chiguinha”. Das línguas Cicopi, Xichangana, Xironga e Xitshwa. Est. neutro. R.

chikwembo xicuembo n., Le, “Chikwembo é grande, o José escapou por um triz neste acidente”.

Empréstimo da língua Xichangana, significa *Deus, entidade divina, força sobrenatural, espírito dos antepassados*. Acredita-se que o ser humano depois de morrer se torna num xikwembo; **ter chikwembo** significa *estar possuído de espíritos, ter poderes sobrenaturais*. Informal. N.

chima xima n., Le, S/C.

“Papás”, massa feita a partir de farinha de milho, mapira, mexoeira, mandioca. Das línguas Emakhuwa, Cisena, Cinyungwe. Designação equivalente na região sul do país: *ushua*. Est. neutro. N.

chimada n., Le, Ln.

Termo usado para designar uma refeição que inclui um churrasco acompanhado de chima. Est. neutro. N.

chimandjemandje n., S/C.

Ritmo resultante da fusão de muitos ritmos e criado pela

convivência entre os mineiros na África do Sul. Os mineiros oriundos de várias regiões juntavam-se nos momentos em que era possível, cantando e dançando. *Chimandjemandje*, que pode ser traduzido por *agora, agora*, foi introduzido e praticado em Moçambique por músicos como Alexandre Langa, Eusébio João Tamele, entre outros. Est. neutro. R.

chimoco veja *ximoco*.

chingombela veja *xingombela*.

chingondo xingondo n., S/C, “A Verónica casou-se com um chingondo”.

Cidadão oriundo da parte do país situada a norte do rio Save e assim referido por indivíduos da região sul, designadamente Inhambane, Gaza e Maputo. Empréstimo da língua Xichangana *xingondo*. Palavra onomatopaica e depreciativa. Originariamente, o termo não era, na sua essência, interpretado de forma pejorativa, mas actualmente é muito mal aceite por parte do cidadão do centro e norte do país. A origem do termo parece residir na percepção que os falantes das línguas do sul têm em relação ao modo (sons distintos) como falam os seus compatriotas além do Save (ngon-ngon-ngon). As pessoas mais idosas utilizavam uma palavra onomatopaica mais frequente, **chingerengue**, que agora caiu em desuso. Esta associação imagética e sonora parece encontrar eco na relação semântica do termo *chingondo* com um ritmo do norte de África e mesmo com o significado canção-orquestra. Outras percepções do termo por parte de indivíduos do norte (em particular, macondes e macuas): (i) que o termo poderá estar associado a *chigodo* em Xichangana, que significa *cepo*, tronco de árvore derrubada e ainda por trabalhar; (ii) que o termo está associado a *ngondo* em Shimakonde, que

significa guerra, pelo facto de se reconhecer que os macondes (e por extensão o indivíduo que provém do norte) foram os iniciadores da guerra de libertação nacional. Inf. N.

chipoco xipoco n., Le.

Espírito utilizado e dominado pelo feiticeiro nas suas práticas; crê-se que os chipocos obedecem às instruções dadas pelo feiticeiro, sejam estas para apoiar o trabalho na machamba, sejam para tomar posseção das vítimas e atormentá-las. Do Inglês *spook*, fantasma>Fanagaló *xipoko*>Xichangana *xipoko*> PM *chipoco*. Est. neutro. R.

chitique n., S/C, “Neste mês o chitique é meu”.

Designa-se por *chitique* o sistema rotativo de empréstimo de dinheiro entre os membros de um determinado grupo, sem cobrança de juros. Esta prática é comum entre colegas de serviços, vendedores de mercados, grupos de amigos, etc. A palavra significa também (i) o local de uma luta (p.ex., o ringue) e (ii) o local, fora da povoação, onde se ensaia a dança Makhwai. Origem ainda não apurada. Est. neutro. N.

chitolo xitolo n., Le, “No chitolo do Sr. Mamade vende-se arroz em sacos de 50 Kgs”.

Significa *loja*, *cantina*. Qualquer loja de comércio; tb. armazém, em certos casos. Por extensão semântica mais recente, a palavra passou a significar tb. *escritório*, gabinete/local de trabalho, lugar de negócios, etc. “Então, já tens ar-condicionado no teu chitolo?” Do Inglês *store*>Xichangana, Xironga e Xitshwa *xitolo*>PM *chitolo*. Inf. N.

chofista n., Le.

Significa *exibicionista*. Do Inglês *show off*. A forma verbal é, por vezes, também utilizada, **chofar**. Rg: gíria juvenil. L.

chova veja *txova*.

chovador veja *txovador*.

chova-xitaduma veja *txova-xitaduma*.

chuapar vb., Le, “Os estivadores chuapam açúcar no porto e escondem-no na roupa que vestem”.

Significa *roubar*; roubo de pouca monta que ocorre muitas vezes no local de trabalho. Do Xichangana *kushwapa*, surripiar. Coloq. R.

chuchar vb., Ls, “Finalmente chuquei a pita de que mais gosto”.

Significa *beijar* prolongada e apaixonadamente. Gíria juvenil. R.

chuinga n., Le.

Significa *pastilha elástica*. Do Inglês ‘*chewing gum*’. Coloq. N.

chumbo n., Ls, “O chumbo não chega para nada, por isso vamos fazer greve para a semana”.

Significa *dinheiro, salário*. Gíria. Tb. utilizado no seio juvenil. N.

chupa-sangue chupa-sanguismo n., Ls, S/C.

Muito embora os termos sejam reconhecidos a nível nacional, a maior frequência do seu uso ocorre em duas ou três províncias do país, especialmente na Zambézia. O *chupa-sangue* é uma crença em seres misteriosos que são supostos extrair à noite, por exemplo através de seringas, o sangue das pessoas que dormem, provocando a morte ou a anemia. O académico Carlos Serra acredita que a crença (uma verdadeira alegoria, na sua percepção) tem um fundamento político forte e representa uma crítica a um Estado sentido como sendo pouco redistribuidor. Nesta óptica, o neologismo procura, assim, captar um processo contestatário e não encerra em si nenhum conteúdo de registo do que é tradicional. Formação das

palavras por meio da junção de duas formas-base (processo de *composição*). Est. neutro. R.

chupa-sanguismo veja *chupa-sangue*.

Cicopi

Língua bantu falada por mais de 310.000 moçambicanos (2,5% da população do país, idade >5) nas seguintes Províncias de maior incidência de falantes: Inhambane (16%), Gaza (9%) e Maputo-Cidade (8%).

Cinco Grandes (os) exp.n., Le, “Quando é que voltamos a ver outra vez os Cinco Grandes na Gorongosa?”

Designação dada por pisteiros e caçadores às *cinco espécies animais* que consideram principais: o elefante, o leão, o leopardo, o búfalo e o rinoceronte. Tb. referidos como *Os Big Five*, por via inglesa. Expressão PM formada por processo de *calque*. Formal. R.

Cindau

Língua bantu, do grupo linguístico Cishona, falada por mais de 570.000 moçambicanos nas Províncias de Manica e de Sofala. Língua igualmente falada na República do Zimbabwe. Veja tb. *Cishona*.

Cinyanja

Língua bantu falada por mais de 470.000 moçambicanos (3,8% da população do país, idade >5) nas seguintes Províncias de maior incidência de falantes: Tete (35%), Niassa (16%) e Zambézia (3%). É tb. falada por mais de 5 milhões de pessoas na República do Malawi (onde é língua nacional e onde é designada pelo nome de *Chichewa*) e por cerca de 600.000 falantes na República da Zâmbia.

Cinyungwe

Língua bantu falada por mais de 350.000 moçambicanos (2,8% da população do país, idade >5) nas seguintes Províncias de maior incidência de falantes: Tete (31%) e

Manica (10%). Tb. existem bolsas linguísticas no Malawi, Zambia e Zimbabwe.

cinzentinho n., Ls, “O que é que quererá o cinzentinho desta vez?”

Significa *polícia comum* da via pública (PRM). Cor cinzenta do uniforme. Coloq. R.

cipaio veja *sipaio*.

Cisena

Língua bantu falada por mais de 870.000 moçambicanos (7% da população do país, idade >5) nas seguintes Províncias de maior incidência de falantes: Sofala (59%), Manica (30%), Zambézia (13%) e Tete (12%). Tb. língua de cerca de 350.000 falantes na República do Malawi.

Cishona

Grupo linguístico bantu que, em Moçambique, conta com mais de 777.000 falantes (6,2% da população do país, idade >5). O grupo é constituído principalmente pelas seguintes línguas/variedades dialectais: Cindau (>570.000 falantes), Citewe (>123.000), Cimanyika (>52.000) e Citawara (>20.000). As Províncias de maior incidência de falantes do grupo Cishona são Manica (54%) e Sofala (34%). Estas línguas/variedades (para além de outras) são tb. faladas na República do Zimbabwe (cerca de 8 milhões de falantes de Cishona), onde o Cishona-padrão se baseia na variedade Zeruru.

Ciyao

Língua bantu falada por mais de 285.000 moçambicanos (2,3% da população do país, idade >5) especificamente na Província do Niassa (43%). Tb. língua de cerca de 1.500.000 falantes na República do Malawi e na República Unida da Tanzania.

coça-coça n., S/C, “A minha filha não dorme por causa de coça-coça”.

Forma popular para referir a *sarna*, doença da pele. Inf. N.

coco água de coco é boa no seu coco D, I, significa que é melhor consumir as coisas no seu estado natural. Do Echuwabo. R.

cocuana veja *kokuana*.

cofió n., S/C, “Em Nampula, há muita gente que usa cofió”.

Designa um *tipo de chapéu*, uma espécie de pequeno gorro, em geral, bordado, usado por muçulmanos do sexo masculino, principalmente como marca de identidade socio-cultural e religiosa. Est. neutro. N.

coisa (essa) exp.n., D, “Essa coisa do combustível, nem avisam, só aumentam o preço e prontos”.

Expressão oral frequente que introduz o tema/assunto de forma topicalizada. Significa *em relação a, quanto a, falando sobre*. Coloq. N.

coisar vb., G, D, A: “João, porquê é que este rádio agora não funciona, estavas a...coisa...a consertar para ficar assim?” B: “Não coisava nada, apenas dava uma vista de olhos”.

Breve pausa no discurso oral informal enquanto se rebusca na memória o termo ou tópico pertinente ao contexto da fala. Inf. N.

coiso G, D, “Eu preciso de comprar...coiso...comprar cebolinha”.

Para referir algo que, no momento da fala, não ocorre ao falante. Inf. N.

colgate n., S/C.

Marca de pasta dentífrica que é utilizada para designar qualquer pasta dentífrica, independentemente da sua marca. O tipo de mudança semântica aqui ocorrido é a *generalização semântica*. Coloq. N.

colômbia n., S/C

Local onde se consome e trafica suruma. Gíria. Inf. R.
coma o que é seu, eu como o que é meu D, I, equiv. PE,
cada um por si, deus por todos! Do Gitonga *hodza, nhina
hodza sangu*. R.

comer banco Lc, Ls, “O António diz ser da selecção, mas
passa a vida a comer banco”.

A expressão *comer banco* é utilizada para designar um
elemento da equipa que se encontra em situação de
suplente e que raramente joga. Tb. se utiliza o termo
banqueiro com o mesmo significado de *comer banco*.
Coloq. N.

comer dinheiro veja *dinheiro*

cometido estar cometido exp.vb., Le “Esta nação está
cometida com os esforços da paz”.

Significa *estar empenhado; comprometer-se*. Do Inglês *to
be committed (to)*. Formal. R.

cometimento n., Le, “Registaram-se avanços significativos
na economia nacional devido ao cometimento do povo
com a paz e progresso”. Significa *empenhamento;*
compromisso; *engajamento*. Do Inglês *commitment*.
Formal. R.

Concanim Concani veja *Indo-Ariano*.

condições as mínimas condições exp.n., Lc.

Co-ocorrência frequente, em geral no âmbito das
expressões **ter as mínimas condições, haver as mínimas
condições**. “Já temos as mínimas condições para abrir o
curso no período pós-laboral”. “Estão criadas as mínimas
condições para o arranque das Universíadas 2000”.
Significa *ter as condições básicas*: ter os meios e recursos
necessários para o início ou desenvolvimento de uma
acção. Est. neutro. N.

confusionar vb., Ln, “Este senhor gosta de confusionar.”

É frequente o uso de *confusionar* para designar a acção de

causar sarilhos, criar distúrbios; tb. *confundir*. Inf. N.

confusionista n., Ln.

Aquele(a) que confusão, que provoca confusão. Inf. N.

conhecer vb., G, D, “Os alunos da cidade conhecem o que é estar sentado numa carteira”; *conhecem*, i.e., *sabem*.

“São pessoas que vivem fora da nossa realidade, não conhecem o que é não ter uma quinhenta”; *não conhecem*, i.e., *não sabem*.

“Isto começou em 1985 e dura até este ano, por isso tenho vontade de saber esta manobra”; *saber*, i.e., *conhecer*.

Os verbos *conhecer* e *saber* são, muitas vezes, usados alternadamente no PM, sem distinção de significado. Talvez esta situação se deva à influência exercida pelo substrato bantu. A forma verbal é a mesma nas línguas bantu para ambas as significações, tal como acontece no caso do Inglês. No Português e tb. p.ex., no Francês ou Alemão os dois significados são realizados através de formas distintas (know/saber, savoir, wissen; know/conhecer, connaître, kennen). Processo de generalização (perda de contraste na língua). Est. neutro. N.

contentor n., Ls.

Sinónimo de *barraca*. Em vários locais do país muitas barracas foram sendo instaladas, funcionando estas em contentores. Est. neutro. N.

continuador n., Ls.

Termo criado no contexto da luta de libertação e muito utilizado no período pós-Independência para referir as crianças como continuadoras da Revolução e enquadradas pela Organização dos Continuadores Moçambicanos. Com o tempo, o termo passou a ser utilizado para referência generalizada à criança, embora seja actualmente usado com menor frequência. Tipo de mudança semântica: extensão semântica. Est. neutro. N.

coopera n., Ln, “Temos bons cooperantes, mas há muitos cooperas por aqui que não sabem o que andam a fazer”.

Forma abreviada e, por vezes, depreciativa de *cooperante*. Rg: calão. Inf. R.

cooperante n., Ls.

Estrangeiro trabalhando em Moçambique através de contrato e, em geral, ao abrigo de acordos de cooperação com diversos países assinados no período pós-Independência. Distinguiu-se entre os cooperantes oriundos dos países socialistas (*internacionalistas* ou cooperantes internacionalistas) e os oriundos de outros países. Com o tempo e com as alterações ocorridas internacionalmente e no país, o termo *cooperante* adquiriu significados diferentes. Est. neutro. N.

cortar o ano exp.vb., Lc, “Nós vamos cortar o ano na praia do Bilene”.

Passagem do Ano Novo. Do Xichangana *kutsema*, cortar (passagem de um ano para outro).

cortinar vb., Ln, “Quero cortinar a minha casa”.

Significa *pôr cortinas*. Coloq. R.

crava n., Ln, “Este expediente não é crava nenhuma, é normal.”

Designa *pedido/processo/expediente* que, ao ser recebido numa repartição pública ou instituição, tem implícita uma gorjeta para o funcionário que o recebe, o encaminha e o acompanha até ao despacho. Relacionando-se com o vb. *cravar* e com o nome-humano *crava* no PE, o termo passou tb. a ser usado no PM como nome não-humano. Coloq. N.

cronicar vb., Ln.

Significa *escrever uma crónica*; vb. formado a partir do nome *crónica*, que passou a ser usado livremente. *Cronicando* foi o nome da rubrica que o reconhecido

escritor, e anteriormente jornalista, Mia Couto utilizou no jornal *Notícias* para publicar várias crónicas retratando a vida quotidiana ou episódios imaginados a partir da realidade moçambicana. Est. neutro. L.

crown n., Le, “Estes crowns não deixam passar nada”.

“Os preços são actualizados semanalmente de forma a que o importador saiba com antecedência quanto é que deve a agentes da coroa por cada produto importado”.

Tb. *agente da coroa*. Forma por que é conhecida a polícia aduaneira nas fronteiras e regiões vizinhas da Namaacha e Ressano Garcia no sul do país. A designação deve-se à associação estabelecida com a empresa britânica *Crown Agents*, contratada pelo Governo de Moçambique para a gestão do sistema das alfândegas, incluindo a formação do pessoal moçambicano. Formal e informal. R.

cuácia macuácia n., S/C.

Fruto silvestre comestível, esférico e cor de laranja, a partir do qual se obtém uma farinha de grande valor alimentar, a *fuma* (ou *nefuma*). A polpa, depois de separada das sementes é estendida ao sol a secar. Depois de seca é preparada, consumida ou guardada. Est. neutro. R.

cuchecuchar vb., Ln, S/C.

Acto de lançar os ossículos e conchas para adivinhar. Termo onomatopaico. Inf. N.

cuche-cuche n., Ln, S/C.

O tratamento que o cuchecucheiro faz; **fazer cuche-cuche** ir à consulta do cuchecucheiro. Termo onomatopaico. Inf. N.

cuchecucheiro n., Ln, S/C, “O meu vizinho foi ao cuchecucheiro. Quer saber as eleições, quer saber quem ganha?”

Significa *adivinho*; aquele que agita e lança os ossículos e

conchas para adivinhar, para desvendar os segredos e, segundo a tradição, com o objectivo de ajudar na resolução de problemas sociais. Palavra onomatopaica. Inf. N.

culimar kilimar, kulimar vb., Le.

Significa *cultivar*, capinar (particular frequência no centro e norte do país). De várias lgs. bantu entre elas o Echwabo *kulima*. Est. neutro. R.

cunhar (alguém) exp.vb., Ln, “Tenho de cunhar o director para o miúdo entrar para a escola”.

Significa *meter uma cunha*, fazer um pedido. Inf. N.

curandeiro o mesmo que *nyanga*.

curandeiro-feiticeiro o mesmo que *nyanga-muloyi*.

curtição n., Ln, “Nas férias passadas estive na maior curtição”.

Significa *gozo*, prazer, bem-estar. Coloq. R.

curtidor(a) n., Ln.

Aquele/a que curte, que se diverte imenso. Coloq. R.

curtir vb., S/C, “Este fim de semana é só curtir”.

Significa *divertir-se imenso*, ter prazer. Prov. do PB. Tb. ocorre no PE. Coloq. N.

curtir uma boa veja *boa (uma)*.

D

dar ba veja *ba*.

dar culpa exp.vb., Lc.

Significa *culpar*. Formal e informal. N.

dar falta exp.vb., Lc, “Em Maputo dão falta outros grupos de teatro”.

Significa *faltar*, *fazer falta*. Utilização muito frequente. Formal e informal. N.

dar festinhas veja *festinha*.

dar parto exp.vb., Lc

Significa *dar à luz*. Coloq. N.

dar um pão veja *pão*.

dar uma txova veja *txova*.

dedo dois-dedos n., Ln, “A polícia apanhou vários dois-dedos ontem”.

Significa *ladrão* que actua em paragens de transportes e que rouba dinheiro dos bolsos das pessoas (*tipo carteirista*). Termo frequente em algumas zonas do país como Tete e Maputo, por exemplo. Coloq. R.

deletar vb., Le, Ln.

Significa *apagar*, cancelar; linguagem informática; empréstimo recente. Do Inglês *delete*. Inf. R.

depressar vb., Ln, “Depressem, se não perdem o machimbombo das 23 horas”.

Significa *apressar-se*. Há uma correspondência directa em termos de significado, mas a palavra no PM surge como um processo de verbalização do adv. *depressa*. Inf. R.

descascar amendoim exp.vb., Lc, S/C.

Significa *subornar*. Esta associação parece encontrar explicação na relação que existe entre o movimento dos dedos polegar e indicador ao descascar o amendoim e o movimento (semelhante) dos mesmos dedos para designar/indicar/solicitar dinheiro. Coloq. R.

desconseguir vb., Ln, “Hoje desconsegui ir ao banco”.

Significa *não conseguir*; formação da palavra pelo processo conhecido por *sobregeneralização linguística*; tendência no PM de se colocar o afixo *des*, para a negação, antes da base da palavra (processo de formação de palavras por *prefixação*) também nos casos em que o PE não permite, como acontece com *conseguir*. Uso

frequente. Est. neutro. N.

deslocado n., S/C, “As cheias fizeram muitos deslocados”.

Termo, em geral, aplicado a pessoas que foram obrigadas a deslocar-se de uma zona para outra, devido a calamidades naturais ou à guerra que durante muitos anos afectou o país. Formal e informal. N.

dezanove (um) vir um dezanove; ser um dezanove exp.vb., Lc, Ls, “O João veio um dezanove da terra do Rand”.

Significa *perder um dos dedos nas minas* (entendido como um dedo do conjunto dos dez das mãos e dez dos pés); assume-se que um *dezanove*, em regra, já perdeu o juízo, que é um falhado, porque já não é como os outros. Veja tb. *não bater cem*. Coloq. R.

dindar vb., Le, Ln, A: “O Arlindo está?” B: (a criança, depois de ter ido verificar): “Dindaste, o Arlindo já saiu”.

Neste exemplo, *dindar* equivale a *ter azar* (não ter conseguido encontrar o Arlindo). Em geral, o termo significa *não encontrar ou não conseguir o que se pretende*. O mesmo significado de *mbunhar*, embora o termo *dindar* seja mais utilizado por crianças e jovens. Por vezes, a criança utiliza o termo acompanhado de uma expressão gestual, fazendo deslizar a mão pelo queixo. Empréstimo da língua Xironga *kudinda*. Antónimo de *gungular*. Inf. L.

dinheiro comer dinheiro exp.vb., Lc, “Todos os anos há sempre alguém que come dinheiro neste banco”. “O Matusse chegou do Djone sem nada, não vai lobolar mulher nenhuma, comeu dinheiro”.

A co-ocorrência *comer dinheiro* significa *desviar fundos*, gastar dinheiro alheio, esbanjar o seu próprio dinheiro. Coloq. N.; **tirar dinheiro (para)** exp.vb., Lc, “Eles não

querem tirar dinheiro para a reabilitação da Ilha”.

Significa *desembolsar, financiar*, contribuir com dinheiro. Da estrutura de várias línguas bantu, p. ex., do Xichangana *kuhemesa male*, fazer sair dinheiro. Coloq. N.

diwali n., S/C, “Desejamos a toda a comunidade hindú um feliz diwali”.

Passagem do Ano Novo para os hindús, para a religião hindú. Est. neutro. N.

djadja n., S/C.

Significa *suruma*. Rg: gíria. Inf. R.

djecar vb., Le, Ln.

1. ir a uma festa sem ser convidado (ser *penetra*); no PM os *djeques* são os *penetras*. Gíria juvenil. 2. erguer uma viatura com um macaco (do Inglês, *jack*). Inf. R.

djez n., S/C, “Há djez na casa da vizinha”.

Significa *confusão*. Rg: gíria juvenil. Coloq. L.

djezar jekar vb., Le, “Com a chuva de ontem preferi djezar ao serviço”.

Significa *faltar* (sem razão forte) *ao trabalho ou à escola*. Rg: gíria. Termo informal, de várias lgs. bantu *kudjeza*. R.

djico n., Le, *pequeno passeio*, volta não demorada; **dar um djico**. “Ele foi dar um djico, volta já”.

Significa *dar um passeio/uma volta*. Empréstimo das línguas Xichangana, Xironga, Xitshwa, *kudjika*, virar, dar uma volta. Inf. R.

djimar veja *gimar*.

djombar vb., S/C, “Vou djombar, não volto mais. Até amanhã”.

Significa *sair do serviço sem autorização*. Tb. comum na gíria militar, sair sem autorização do quartel.

Djone Jone n., Le, Ln.

Significa *África do Sul*; **ir ao Djone** (expressão geral,

mas o enfoque originário mantém-se, i.e., ir às minas da África do Sul, na região de Joanesburgo). Inf. N.

djudja n., S/C, “A Sandra fez uma alta djudja ao Tó que ele já não consegue ver para onde vai”.

Significa *feitiço*. Coloq. R.

dobrar vb., Ls, “Dobra, antes que apareçam outros”.

Significa *avançar*, arrancar, seguir. Termo da gíria dos trabalhadores dos chapas. Inf. R.

dois-dedos veja *dedo*.

Dois Malucos 2 Malucos, 2M'alucos n, S/C.

Designação popular da cerveja de marca *2M*. Do Xichangana (famba teka) *vamaluko vambiri*, lit. (vai buscar, dá-me) *malucos dois*. A cerveja 2M deve originariamente o seu nome ao Marechal de *MacMahon*, Presidente da República Francesa que, em 24 de Julho de 1875, arbitrou em favor do governo de Portugal a disputa que opunha Portugal e a Grã-Bretanha a propósito da ocupação de territórios do sul de Moçambique (Tembe, Maputo, Inhaca, Ilha dos Elefantes/Portugueses). Inf. R.

Dona Laura D.Laura n., S/C.

Designação popular da cerveja de marca *Laurentina*. Veja tb. *laurentino*. Inf. R.

dormir (lá fora) vb., exp.vb., Ls, “As cadeiras dormiram lá fora no quintal”.

Significa (para coisas, objectos) *ficar*, *permanecer*, sobretudo ao relento. Inf. N.

doro n., S/C.

Designação da cerveja tradicional (fabrico caseiro) em Manica. Equiv. a *uputo*, *pombe*, *otheka*, etc. noutras regiões do país. Do Cindau. Est. neutro. R.

dravídicas

(Algumas línguas dravídicas da) família dravídica: **Tamil** (ou Tamul), **Telugu**, **Malaialame** e **Canara** (ou

Kannada). A família dravídica é constituída por mais de 25 línguas do subcontinente indiano, que são aparentadas entre si. Por via da emigração, estas línguas (especialmente o Tamil) são hoje faladas no sueste asiático e nas regiões oriental e austral de África. O Tamil e o Telugu contam cada com cerca de 50 milhões de falantes, e o Malaialame e o Canara cerca de 27 milhões cada. A designação dada à família e às línguas provém da palavra [dravida] que na antiguidade era utilizada para designar a língua Tamil.

dudar vb., Le, Ln, “A Mariana hoje está a duar, tem muitos clientes na banca dela”.

Significa *fazer bastante dinheiro* num determinado momento. Do Xichangana e Xironga. Inf. L.

dumba-nengue n., Le, Ln, “Comprei este candeeiro no dumba-nengue do Estrela”.

O conceito de *dumba-nengue* está associado ao comércio informal, no sul do país. Empréstimo da língua Xironga, significa literalmente *confia no pé*. O exercício desta actividade, em locais urbanos e suburbanos de grande concentração de vendedores e multidões de compradores e transeuntes, processa-se à revelia das autoridades policiais e camarárias. Daí, o *confia no pé*, i.e., *foge*, quando aparecer a autoridade. O termo equivalente utilizado no centro do país é *tchungamoio*. Actualmente a relação das autoridades com os vendedores dos maiores dumba-nengues tem vindo a alterar-se. Est. neutro. N.

dumba-nengueiro n., Le, Ln.

Vendedor no dumba-nengue. Inf. R.

dunguluchar vb., Le, “A polícia dunguluchou os vendedores de peixe junto ao cercado do Porto de Maputo”.

Significa *dispersar* vendedores ilegais, em particular os

que praticam o comércio informal em lugares impróprios como, por exemplo, os passeios das cidades. Do Xironga *kudunguluxa*. Coloq. L.

dzudzar vb., S/C.

Acto de remexer e seleccionar roupa usada que é vendida no mercado, bazar ou dumba-nengue, no espaço habitualmente referido por *boutique-inclina* ou *boutique-vasculha*. Inf. R.

E

Echuwabo

Língua bantu falada por mais de 780.000 moçambicanos (6,3% da população do país, idade >5) nas seguintes Províncias de maior incidência de falantes: Zambézia (36%), Sofala (1,7%) e Maputo-Cidade (1,5%).

Ekoti

Língua bantu falada por mais de 75.000 moçambicanos (0,6% da população do país, idade >5) na Província de Nampula (3%), principalmente na região de Angoche, o arquipélago de Angoche incluído. Em larga medida, os traços do Ekoti evidenciam uma fusão do Emakhuwa com o Kiswahili.

elemento n., S/C, “Há um elemento no nosso grupo que não trabalha”.

Significa *pessoa*, membro (de uma equipa), colega. Ocorre com muita frequência no PM. Tb. ocorre no PE. Formal. N.

Elomwe

Língua bantu falada por mais de 985.000 moçambicanos (7,9% da população do país, idade >5), especificamente na Província da Zambézia (40%). É tb. a língua de cerca de 1.500.000 falantes na República do Malawi.

Emakhuwa

Língua bantu falada por mais de 3.200.000 moçambicanos (26,3% da população do país, idade >5) nas seguintes Províncias de maior incidência de falantes: Nampula (93%), Cabo Delgado (64%), Niassa (36%) e Maputo-Cidade (1,2%). É a língua com o maior número de falantes no país, e se fosse considerada a associação Emakhuwa-Elomwe, associação que vários linguistas reivindicam sustentando a existência de elevada inteligibilidade mútua entre ambas as línguas, a cobertura nacional da maior língua seria de 34,2%, abrangendo, assim também, a Província da Zambézia. Falada tb. na República Unida da Tanzânia.

embondeiro veja *imbondeiro*.

encontrar (alguém) enquanto não está, D, G, “Quando fui à casa do Beto, encontrei-o enquanto não estava”.

Significa que o Beto estava ausente de casa. Tipo de empréstimo *por calque* da construção gramatical no Xichangana, Xironga e Xitshwa *nimukume na angalikona*. Est. neutro. N.

engajado estar engajado exp.vb., Lc, Le.

Significa empenhado, *estar empenhado*. Prov. do Francês *engagé* ou tb. possível do Inglês *engaged*. Frequente nas décadas de 70 e 80, a palavra e a expressão são actualmente menos usadas. Formal. N.

engajamento n., Le.

Significa *empenhamento*. Est. neutro. R.

engajar-se vb., Le.

Significa *empenhar-se*. Formal. N.

engarrafado veja *meter na garrafa*.

engarrafar veja *meter na garrafa*.

enika n., S/C.

Designação da bebida alcoólica fabricada a partir da banana. Do Emakhuwa *enika*. Est. neutro. R.

enquanto D, G, “Ele quer passar, enquanto não estuda”. Neste exemplo (1) *enquanto* tem função adversativa, equiv. a *mas*. “Pedi férias, enquanto só trabalhou oito meses”. Neste exemplo (2) *enquanto* tem função concessiva, equiv. a *embora*, i.e.,embora só tenha trabalhado oito meses. “O José jantou enquanto dançavas”. Neste exemplo (3), tal como no PE, *enquanto* marca a função de simultaneidade temporal. Est. neutro. N.

escolinha n., S/C.

Significa *creche*, jardim infantil. Est. neutro. N.

espiritista o mesmo que *nyamussoro*.

estaleca n., Le, Ln.

Significa *força*, vigor, energia. Prov. do Afrikaans *sterkte*, força>Cicopi, Xichangana, Xironga, Xitshwa *xitereka*> PM *estaleca*. Esta parece ser a evolução etimológica mais plausível, mas há quem se interrogue sobre se a palavra *xitereka* não evoluiu realmente a partir da palavra inglesa *strike*, greve, porque a palavra bantu é utilizada para referir a greve. Talvez essa associação aconteça por via da relação semântica *greve-força*. De referir ainda a existência da palavra *sitereka* com o significado de *muito* (p.ex., *nitakuba sitereka*, vou-te bater muito). Coloq. N.

estamos juntos exp.vb., Lc.

Forma de cumprimento, no início ou na despedida de uma interacção. Est. neutro. N.

estar cometido veja *cometido*.

estar de estado exp.vb., Lc.

Significa *estar grávida*. Formal. N. Também existem as co-ocorrências lexicais sinónimas **estar de grávida** e **apanhar grávida**. Inf. N.

estar fox ficar fox exp.vb., Ln, “O professor está fox por não termos acabado o TPC.

Significa *estar aborrecido*, estar triste. Rg.: gíria (juvenil). L.

estar incomodado veja *incomodado*.

estar numa boa veja *boa (uma)*.

estar numa nice veja *nice*.

estar numa well veja *nice*.

estar off exp.vb., Ln.

Tem dois significados: **1.** estar cansado; **2.** ter falta de dinheiro. Rg.: gíria (juvenil). R.

estar speed veja *speed*.

estar speedado veja *speedado*.

estar trocado exp.vb., Lc.

1. Linguagem usada no chapa-cem. Forma do cobrador perguntar ao passageiro se tem dinheiro trocado para pagar (uso frequente na região sul do país). “Estás trocado?” **2.** Ter bebido e não estar no seu estado normal. “Você veio trocado para a reunião”. Inf. R.

estar vazio exp.vb., Lc, Ls, “Para Benfica está vazio, entra”.

A expressão é própria da linguagem do *chapa-cem* querendo significar que no interior da viatura, já com a lotação esgotada, ainda é possível acomodar mais passageiros. A expressão tem efeitos propagandísticos por parte do cobrador visando aliciar potenciais passageiros que aguardam transporte na paragem. Inf. L.

estilar vb., Ln, “O André gosta muito de estilar”.

Significa *exibir-se*; o mesmo que *gingar*. Verbalização do nome *estilo*. Coloq. L.

estou (a) pedir, G, “Estou a pedir ir ao Hospital”. “Patrão,

estou a pedir mil para comprar pão”.

Equiv. a *pedir* (um favor, autorização, esmola, etc.). Uma questão de aspecto verbal. Inf. N.

estrilhar vb., S/C, “Ele não deve candidatar-se a esse cargo. Se o fizer, vamos estrilhar”.

Significa *lançar confusão*; causar distúrbios. Coloc. L.

estrutura n., Ls, “A reunião não se realizou porque as estruturas não compareceram”. “O João agora é estrutura”.

1. *dirigente*, responsável, pessoa que ocupa um cargo na orgânica governamental ou partidária. 2. *homem bem constituído*, com corpo bem formado. Geralmente o termo, usado por mulheres, refere-se a homens musculosos, que fazem ginástica. “O Bruno acaba de chegar. Olha que estrutura!” Mais recentemente, o termo já começa a ser usado também por homens para referir mulheres de corpo considerado elegante. Est. neutro. N.

F

falar alto exp.vb., Ln, “Ontem fui abordado por aqueles dois polícias que estão sempre juntos na Nyerere. E como não tinha comigo o BI, exigiram-me que eu falasse alto para não ter de ir para a esquadra”.

Significa *oferecer algo* (geralmente, dinheiro) para resolver uma dificuldade; subornar. Tb. **falar como homem**. Inf. N.

falta veja *dar falta*.

famba! interj., Le.

Significa *vai-te embora!* Insultuoso. Rg: calão. N.

Fanagaló

Língua pidgin constituída principalmente por elementos

das línguas Nguni (Xhosa, Zulu, Ndebele, siSwati), Inglês e Afrikaans. Língua de contacto entre falantes com diferentes línguas maternas, de estrutura gramatical restrita e vocabulário limitado mas expressivo (pidgin) o Fanagaló funciona como elo de comunicação entre trabalhadores nas minas sul-africanas e entre trabalhadores locais e trabalhadores imigrados de países vizinhos, incluindo significativamente os mineiros moçambicanos. Das línguas Nguni **Fanakalo** (-fana como+ka de+lo isto=**como isto, desta forma** ou simplesmente **assim**)>MP Fanagaló.

farawa n., S/C.

Significa *suruma* menos forte; droga (marijuana) de baixa qualidade. Gíria. Est. neutro. R.

fazer chapa exp.vb., Lc.

1. conduzir um chapa (veja *chapa* e *chapeiro*). “O meu irmão é motorista. Ele faz chapa do Museu a Xiquelene”.
2. prostituir-se. “A tua amiga faz chapa na 24 de Julho”. Inf. R.

fazer (com que) exp.vb., G, “Essa foi uma das razões que fez com que houvesse forte pressão sobre o mercado de divisas”. “Factores como a intempestividade na ajuda externa prometida fazem com que a oferta seja menor que a procura”.

Habitualmente *fazer que...*no PE. A construção no PM *fazer com que* está a tornar-se frequente. Formal e informal. R.

fecalismo a céu aberto exp.n., S/C.

Expressão frequente que designa o acto de defecar ao ar livre e junto à praia, muito praticado em regiões do centro e norte do país. Est. neutro. N.

feijão-cafreal veja *feijão-nhamba*.

feijão macaco n., S/C.

Planta trepadeira com uma penugem que ao toque provoca comichão. Est. neutro. N.

feijão-nhamba feijão-cafreal Le, “A produção de feijão-nhamba deste ano atingiu níveis nunca alcançados”.

Um tipo de feijão. O termo *nhamba* provém das línguas bantu (p.ex., Cicopi e Gitonga) e designa o tipo do feijão que mais se produz e consome na maior parte de Moçambique. Serve de base para a confecção da badjia. Est. neutro. N.

feiticeiro n., S/C.

O mesmo que *muloyi* (pl. *valoyi*) ou *nyanga-muloyi* (curandeiro-feiticeiro) quando o feiticeiro acumula as duas funções. Devido a alguma confusão translinguística e transcultural, importa sublinhar que o feiticeiro não é um espiritista: o feiticeiro ocupa-se do domínio do feitiço, ao passo que o espiritista se ocupa do domínio dos espíritos (*swikwembo*, sing. *xikwembo*). Formal e informal. N.

fembar vb., Le, Ln, “A casa da Mariana está cheia de azar, tem de ser fembada”.

Acção do espiritista para “agarrar” o espírito ou espíritos maléficos que atormentam as pessoas e para as esconjurar de forma a que pessoas, negócios, etc. fiquem livres desses espíritos. Do Cicopi, Xichangana, Xironga e Xitshwa, *kufemba*. Est. neutro. R.

festinha dar festinhas, Lc, fazer festinhas.

ficar fox veja *estar fox*.

flor flores que nunca murcham I, expressão idiomática que funcionou como slogan político nas décadas de 70 e 80 para se referir às crianças. A expressão ainda hoje é utilizada. N.

fodido adj., Ls, “O Calisto tem um carro fodido”.

Gíria juvenil que significa *fantástico*, fora-de-série,

excepcional, bonito. Semelhantemente, ocorre também com frequência no seio dos jovens o termo *fodo* quando se diz , por via da gíria, que algo é agradável. “A bebida que me deste há bocado é fodo”. Rg.: calão. R.

folhar vb., Le.

Acto da rapariga sair de casa dos pais, sem consentimento, para se juntar ao namorado. Do Xichangana *kufolha*. Est. neutro. R.

fotar vb., Ln.

Tirar uma fotografia; **tirar foto**. Inf. N.

foto n., S/C.

Fotografia. Uso muito frequente na linguagem oral. N.

four-by-four n., Le.

Viatura ligeira de tracção às quatro rodas. Coloq. N.

freli frelo n., Ln, S/C.

Palavra informal usada para referir alguém que é membro ou simpatizante da Frelimo; muito utilizada no período pós-Independência. Corte silábico (*clipping*) de três para duas sílabas da palavra original. Tb. *frelimista* e *frelu*, esta última usada com um certo sentido depreciativo. Coloq. N.

frelimista veja *freli*.

frelu veja *freli*.

frescar vb., Ln, “Estou a frescar, faz muito calor”.

Significa *refrescar*, *apanhar fresco*. Inf. N.

fudjista n., Ln.

Aquele que pratica fudjo; veja *fudjo*. Inf. N.

fudjo n., Ln, “Estou cansado de trabalhar, vou dar um fudjo e volto daqui a pouco”.

Fudjo parece ser corruptela de *fujo* (do verbo *fugir*) e na perspectiva do PM este tempo verbal foi substantivado para designar ausência momentânea não autorizada do local de trabalho. Significado originário: desertor das

fileiras militares. Inf. N.

fugas dar de fugas exp.vb., Lc.

Significa *gazetar*. Gíria estudantil. Coloq. R.

fuma n., S/C, “A Joaquina, sempre que vai a Funhaloro, traz consigo fuma para o resto da família”.

Do Xichangana, Xironga e Xitshwa, designa uma farinha cor de laranja extraída da polpa da semente da *cuácua* (*nkwakwa*), fruta com bom aroma e abundante na região sul de Moçambique. Veja tb. *cuácua*. Est. neutro. R.

fusseca! interj., Le.

Ordem dada a um animal (em geral, o cão) ou pessoa para que se afaste; equivale a vai-te embora! Desaparece! Ofensivo quando aplicado a uma pessoa. Do Holandês *voort* embora (ir) *seg ik* digo eu > Afrikaans *voertsek* > Cicopi, Xichangana, Xironga, Xitshwa *fuseka* > PM *fusseca*. Inf. N.

G

gala-gala n., S/C.

Lagarto de cabeça cinzenta, mas que muda de cor. Est. neutro. N.

gangsters paradise (GP), exp.n., Le.

Forma jocosa de referência à chapa de matrícula automóvel GP, indicadora de *Gauteng Province* (Província de Gauteng na África do Sul) de onde são originárias muitas das viaturas que visitam Maputo. Johannesburg, a maior cidade de Gauteng e do país, é conhecida também pelo seu elevado índice de

criminalidade. Veja *Gauteng*. Coloq. L.

gangue n., Le, “A minha gangue vem cá logo à noite”.

Termo proveniente do Inglês *gang*. No contexto do PM significa o mesmo que *quadrilha* no PE e também *grupo de amigos, malta*. Inf. N.

ganguiçar vb., Ln, “Ganguiceei a Maria”.

Significa *conquistar*, namorar; *paqueirar* no PB. Do Xichangana, Xironga e Xitshwa *kugangisa*. Coloq. R.

garrafa veja *meter na garrafa*.

garrafa azul n., Le.

Invertebrado marinho com corpo em forma de balão de cor azul e com tentáculos que causam aos banhistas na costa moçambicana uma espécie de queimadura. Prov. do Inglês Australiano *bluebottle*>Inglês Sul-Africano>PM. Empréstimo por via da tradução (processo de *calque*). Est. neutro. N.

gataço n., Ls, “O Dimas é um gataço”.

Significa *bonito*, charmoso. Coloq. L.

Gauteng

1. Cidade do ouro, Johannesburg. 2. Nome de uma das nove províncias da África do Sul. Região: (i) para onde imigram mineiros moçambicanos; (ii) que é visitada por turistas e homens de negócios moçambicanos; (iii) de onde principalmente afluem homens de negócios e turistas sul-africanos cujo destino habitual são as províncias do sul de Moçambique. A auto-estrada de portagem Maputo-Witbank liga a cidade capital moçambicana à Província de Gauteng. Do Afrikaans *goud*, ouro>seSotho (do Norte *gauta*, do Sul *gauda*)+*teng* (local; no seio de).

gazense n., S/C.

Natural/habitante da Província de Gaza, no sul de Moçambique. Línguas faladas (como línguas **maternas**)

na Província de Gaza: Xichangana (88%), Cicopi (8,7%) e Português (1,9%).

GD veja *Grupo Dinamizador*.

gelinho n., Ln.

Doce gelado confeccionado com água, açúcar e corantes muito apreciado pelas crianças. Est. neutro. N.

gimar djimar vb., Le, Ln, “Hoje não paro de gimar, tenho de carregar todos esses livros para a biblioteca até ao fim da tarde”.

Significa *fazer ginástica*, fazer exercício (com pesos), *carregar/transportar coisas pesadas*. Do Inglês *gym*. Coloq. L.

ginga n., S/C.

Bicicleta. O mesmo que *burra*, *bacicola*. Coloq. R.

gingar vb., Ln.

Significa *exibir-se*; *pavonear-se*. Prov. oriundo de *ginga*, bicicleta e por analogia aos movimentos que se fazem ao andar de bicicleta. Coloq. N.

Gitonga

Língua bantu falada por mais de 250.000 moçambicanos (2% da população do país, idade >5) nas seguintes Províncias de maior incidência de falantes: Inhambane (18%) e Maputo-Cidade (8%).

gonar vb., Le.

Significa *dormir*. Do Cindau *kugona*. Inf. R.

grávida n., Ls, “A grávida da Maria está a correr bem”.

Significa *gravidez*. Veja tb. *apanhar grávida*; *tirar grávida*. Inf. N.

gregório veja *mandar gregório*.

gregue n., Ls.

Gíria juvenil para designar *vómito*; forma abreviada de *gregório*; veja *mandar gregório*.

Grupo Dinamizador (GD) n., S/C.

Na sequência dos Acordos de Lusaka (assinados entre a Frente de Libertação de Moçambique/ Frelimo e o Governo Português) e depois da tomada de posse do Governo de Transição (20/9/74) foram criados em todos os locais de trabalho e residência Grupos Dinamizadores com a missão de difundir a linha política da Frelimo e criar novas estruturas de poder. O GD desenvolveu actividades políticas, administrativas e judiciais. GD: sigla (sub-tipo do acrónimo). Est.neutro. N.

guardador n., Ls, S/C, “Está aqui guardador, patrão. Sou o Moisés”.

Significa *guarda de automóveis* na via pública.

Guê-Dê o mesmo que *Grupo Dinamizador*.

gueva gweva n., Le, “Se precisas de muitos ovos, fala com a Marta que é gueva no mercado Malanga”.

Significa *compradora-revendedora* (raramente aplicado ao homem) de mercadorias, no contexto do mercado informal. Do Xhosa *igweva*, comprador ilícito de diamantes na África do Sul, Zulu *gweva*, fornecedor de bebidas aos bares (shebeens) do Soweto>Xichangana, Xironga, Xitshwa *gweva*>PM *gueva*. Est. neutro. R.

guevar gwevar vb., Le, “A Fernanda já não gueva cebola, agora só gueva calamidades.”

Significa *adquirir para revenda*. O significado de *guevar* tem a ver com o acto de comprar a grosso mercadorias para revender. Este termo é commumente empregue na linguagem do mercado informal. R.

guinar vb., Le, Ln, “Já passaram dois anos e ainda não me pagaste os 100.000MT que te emprestei. Gostas muito de guinar os outros”.

Significa *enganar*, roubar, ‘mafiar’.Do Cisena *kuguina*, o significado orig. é virar, curvar, ‘esquinar’. Por processo de expansão semântica, tanto o termo Cisena como o

termo PM adquiriram o significado de *enganar*. Uso PM frequente nas Províncias de Sofala e Tete. Inf. R.

Gujarati Guzerate, veja *Indo-Ariano*.

gungular vb., Le, Ln, “Gungulei-te, não fuja” (quando as crianças brincam às escondidas).

Significa *descobrir, encontrar*. Expandiu-se à linguagem adulta, para situações mais gerais. Do Xironga *kugungula*. Antónimo de *dindar*. Coloq. L.

gwadjiçar vb., Le, Ln.

Interpelação do cidadão pelo ladrão; investida do ladrão (*o gwadjiça*) em plena via pública ou num aglomerado; pequeno assalto. Do Xichangana, Xironga e Xitshwa *kuguadjisa*. Coloq. R.

Gwaza-muthini n.Le, S/C.

Do Zulu, a expressão significa *apunhalar/picar* (*kugwaza*) *na árvore* (*muthini*). Para alguns estudiosos, a expressão refere-se à necessidade de se matar o inimigo no seu próprio território. As cerimónias de Gwaza-muthini foram introduzidas pelos Nguni durante o período da sua expansão pelo sul de Moçambique. Realizadas no âmbito da preparação para a guerra e da comemoração das vitórias serviu de inspiração, mais tarde, para as guerras de resistência contra a penetração colonial portuguesa. Actualmente, e desde há alguns anos, realiza-se em Marracuene uma festa comemorativa da luta de resistência contra a penetração portuguesa na zona e, em particular, o primeiro combate travado a 2 de Fevereiro de 1895. Do combate recordam-se hoje os nomes de Nwamatibyana, Zihlahla, Mahazule, Mulungo e Mazvaya. As festividades incluem danças tradicionais (uma delas designada de *guaza muthini*), rituais como *kupahla* e convívio. O canho é a bebida especial da ocasião. Est. neutro. R.

gweva veja *gueva*.
gwevar veja *guevar*.

H

hadje veja *hajj*.

hajj hadje n., Le.

Peregrinação (a Meca) no décimo segundo mês do calendário islâmico. Do Árabe. Est. neutro. N.

halim n., Le.

Sopa dos pobres; sopa condimentada feita à base de farinha de trigo ou cevada e, por vezes, com pedaços de galinha. É gratuitamente distribuída a pessoas pobres por muçulmanos, especialmente durante o Ramadan. Est. neutro. N.

hambanine adv., Le.

Significa *adeus*. A palavra caiu em desuso. Do Xironga. Inf. R.

Hindi veja *Indo-Ariano*.

hi taku ini veja *caso (um) hi taku ini*.

homem falar como homem veja *falar alto*.

horas pedir horas G, S/C, “Estou a pedir horas, faz favor”.

Uma forma frequente de *perguntar as horas*. Inf. N.

horas de tempo veja *tempo*.

hoyo-hoyo interj., Le, “Vamos ao aeroporto dar hoyo-hoyo ao Presidente Nyerere.”

Significa *bem-vindo, dar as boas-vindas*. Empréstimo das línguas Cicopi, Xichangana, Xironga e Xitshwa. Trata-se de uma forma polida e cordial que é utilizada para receber alguém com hospitalidade. Formal. N.

I

ide eid n., Le. do Árabe, dia de festa, de celebração; há dois ides: *Eidul fitr* que marca o fim do Ramadan e *Eid-ul-Adhá* que marca o fim da peregrinação (hajj). Est. neutro. N.

imbondeiro embondeiro, n., S/C, “Preservemos o imbondeiro porque é o símbolo de África”.

Árvore africana de escassa ramagem e folhagem, com um tronco que atinge vários metros de diâmetro. A sua casca e os frutos (malambe) são aproveitados para diversos fins. *Adansonia digitata*. Est. neutro. N.

imperativo uso alternado de formas verbais imperativas na mesma superfície discursiva. Veja *alternância de tratamento*.

implementador(a) n., Le.

Aquele(a) que implementa, que executa. Formal e informal. N.

implementar vb., Le.

Significa *executar*, levar à prática. Do Inglês *implement*. Formal e informal. N.

incomodado **estar incomodado** exp.vb., Lc, S/C.

Forma bastante comum de comunicar que alguém está doente, incluindo com doença de certa certa gravidade. O termo e a expressão têm valor eufemístico (i.e., em vez de *está doente* ou *muito doente*). Formal. N.

incumprimento n., Ln.

Significa *não cumprimento*; formação da palavra pelo processo conhecido por *sobregeneralização linguística*; tendência no PM de se colocar o afixo *in*, para a negação, antes da base da palavra (processo de formação de palavras por *prefixação*) também nos casos em que o PE

não permite, como acontece com *cumprimento*. Uso frequente. Est. neutro. N.

Indo-Ariano

(Algumas línguas do) grupo Indo-Ariano (Sânscrito), ramo Indo-Ariano, família Indo-Europeia: Concanim, Gujarati (Guzerate), Hindi, Urdu. **Concanim:** língua falada por mais de 5 milhões de pessoas na República da Índia; língua preservada (clero indiano) para a difusão da fé cristã. **Gujarati:** língua falada por cerca de 35 milhões de pessoas na República da Índia, República Islâmica do Paquistão e em países de África. **Hindi:** língua falada na República da Índia (nacional e oficial) e em outros países, incluindo países de África; mais de 180 milhões de falantes como língua materna e cerca de 500 milhões como língua segunda. **Urdu:** língua (de alfabeto árabe) falada na República Islâmica do Paquistão (nacional e oficial), República da Índia e em países de África; mais de 40 milhões de falantes como língua materna e cerca de 85 milhões como língua segunda. O número de usuários moçambicanos das línguas Concanim, Gujarati, Hindi e Urdu na República de Moçambique é cerca de 12.500.

induna n., Le, “O induna capturou quatro indivíduos locais para o xibalo”.

Termo muito empregue no período colonial, sobretudo ao sul do rio Save para designar *um auxiliar do régulo ou chefe tradicional*. Tb. termo para designar *chefe*. Empréstimo do Cicopi, Xichangana e Xitshwa *ndhuna*. Est. neutro. N.

infelicidade ter infelicidade (de), exp.vb., Lc, Ln, “O professor não veio dar aulas porque teve infelicidade do seu familiar”.

No contexto do PM o termo significa também *morte, falecimento*. É uma forma suave de anunciar a morte de

parentes ou amigos. A expressão eufemística *ter infelicidade (de)* suaviza o anúncio da morte, que é sempre referida e tratada da forma mais indirecta possível. Formal. N.

inglês para o inglês ver I, “Enfim, um congresso só para o inglês ver”.

No PE, *para inglês ver*. Inf. N.

ingóvia n., Le, S/C.

Cerveja tradicional; sinónimo de *mc*. Do Xichangana e Xitshwa *nghovu*>PM *ingóvia*. Est. neutro. R.

inkotsolo veja *kotsolo*.

insuficiências n., Ls, “Não tapámos o buraco a tempo. São as nossas insuficiências”.

Para além de incompetência, o uso da palavra serve, por vezes, para encobrir inacção, letargia e justificar incumprimento. Utilização mais frequente nas décadas de 80 e 90. Formal e informal. N.

irmão n., Ls.

Fforma de tratamento para significar *amigo*, mas tb. *senhor*. Tb. existe a forma irmã, embora menos usada. Aplica-se igualmente para significar os que partilham dos mesmos ideais, por exemplo no contexto da região austral de África. Inf. N.

J

jambalau n., S/C.

Fruto comestível de uma árvore trazida da Índia (jamboleiro). Utiliza-se na produção de bebida e também para fins medicinais. Do Sânscrito [jambula]>Concanim [zambul]. Est. neutro. N.

jambire n., S/C.

Nome comercial de uma espécie de madeira muito durável e resistente ao ataque de insectos e fungos. Outro nome vernáculo frequente é **panga-panga**. *Milletia stuhlmannii*. Est. neutro. N.

Jamesbond n., S/C, “O Matias não larga a Jamesbond”.

Pasta rectangular, habitualmente com fecho com segredo, para a guarda de documentos que os utentes acham ser importantes. Est. neutro. N.

javalismo n., Ln.

De *javali*; termo consagrado particularmente através da peça teatral *Javali*, *Javalismo*, de grande impacto no período imediatamente após a Independência Nacional. Veja *porco*. Inf. N.

Javanês

Língua da família austronésia (veja tb. a entrada *Malaio*) falada por cerca de 75 milhões de indonésios, sobretudo na ilha de Java e ainda em partes da Malásia. O Javanês, que é aparentado com o Malaio, é uma língua de grandes tradições literárias embora hoje esteja a ser ofuscada pela influência e expansão do *Bahasa Indonésio*.

jeito n., S/C, “Amor só com jeito”.

Trata-se de um slogan: *sexo só com jeito* (*jeito* é a marca de um preservativo). Actualmente qualquer preservativo, independentemente da sua marca, é chamado de *jeito*. Processo de *generalização semântica* em que o nome comercial de uma marca popular se generaliza e se sobrepõe a todo e qualquer nome de outros produtos da mesma gama. Est. neutro. N.

jezar veja *djezar*.

Jone veja *Djone*.

Jonie Mafambane exp.n., Le.

Forma popular de designar o whisky *Johnnie Walker*. Inglês>Xichangana, Xironga e Xitshwa *kufamba* andar,

caminhar>PM; tradução lit. equiv. a *João Caminhante*.
Processo de formação da expressão por *calque* (Inglês-Bantu) e por empréstimo (Bantu-Português). Coloq. R.
juntos veja *estamos juntos*.

K

kabanga veja *cabanga*.

kanganhiça n., Le, “Não vale kanganhiça, faça o trabalho honestamente”.

Significa *aldrabice*, pequena mentira, enganar alguém com trabalho mal feito. Empréstimo das línguas Cicopi, Xichangana, Xironga e Xitshwa. O termo é empregue em situações informais. R.

kanganhiçar vb., Le, Ln.

Significa *enganar o próximo*, ‘fazer manobras’, ‘mafiar’; **fazer kanganhiça**. Veja tb. *guinar*.

kanimambo n., Le, “Kanimambo ao povo da Tanzania pelo apoio que nos prestou durante a luta de libertação nacional”.

Kanimambo provém originariamente da língua Xironga e significa *obrigado, estar agradecido*. O uso da palavra no PM remonta ao período colonial e intensificou-se de forma generalizada nas décadas de 70 e 80 no contexto da euforia revolucionária que o país viveu após a sua Independência. A canção *Kanimambo Frelimo* ecoou por todo o Moçambique através da voz do primeiro Presidente da República, Samora Machel e foi amplamente divulgada. Est. neutro. N.

karingana Le.

O termo é proveniente das línguas Cicopi, Xichangana, Xironga e Xitshwa e serve de intróito à narração de

fábulas, estórias, etc. O consagrado poeta José Craveirinha utiliza a expressão *Karingana Wa Karingana*, que é equivalente a *era uma vez*, e que indica que o que se segue é uma estória, um conto ou uma fábula. A *Karingana wa karingana* responde-se *Karingana*, como forma de aceitação (*sim, era uma vez*).

kavelávela n., Le, “O ferimento foi causado pela lâmina afiada de uma kavelávela”.

A palavra é originária da língua Emakhuwa e refere-se a um *tipo de faca*, de forma curva, geralmente usada na região norte de Moçambique para cortar paus, capim, etc. Inf. R.

khalifa califa n., Le.

Sucessor do Profeta; líder escolhido pelas suas qualidades espirituais. Do Árabe [Khalif]. Est. neutro. N.

khenhar quenhar vb., Le, Ln.

Significa *dar uma canelada* ao adversário no jogo de futebol; por extensão semântica, significa também prejudicar o próximo nos seus intentos. Do Xichangana, Xironga e Xitshwa *kukhenya*. Inf. N.

kherar vb., Le, “Hoje há muitos crowns, não vamos kherar nada”.

É equivalente a *contrabandear*. Verbo derivado de *mukhero*. O termo significa *praticar o mukhero* (contrabando em pequena escala; fuga ao fisco); veja *mukhero*. Inf. R.

kilimar veja *culimar*.

Kimbundo

(Tb. Quimbundo): importante língua bantu falada por cerca de 5 milhões de pessoas na República de Angola.

Kimwani

Língua bantu, relacionada à distância com o Kiswahili, é falada por mais de 25.000 moçambicanos (0,2% da

população do país, idade >5) na Província de Cabo Delgado (2,3%). Lit. *mwani* é a área, semi-descoberta na maré baixa e onde se pesca, situada entre o banco de corais e a praia.

Kiswahili

Língua bantu falada por mais de 12.000 moçambicanos (0,1% da população do país, idade >5) na Província de Cabo Delgado. Língua que integrou um volume considerável de empréstimos, em particular, do Árabe é tb. falada por mais de 5 milhões de falantes nativos e por mais de 30 milhões como língua segunda e língua franca em regiões da África Oriental e Central. Considerada por diversos círculos a língua mais importante do continente, o Kiswahili é a língua nacional e a língua oficial (ex aequo com o Inglês) da República Unida da Tanzânia (mais de 3 milhões de falantes como língua materna), língua nacional das Repúblicas do Quênia e do Uganda, e ainda língua de bolsas linguísticas na República Democrática do Congo, República da Zâmbia e República do Malawi. Do Árabe [sawahil] lit. das costas, do litoral, das cidades portuárias.

kokuana cocuana n., Le, “Você é kokuana, não dá para ir comigo, é muito longe.” n Das línguas Xichangana, Xironga e Xitshwa. Avô, pessoa idosa. Inf. N.

kotsolado **ser kotsolado** exp.vb., Le, “Como vês, o João foi kotsolado pela mulher, admite tudo”. Inf. R. Veja *kotsolar*.

kotsolar vb., Le, “A Alice, ao kotsolar o marido, virou-o seu objecto”.

O item entra no PM através das línguas Xichangana e Xironga; retrata o fenómeno que resulta de um processo supersticioso (o *inkotsolo*) que culmina com a mudança brusca de comportamento do parceiro (marido ou

mulher) que se manifesta através de obediência cega a ordens e sugestões dadas pelo(a) *kotsolador*(a). Inf. R.

kotsolo inkotsolo n., Le, “Da Catembe, a Joana trazia kotsolo para o marido”. Veja *kotsolar*. Fig. R.

kulimar kilimar. Veja *culimar*.

kuloia kuloya n., Le, “Esta doença não é natural, resulta de kuloia de alguém”.

No uso PM, *kuloia* significa causar malefícios a alguém por meio do tratamento ou “feitiço” artificial do nyangamuloyi ou do “feitiço” natural do muloyi. Mas originariamente nas línguas bantu somente o *muloyi* é que realmente exercia a *kuloia*. Do seTswana *loya* (significa *encanto*, magia)>Cicopi, Xichangana, Xironga, Xitshwa *kuloya*> PM *kuloia*. Inf. N.

kuloya veja *kuloia*.

kuxakanema n., L/C.

Nome de uma série de documentários produzidos pelo Instituto Nacional de Cinema (INC) no período pós-Independência. Nesta época havia uma grande preocupação de levar a imagem do povo ao povo e estes documentários eram exibidos nas salas de cinema e através do cinema móvel em bairros periféricos e zonas rurais. Do Xichangana e Emakhuwa, significa o nascer/despertar do cinema (termo cunhado pelo poeta Luís Carlos Patraquim). Est. neutro. N.

kwatchena n., Le.

Significa *mercado informal* em Tete; equivalente ao *dumba-nengue* no sul e ao *tchungamoio* no centro do país. Inf. L.

L

lágrima tirar lágrimas exp.vb., Lc.

Significa *chorar, verter lágrimas*. Inf. N.

landim adj., n., Le, Ln.

Designação utilizada durante o período colonial para referir os povos do sul do Save e mesmo os vários povos indígenas de Moçambique. O termo designava tb. os soldados locais incorporados nos exércitos portugueses durante as campanhas de ocupação militar de Moçambique. Designação igualmente usada para referir o tipo de gado raquítico, não desenvolvido (gado landim) por oposição ao gado *braman* ou *afrikander*. Parece que a origem do termo remonta à palavra *alandi* existente em várias línguas bantu ao norte do rio Save para referir pessoa de cor negra, provavelmente por influência dos colonos portugueses e com conotação divisionista. Uma outra interpretação considera ainda que a etimologia de *alandi* reside no Inglês *land*, a terra, sendo *landim* o natural da terra. Para os naturais do sul (*mulandi* em Xichangana, p.ex.) é ilógico que um negro se refira a outro negro por negro. A sua percepção em relação aos termos *alandi* e *landim* é negativa; **falar landim**, no tempo colonial, era sinónimo de falar as línguas africanas que não gozavam de consideração nem eram encorajadas. Est. neutro. N.

lângua n., Le.

Significa *zona pantanosa*. Do Ekoti *laakwa*>PM *lângua*. Est. neutro. R.

languçar vb., S/C, “Enquanto o chefe folheava o documento, eu ia languçando para os títulos dos capítulos”.

Significa *espreitar*, dar uma olhadela. Inf. N.

lanho n., S/C.

Fruto do coqueiro que ainda não atingiu o seu perfeito crescimento, coco tenro, meio-feito. Orig. de Goa onde os naturais chamam *coco-lanho*. O líquido (a água do coco) constitui uma bebida muito apreciada. Est. neutro. N.

laurentino(a) adj., n., Ln.

Designação do natural ou habitante da ex-cidade de Lourenço Marques (actual Maputo). Muito utilizada durante o período colonial, a designação caiu em desuso. A designação de *laurentino(a)* está prov. relacionada com o nome da cidade de Lourenço Marques atribuído em homenagem ao navegador português do mesmo nome que no séc. XVI realizou uma viagem de exploração à baía. Est. neutro. N.

levar (ir) exp.vb., Lc, “O Zacarias foi levar o B.I. à administração”.

Significa *buscar (ir)*. Uso frequente e muito prov. por influência do substrato bantu. Na maior parte das construções gramaticais das línguas bantu de Moçambique o mesmo verbo que significa *buscar* e *trazer* também significa *levar (kuteka*, por exemplo, em Xironga e Xichangana), tal como argumenta Magaia (1980). Por outro lado, Lopes (1997) sugere que as categorias macrolinguísticas *ponto de vista* e *mudança do ponto de vista* (“viewpoint switching”) são essenciais para a análise de verbos e expressões verbais de movimento (ir/levar; vir/trazer/buscar) que evocam a mesma cena mas que a descrevem de pontos de vista diferentes. Inf. N.

liga veja *suruma*.

linha da frente **estados/países da linha da frente**: como ficaram conhecidos vários estados da África Austral que a

partir de 1977 passaram a coordenar estratégias visando a luta contra o colonialismo e o apartheid então ainda presentes na região. Angola, Botswana, Moçambique, Tanzania e Zambia foram os estados que criaram a *Linha da Frente*, tendo também o Zimbabwe integrado o grupo a partir da sua Independência em 1980.

litrosa n., Ln, S/C, “Quando fores novamente a Morrumbene, traz-me de lá aquela litrosa”.

Um litro de sura, na linguagem juvenil da Província de Inhambane. Veja tb. *sura*. Coloq. L.

lobolante n., Le, Ln.

O praticante de lobolo; noivo. Veja *lobolo*. Est. Neutro. R.

lobolar vb., Le, Ln, “No dia 31 de Julho vou lobolar a minha noiva”.

Verbalização do lexema *lobolo*. Veja *lobolo*. Formal e informal. N.

lobolo n., Le, “O lobolo da Maria foi exagerado, os pais dela fixaram-no em vinte milhões de meticais”.

Forma de compensação antenupcial. A prática do lobolo é comumente usada entre os povos bantu da África Austral, nomeadamente, os de Moçambique, da Suazilândia, da África do Sul, entre outros. Traduz-se numa determinada quantia em dinheiro ou outros bens (p.ex., gado) que o noivo paga à família da noiva para se oficializar tradicionalmente o casamento. Zulu *ilobola*; Xhosa *labola*>Cicopi, Xichangana, Xironga, Xitshwa *lovolo*>PM *lobolo*. Formal e informal. N.

logo-logo adv., Ln.

Significa *imediatamente; nesse instante; agorinha*. Processo de formação da palavra: *reduplicação* (para marcação da intensidade). Est. Neutro. N.

lua cada um vê a lua do seu quintal D, I, significa que

cada um vive à sua maneira. Por influência do idiomatismo Emakhuwa *mweri ononelia wapuwani wao*. R.

lugar n., Ls, “Quanto custa cada lugar de piri-piri?”

Significa *montinho* no mercado. O mesmo que *posição*, neste contexto. Coloq. R.

luta a luta continua! exp.n., S/C.

Slogan político; linguagem da tenacidade e da revolução no Moçambique pós-Independente, tendo-se mesmo internacionalizado no seio de movimentos que na região lutavam contra o colonialismo e o apartheid (casos do Zimbabwe, Namíbia e África do Sul). Formal e informal. N.

M

mabandido n., Le, Ln, “A acção dos mabandidos tende a diminuir no nosso bairro”.

Do Português *bandido*, o lexema entrou para a língua Xironga como empréstimo e o seu uso nesta mesma língua é *mabandido*. O termo reentra no Português Moçambicano com idêntica significação à da palavra original. Utilização frequente sobretudo no tempo colonial. Est. neutro. R.

macaiaia n., Le, “Tu trabalhas e não tens macaiaia, quem é que cuida do teu bebé?”

Significa mulher jovem que se emprega para cuidar de crianças. O termo é mais comum nas províncias do norte de Moçambique. Est. neutro. L.

maçala veja *massala*.

maçaleira veja *massaleira*.

maçanica n., S/C.

Fruto tb. conhecido por *maçã da Índia*, *maçã pequena*, *maçãzinha*. A árvore de fruto é a *maçaniqueira*. Est. neutro. N.

maçaroca espiga de milho fresco; **partido do batuque e da maçaroca** exp.n., S/C, “Em mais uma ocasião ficaram patentes as divergências no seio dos deputados da maçaroca”.

Designação do Partido Frelimo, em geral, ou da bancada deste partido na Assembleia da República. Inf. N.

machamba n., Le, Ln, “Este ano, na machamba do meu pai houve muita produção”.

Campo agrícola, terra de cultivo, plantação, extensão de terra para fins agrícolas. Empréstimo da língua Kiswahili *shamba(ma)*. Est. neutro. N.

Machambeiro(a) n., Le, Ln, “ O Alfredo é machambeiro de renome no Niassa”.

Aquele/a que trabalha na machamba; agricultor; dono/a da machamba, cuja dimensão pode atingir consideráveis extensões de terra para cultivo. Refira-se que em Moçambique a terra é propriedade do Estado. Est. neutro. N.

machangane

Moçambicano oriundo da província de Gaza e da província do Maputo e que tem a língua Xichangana como língua materna. Este termo está associado a Sochangane, guerreiro nguni oriundo da *Zululand*, que ocupou a região a sul do Limpopo a partir de 1820 e ampliou mais tarde o seu reino até ao Zambeze.

machibombo veja *machimbombo*.

machila machira n., Le, Ln, “Para mim a machila lembra a humilhação”.

Espécie de palanquim usado para o transporte de uma ou duas pessoas; em geral, com um tipo de toldo para

resguardar do sol; tb. *cadeirinha* ou *liteira*. Utilizada na Índia e na África Oriental. Aqui, orig. seria apenas uma peça de algodão de fabrico local atada pelas pontas a um varão, tendo sido posteriormente aperfeiçoada. A machila foi muito utilizada em Moçambique, particularmente durante e após as campanhas de ocupação colonial até aos anos 30 e 40 do século XX. Na machila eram transportadas autoridades coloniais, autoridades das companhias, colonos-passageiros e alguns chefes africanos ao serviço das autoridades coloniais; cada machila era geralmente levada ao ombro de quatro carregadores. Est. neutro. N.

machileiro n., Le, Ln.

Significa transportador/carregador da machila. Veja tb. *machila*. Est. neutro. N.

machimbombo machibombo n., Le, Ln, “Eu nunca viajo de chapa, prefiro o machimbombo”.

Nas línguas Xichangana, Xironga e Xitshwa existe o lexema *xibomba* com o sentido do termo PM *machimbombo*. O termo designa um meio de transporte colectivo rodoviário de passageiros; autocarro. Provavelmente, a origem do termo remonta ao Zulu *ibhomba* que significa a direcção, o destino que uma pessoa toma numa viagem. A partir da década de 30 na África do Sul, ocorrem várias referências a *bombella* (termo Zulu do Soweto formado a partir de *ibhomba*) para designar o autocarro ou a carruagem ferroviária que transportava os mineiros emigrantes de casa para o trabalho e vice-versa. Outra interpretação (mas menos plausível na nossa óptica) considera que a etimologia da palavra *machimbombo* assenta nos termos ingleses *machine+pump*. Inf. N.

machira veja *machila*.

machongo n., Le, “Nesta zona existem machongos férteis e próprios para a cultura do arroz”.

Significa *terras férteis e semi-pantanosas*, geralmente, localizadas junto às margens dos rios. Termo proveniente das línguas bantu faladas nas províncias de Inhambane e Gaza. Nestas línguas *minchongo* designa *riachos*. Inf. R.

machope

Moçambicano oriundo do sul da província de Inhambane e do norte da província de Gaza e que tem a língua Cicopi como língua materna.

machuabo

Moçambicano oriundo de uma determinada zona (Quelimane, Chinde, Mopeia) da província da Zambézia e que tem a língua Echwabo como língua materna. Há tendência de se generalizar como sendo machuabos todos os naturais da província da Zambézia. Um idiomatismo muito conhecido no PM associado a machuabo é **filho de machuabo não se torna bruto** I, e que significa que o machuabo é um indivíduo esperto. Da língua Echwabo, *mwananchwabo khankhala burutu*.

macofu makhofu n., Le, “A mamã foi ao mercado comprar macofu”.

O mesmo que *couve*. O item é um empréstimo das línguas Xichangana, Xironga e Xitshwa e entra no PM pelo processo de devolução, i.e., Português *couve*>Xichangana, Xironga, Xitshwa *macofu*>PM. Inf. L.

maconde

Moçambicano oriundo da província de Cabo Delgado, de uma zona a sul do Rio Rovuma nos planaltos de Mueda e Macomia, e que tem a língua Shimakonde como língua materna. Os macondes habitam tb. o norte do Rio Rovuma (sul da Tanzânia). A arte maconde é

internacionalmente conhecida.

macua

Moçambicano oriundo de uma vasta zona do norte de Moçambique (Províncias de Nampula, Cabo Delgado, Niassa e Zambézia) e que tem a língua Emakhuwa como língua materna.

macuácuá veja *cuácuá*.

macuti n., S/C, “Se os macutis forem bem aplicados, na casa não chove”.

Folhas de coqueiro utilizadas na cobertura de casas em várias zonas do país. O termo PM habitualmente usado na Zambézia é **macubar**, empréstimo da língua Echuwabo. Est. neutro. N.

madala n., Le, “Aquele madala é a biblioteca da nossa povoação, conhece a nossa história”.

Homem idoso. Forma de tratamento respeitosa para com o homem mais velho, não necessariamente o chefe. O termo existe em muitas línguas bantu da África Austral. Passou para o PM através, entre outras, do Xichangana, Xironga e Xitshwa, e entrou nestas línguas por via das línguas Nguni (*-dala*, idoso). O madala é um indivíduo que mesmo sem ter frequentado a escola formal é considerado como uma pessoa de muita sabedoria e experiência acumulada, devendo, por isso, ser consultado a propósito de qualquer assunto relativo à sua comunidade. Formal e informal. N.

madiba n., Le.

Do Xhosa, designação clânica da chefatura dos Thembu. Hoje em dia é também uma *designação informal e afectiva para referir Nelson Mandela*. Utilizada em várias línguas da África do Sul, incluindo o Inglês, e mais recentemente utilizada também no PM; o termo *madiba* designa também o *tipo de camisas* usadas por Mandela:

camisa longa, de cor, com estampados variados usada por fora das calças. Coloq. R.

madjedje veja *matchedje*.

madjembene n., Le, “O José é um madjembene, pouco se importa consigo, por isso não lhe ligues”.

Ocorrência particular na região sul de Moçambique, e com maior frequência em Maputo, para referir um indivíduo desmazelado, desleixado, que não cuida de si.

Rg: termo pejorativo; calão. R.

madjermano veja *majarimani*.

madjine n., Le.

Significa *espírito*; significa também *ser possuído de espíritos*. Do Kimwani e do Emakhuwa *madjini*; *machini*.

Est. neutro. R.

madjolidjo n., Le, S/C, “À saída da estação encontras um madjolidjo para transportar a mala”.

Carregador, moço de fretes. Da língua Cindau. Inf. R.

madjone-djone veja *majonejone*.

madoda n., Le.

Forma de tratamento familiar (equiv. ao tratamento *amigo*). Do Xhosa *mdoda*, Zulu *indoda* (plural *amadoda*, homens): aquele que entrou na idade adulta; pessoa com a responsabilidade de tomar decisões. Inf. N.

madunani n., S/C, “Anda por aqui um madunani, alguém há-de sair preso para a administração”.

Do Xichangana e Xitshwa; designativo do mandatário do Governo colonial português. O madunani, quando aparecia numa povoação, era para capturar um criminoso, ir atrás de um devedor do imposto ou para levar um recado importante do administrador colonial à chefatura ou regulado, em geral, recrutar gente para o xibalo ou para o exército português. Est. neutro. R.

mãe n., Ls, “Mãe, desculpa, a gente não se conhece, mas

peço um cigarro”.

Significa *mulher, senhora*. Forma de tratamento utilizada mesmo entre interlocutores cuja relação não é de parentesco (filho/a-mãe); é uma forma respeitosa, afectuosa usada também com intenção de persuadir. Formal e informal. N.

mafiar vb., Ln, “Estás a ver que aquele senhor nos estava a mafiar quando nos disse que era jurista, afinal de contas é um simples assessor na empresa”.

Significa *enganar, ludibriar, mentir*. O seu emprego é informal, mas generalizou-se e ocorre no PM com uma certa naturalidade. Veja tb. *kanganhiçar, guinar*. Inf. N.

mafioso n., Ln, “O Arão é mafioso, nunca foi ao exterior, mas diz que conhece metade do mundo”.

Significa *mentiroso, aldrabão, aquele que mafia*. Inf. N.

mafurreira n., S/C.

Árvore de 10 a 15 metros de altura que se encontra em abundância a sul do Save. A sua madeira é leve, macia e boa para esculpir e executar trabalhos de marcenaria. O fruto da mafurreira (**mafurra**), cujas sementes produzem óleo comestível, é bom para o fabrico de sabões. Est. neutro. N.

mafuta adj. Le, “Ó mafuta, anda cá”.

Forma de tratamento familiar equiv. a *ó gordo*. Das línguas Nguni entra no PM por via das línguas bantu do sul de Moçambique, nas quais *mafuta* significa literalmente *gordura, óleo* e, por extensão semântica, *pessoa gorda*. Inf. N.

magadjodjo magajojo n., S/C.

Holotúria; de corpo semi-cilíndrico e mole, pertence ao grupo dos equinodermes (pele com espinhos); produto de considerável valor comercial; apesar de ser muito apreciado na Ásia (para onde é exportado), ainda é pouco

consumido em Moçambique. Est. neutro. N.

magaíça magaíza n., Le, Ln “O magaíza tornou a assinar novo contrato e regressou às minas da África do Sul”.

Designação dada em Moçambique ao moçambicano que trabalha ou trabalhou nas minas da África do Sul. Aquando da ida, ele é chamado de *nyiuane* (Inglês *new one*>Xichangana, Xitshwa>PM). Mas, na realidade, o uso do termo *magaíça*, que originariamente significava o regressado das minas do Rand, foi-se generalizando a ponto de incluir também a referência ao acto da partida. Se por um lado se vê no magaíza o cidadão que regressa ao país com haveres (dinheiro, mantas, catanas, machados, tecidos de ganga, etc.), por outro lado, o magaíza é, em geral, considerado como um cidadão culturalmente deslocado e esquecido de regras cívicas, sendo, muitas vezes, enganado e roubado durante a viagem de regresso. Em tempos não distantes, era roubado na fronteira de Ressano Garcia e, posteriormente, nas paragens de machimbombo em Xinavane, Xai-Xai e Inhambane; consta ainda que, muitas vezes, nestas paragens lhe dão a comer carne de corvo em vez da galinha que encomendou para a refeição. Em geral, o magaíza está ausente da família e da terra por períodos não inferiores a 18 meses. Prov. do Inglês *English inglizi* com a adição do pref. Bantu (*ma-*). Formal e informal. N.

magaíza veja *magaíça*.

magajojo veja *magadjodjo*.

magandzelo exp.n., Le, S/C, “Ele foi phahlar no magandzelo”.

Significa *altar sagrado*, geralmente representado por uma árvore sagrada. Por exemplo, para o caso dos marrongas, a árvore que habitualmente serve de *altar sagrado* é o canhoeiro. Termo oriundo do Xichangana, Xironga e

Cicopi. Est. neutro. R.

maguerre n., Ln, “Os checas acabados de chegar são todos maguerres”.

O termo foi corrente, durante o período colonial, no seio do exército português em Moçambique e era usado pelos militares negros para designar os seus camaradas brancos vindos de Portugal. O termo, que é depreciativo, expandiu-se ultrapassando o domínio militar, e passando a significar também o outro, o estranho, o colono, o português protegido pelo governo colonial. Caiu em desuso depois da Independência. Rg: calão. Inf. N.

magumba n., S/C.

Espécie pelágica costeira, da família das sardinhas, biqueirões e magumbas, com tamanho até 25 cm. A magumba em conserva foi muito consumida em Moçambique nos anos 80, período particularmente difícil em termos de oferta alimentar. Est. neutro. N.

mahala adv., Le, “Amigo, o chapa não é mahala”.

Significa *grátis*. O seu emprego geralmente ocorre em circunstâncias informais no PM e com maior frequência no sul de Moçambique. Do seSotho do Sul> Xichangana, Xironga, Xitshwa>PM. Coloq. N.

maheu n., Le, “É preciso preparar maheu para a missa da avó”.

Trata-se de um tipo de bebida não alcoólica de fabrico caseiro, confeccionada com farinha de milho, açúcar e algum produto actuando como fermento. O maheu é muito consumido particularmente nas zonas rurais, em ocasiões de grandes concentrações (missas, casamentos, lobolos, etc.). Em algumas regiões não se pode conceber a realização de certas cerimónias sem maheu. É uma bebida para todos e é barata. Do Zulu *amahewu*, o termo entra no PM por via de empréstimo das línguas bantu do

sul de Moçambique. Est. neutro. R.

mainato n., Le, “O mainato há dias que não me aparece, e estou com montes de roupa suja”.

Significa *empregado doméstico* que tem como tarefa principal *lavar e passar a roupa a ferro*. Palavra usada em Moçambique desde o período colonial. Nome que se dava nas antigas colónias portuguesas da Índia ao indivíduo (homem ou mulher) que lavava a roupa. Usado na Índia e na África Oriental, o termo *mainato* provém de uma língua dravídica chamada *Malaiyalame* [mannatti]. Veja tb. a entrada *dravídicas*. Formal e informal. N.

majarimani madjermano, n., Le, Ln, “A riqueza dos majarimani desapareceu rapidamente”.

Refere-se aos indivíduos (moçambicanos) que viveram na então RDA (República Democrática Alemã) como trabalhadores assalariados em vários sectores sócio-económicos ao abrigo de acordos entre os Governos de Moçambique e da RDA, e os quais se viram forçados a regressar a Moçambique findos os contratos existentes após a unificação alemã. Do Xichangana, Xironga, Xitshwa, por empréstimo através do Inglês *German*; pref. ma+jarimani. Inf. R.

majiba n., S/C.

Termo por que era conhecido o indivíduo que fornecia informações à Renamo no período do conflito entre este movimento armado e o exército moçambicano. Est. neutro. R.

majikha n., S/C, “O espectáculo deste fim-de-semana vai ter majikha”.

Ritmo e dança do sul do país, que se pratica a partir dos fins da década de 50 e que teve grande impacto na década de 60. A maior parte dos músicos que cultivou/cultiva este ritmo é oriunda da província de Gaza, e terá sido no

seu regresso das minas da África do Sul que a partir de violas de lata desenvolveram este ritmo. Muito popular na zona de Ressano Garcia e nos subúrbios da então cidade de Lourenço Marques. Os discos com este ritmo foram gravados em empresas discográficas sul-africanas com as etiquetas *Trovador* e *His Master's Voice*. Músicos moçambicanos famosos foram, entre outros, Mahecuane Macuvele, Alberto Langa e Xidiminguana. O músico Hortêncio Langa executou a *majika experimental* logo após a Independência de Moçambique, gravando-a em disco. Est. neutro. R.

majonejone madjone-djone n., Le, Ln, “Os meus dois vizinhos são majonejone, por isso vestem-se daquela maneira”.

O termo designa o trabalhador moçambicano das minas da África do Sul; distingue-se pela forma de vestir e de se apresentar, e tb. pelas atitudes e linguagem própria. O termo entra no PM por via do Xichangana *mujonijone*; (pref. *ma*)+*jone*, do Inglês *John* (terra do John). Coloq. N.

maka veja *mhaka* e *timhaka*.

makhofu veja *macofu*.

makwayela n., S/C.

Inclui o canto, a dança, a literatura oral e o traje, e é praticada por grupos de homens e excepcionalmente tb. por mulheres. Os temas das canções da makwayela referem-se a temas do dia-à-dia e da actualidade e encerram mensagens sociais. Nascida no contexto colonial da região austral e no contexto do trabalho migratório para as minas da África do Sul, a makwayela praticada no sul de Moçambique passou, depois da Independência, a ser conhecida e praticada em muitas províncias do país. Est. neutro. N.

malaika n., Le.

Significa *anjo*; ternura. Ocorrência de uso frequente nas décadas de 70 e 80. Das línguas Kimwani e Kiswahili. Formal e informal. N.

Malaio

Língua do grupo malaio-polinésio da família austronesia que cobre a parte do globo entre a ilha de Madagascar e as ilhas da Polinésia; maior número de falantes (19 milhões como língua materna e 130 milhões como língua segunda) nas Repúblicas da Indonésia, das Filipinas e da Malásia.

malambe melamba n., S/C.

Fruto do imbondeiro, cuja polpa é aproveitada para comer e para fazer fermentar bebidas. Do Cinyungwe. Inf. R.

malangatana n., Ln, Ls, “Não tens uma malangatana à mão?”

Forma popular de designar a nota com o valor facial de 5.000 MT. A nota tem estampada uma produção artística do consagrado pintor Malangatana Valente Ngwenha. Designação assente na relação metonímica entre a nota (e o seu conteúdo) e o nome do artista plástico. Presentemente a nota tem circulação reduzida por ter sido substituída por uma moeda do mesmo valor. Inf. R.

mal-coado n., Ln, “Na minha aldeia opta-se pela cerveja ou pelo mal-coado, é uma questão de bolso”.

Tipo de bebida alcóolica de fabrico caseiro; a designação *mal-coado* relaciona-se provavelmente com a fase em que a bebida deve ser coada e filtrada e com a simplicidade destes processos. Mais informalmente a bebida é também conhecida por *mc*, *ingóvia* ou *mmc* (muito mal coado). Inf. N.

mamã n., Ls, “Hoje temos uma reunião com a mamã Marcelina e diz-se que a mamã Graça também vai participar nela”.

O termo é a designação que se dá à primeira dama ou esposa de um chefe em sinal de afecto e respeito. Passou a ser mais usado a partir do momento em que o termo *camarada* começou a cair em desuso. O termo é utilizado por diferentes camadas sociais. Coloq. N.

mamana n., Le, Ln, “As mamas podem ocupar os assentos, uma vez que não temos assentos suficientes para toda a gente”.

Empréstimo do Xichangana, Xironga e Xitshwa *mamani* que significa *mãe*. No PM significa também *mulher adulta casada ou viúva*, servindo o termo como forma de tratamento respeitoso (mas inferior a *mamã*). O termo é frequentemente usado para designar carinhosamente tanto a senhora doméstica como a vendedeira do mercado. Coloq. N.

mamba n., S/C.

Cobra muito venenosa; **os mambas**: designação dada à selecção nacional sénior de futebol; *os mambinhas* referem-se às selecções nacionais dos sub-20 e sub-17. Inf. N.

mampara veja *mamparra*.

mamparra mampara adj., n., S/C.

Termo depreciativo, significa *homem sem experiência, incompetente*, sem conhecimentos; tb. forma de tratamento depreciativa (*ó mamparra*). Prov. do Malaio [baharu], novato>Fanagaló *mompara*>línguas bantu do sul de Moçambique>PM. Ocorre originariamente na indústria mineira sul-africana para designar o recruta inexperiente. Mas hoje o seu uso não se restringe apenas ao contexto social e profissional das minas: ocorre no PM em geral. Rg: calão. Inf. N.

manambua veja *muanambua*.

manda-mola exp.n., S/C, “O vizinho é manda-mola”.

Significa *rico; mola*, dinheiro, do PB. Coloq. N.

mandar fax exp.vb., Ln.

Significa *defecar, evacuar*. Calão. Inf. R.

mandar fumar exp.vb., Ln, “Ele queria dinheiro a mais pela revista, mandei-o fumar”.

Significa *mandar passear*. Expressão usada em contextos informais: o falante expressa a sua ira ou desagrado por uma determinada situação. Inf. N.

mandar gregório exp.vb., Ln, “Quem é que mandou gregório pelas escadas ?”

Significa *vomitar*, em geral em ambientes festivos por motivos de bebedeira. No PE, *chamar pelo gregório/ir ao gregório*. A forma abreviada de *gregório* é *gregue* (vômito). Rg: Calão. Inf. N.

mandau

Moçambicano oriundo das Províncias de Manica e de Sofala, que tem o Cindau como língua materna.

mangungo n., Le, “Hoje não trouxeste mangungo, como é que te arranjas à hora da refeição?”

Significa *merenda, farnel*; em geral, a refeição, o almoço, que o trabalhador leva de casa para o serviço e que come no intervalo do trabalho. Empréstimo do Xichangana e do Xironga. Inf. N.

manhambane

Emprega-se para referir, em particular, os moçambicanos oriundos de Inhambane, falantes da língua Gitonga. Em geral, o termo não é extensivo a indivíduos de outras etnias/falantes de outras línguas existentes na Província. O termo *manhambane* é tb. entendido por alguns como sinónimo de *avarento*. Prov. a palavra *Inhambane* constituiu-se a partir do Gitonga *bera ngunyumbane* que significa “entra para (dentro de) a casa”. Uma das interpretações existentes refere que os portugueses, ao

desembarcarem num dia chuvoso, perguntaram aos habitantes pelo nome da terra. Estes supondo que os desembarcados perguntavam sobre um possível lugar de refúgio para se resguardarem da chuva, convidaram-nos para as suas casas (*bera ngunyumbane*). Atribui-se a este episódio o motivo que levou os portugueses a designarem o local de Inhambane, Terra da Boa-Gente. Línguas faladas (como línguas **maternas**) na Província de Inhambane: Xitshwa (58,6%), Gitonga (18,2%), Cicopi (16,1%) e Português (3,6%).

Manica n., S/C.

Marca da popular cerveja nacional, apreciada particularmente no centro e norte do país. Designação do nome de uma Província da região central do país, região de onde a bebida é originária. Na Província de Manica falam-se as seguintes línguas maternas: Cishona (54,3%), Cisena (30,4%), Cinyungwe (10,6%) e Português (0,7%).

maningue adv., adj., Le, “Temos já maningue dinheiro para a obra”. “O trabalho é maningue, não acaba”.

Significa *muito*. De várias línguas bantu, de entre as quais Xichangana, Xironga e Xitshwa *manyingui*. Prov. orig. do Inglês *many*. Formal e informal. N.

maningue nice veja *nice*.

mano n., S/C, “O mano a quem deste boleia não tem família aqui”.

Forma de tratamento cordial entre indivíduos que não são irmãos sanguíneos; indicador de aproximação, intimidade. Inf./Coloq. N.

manta de frio exp.n., I, expressão utilizada para significar a dificuldade em encontrar trabalho. Expressão empregue por recém-licenciados na sua disputa de vagas para emprego no diminuto mercado de trabalho, em particular na cidade capital. Por analogia a uma manta curta

disputada por duas pessoas que procuram agasalhar-se no tempo frio. Do Gitonga *uvolve wa girame*. R.

mapandzar vb., Le, Ln, “A Luísa gosta de mapandzar no Mini-Golfe”.

Significa *rasgar* no sentido idiomático de *curtir*, *gozar a vida*, *divertir-se imenso*. Empréstimo das línguas Xichangana, Xironga e Xitshwa *kupanza*. Inf. R.

mapico n., S/C.

Várias formas de comunicação simbólica que se inserem nos ritos de iniciação masculinas dos macondes. O *mapico* designa tb. a máscara usada no contexto anteriormente descrito. Várias danças fazem parte deste complexo. O mapico tem sofrido transformações diversas e pratica-se até hoje onde vivem comunidades macondes. Veja tb. *maconde*. Est. neutro. N.

mapira n., S/C, “A mapira é cultivada em Moçambique desde os primórdios da história”.

Cereal: tipo de milho miúdo, mas com grãos mais grossos que a mexoeira. Com a farinha obtida da mapira fazem-se papas e broa para a alimentação humana. Serve ainda para o fabrico de ração animal e confecção de bebidas tradicionais como o *uputu* e outras. O empréstimo provém de *maphila*, palavra existente em muitas línguas bantu de Moçambique. *Sorghum vulgare*. Est. neutro. N.

maputeco n., S/C.

Designação ligeiramente depreciativa do cidadão oriundo de Maputo (o *maputense*); em geral, esta designação é mais frequentemente utilizada por parte de compatriotas da região centro do país, em particular da cidade da Beira. Coloq. R.

maputense

Natural/habitante da Cidade de Maputo, a capital do país. O nome Maputo foi atribuído à ex-cidade colonial de

Lourenço Marques, após a Independência Nacional. A cidade, situada nas terras de Mpfumo, tomou o nome de Maputo (tb. nome de um rio e de uma chefatura) prov. por inspiração do slogan político *do Rovuma ao Maputo*. Línguas faladas (como línguas **maternas**) na Cidade de Maputo (que tem estatuto de Província): Xichangana (31,6%), Xironga (26,7%), Português (17,7%), Cicopi (8%), Gitonga (7,8%), Xitshwa (2,3%), Echuwabo (1,5%) e Emakhuwa (1,2%). Línguas maternas na Província de Maputo: Xichangana (42,8%), Xironga (35,3%) e Português (10,3%).

marcador discursivo (funções adversativa e concessiva) veja *enquanto*.

maria-café n., Le, “Não toques nessa maria-café, senão enrola-se e deixa de fazer comboio”.

Utilização frequente pelas crianças nas suas brincadeiras; maria-café, tb. conhecida por *bicho de mil patas*, é um animal invertebrado (cerca de 20 cm), corpo segmentado e apêndices articulados. Inf. N.

marimba n., Ln, “O ritmo desta marimba faz-me reviver a infância em Zavala”.

Instrumento musical do tipo xilofone existente em Moçambique (entre os machopes e os masenas), outras partes de África e Indonésia. Tb. conhecido por *timbila*. Est. neutro. N.

marimbeiro n., Ln.

Indivíduo que toca a marimba. Tb. conhecido por *timbileiro*. Est. neutro. N.

marrabenta n., S/C.

Ritmo/dança praticada no sul de Moçambique em que tomam parte homens e mulheres, formando roda com pares marcados e independentes. Provavelmente originada a partir da *majikha*, a marrabenta que se

praticou muito, em particular, nos subúrbios da ex-cidade de Lourenço Marques adquiriu um ritmo mais veloz e passou a ser dançada com gestos mais elaborados e estilizados. Sobre a origem da *marrabenta*, Cabral refere no seu *Pequeno Dicionário* o seguinte: “Às vezes parava no meio da sala (o laurentino Zagueta) e apenas requebrando ritmicamente o corpo da cintura para baixo incitava o par exclamando: ‘Rebenta! Rebenta!’. Os apurados ouvidos dos circundantes imediatamente captaram aquele termo incitativo e daí a pronúncia rebenta e depois o acrescentamento do prefixo foi um instante (José Craverinha)”. Formal e informal. N.

Marracuene **Fazer trabalho de Marracuene** D, I, *fazer trabalho em vão*; sem resultados; sem qualidade; trabalho feito com os pés (porque mal feito) e não com a cabeça. Parece estar associado ao hospital psiquiátrico existente nas proximidades da vila de Marracuene e a um tipo de teste que era feito aos doentes. O teste consistia em pedir aos doentes que enchessem de água um tambor furado, o que os doentes curados recusavam. Expressão idiomática preconceituosa. R.

marronga

Indivíduo oriundo de Maputo e que tem como língua materna o Xironga.

masakala n., S/C.

Significa *bola de trapos* usada pelas crianças na cidade da Beira. Inf. L.

masena

Indivíduo oriundo de várias regiões do vale do Zambeze (Província de Sofala, Manica, Tete e Zambézia) e que tem o Cisena como língua materna.

massala maçala n., Le, “Há muito que não comia massala”.

Fruto de casca dura e de forma esférica, primeiro de cor

verde, e amarelo depois de maduro. Nas zonas rurais, para além de ser comestível, a massala serve para fabrico de bebida e a sua casca é utilizada para vários fins, incluindo a confecção de instrumentos musicais, tais como a xigovia, os chocalhos de mão, a timbila e outros. Nas línguas bantu do sul *sala* é o singular e *masala* o plural. Est. neutro. N.

massaleira maçaleira, n., Le, “As massaleiras deram muito fruto este ano”.

O termo é de origem Xichangana, Xironga e Xitshwa e designa um arbusto de 2 a 3 metros de altura, raramente atingindo as dimensões arbóreas, cujo fruto é a massala. Est. neutro. N.

masseve n., Le, S/C, “Depois da igreja, vou visitar a minha masseve no Alto-Maé”.

Significa **1.** *compadre, comadre*. Empréstimo do Cicopi, Xichangana, Xironga e Xitshwa; é também usado como termo de afectividade e intimidade entre pessoas conhecidas. **2.** *instrumento musical* do tipo chocalho que o dançarino usa nas pernas, em praticamente todo o país. Neutro. R.

matabichar vb., Ln, S/C, “Eu não gosto de matabichar muito cedo”.

Significa no PM *tomar o matabicho*; tomar o pequeno almoço, a primeira refeição do dia. Formal e informal. N.

matabicho n., Ln, S/C.

Significa *pequeno-almoço*. Tb. gorjeta, saguate. Formal e informal. N.

mataca n., S/C.

Significa *terra vermelha e barrenta*; em alguns casos, sinónimo de *matope*. Est. neutro. R.

matacanha veja *mataquenha*.

mataco n., S/C.

Significa *rabo, nádegas*. Uso frequente no centro do país.
Inf. L.

mataquenha matacanha n., S/C.

Enfermidade causada por uma espécie de pulga que se aloja nos pés e que provoca graves danos quando não extraída a tempo. Est. neutro. N.

matambira n., Le, “Ainda não há matambira, dizem que o sistema mecanográfico está avariado lá nas Finanças”.

Empréstimo da língua Cindau e significa, em geral, *dinheiro*. Significa tb. o salário do funcionário público.
Inf. N.

matapa veja *mathapa*.

matapada veja *mathapada*.

matchedje madjedje n., S/C.

Camião militar (depois da Independência); militar do exército da Frelimo; nome de um clube desportivo militar. O termo teve uma certa conotação depreciativa, em particular, devido aos frequentes acidentes de viação causados por *matchedjes*, pouco conhecedores das regras de trânsito. Do Ciyao, *matchedje* significa literalmente *machamba*, terreno para cultivo. Na história de libertação do país foi o local (na Província do Niassa) onde se realizou o II Congresso da Frelimo. O nome foi tb. atribuído a lugares não directamente relacionados com o contexto militar. Línguas faladas (como línguas **maternas**) na Província do Niassa: Ciyao (43,5%), Emakhuwa (36,3%), Cinyanja (15,8%) e Português (0,5%). Est. neutro. N.

mathapa matapa n., S/C, “O melhor prato moçambicano para mim é a mathapa”.

Preparado feito, em geral, de folhas de mandioca, mas tb. de abóbora ou de feijoeiro. Às folhas que se deixam cozer até atingir a consistência desejada junta-se o amendoim

ou a castanha de caju. Est. neutro. N.

mathapada matapada n., S/C.

Forma de designar uma refeição em que vai ser comida a mathapa. Inf. N.

maticar vb., Ln.

Significa *revestir com barro* amassado (matope) as paredes de caniço ou varas entrançadas da habitação tradicional. Est. neutro. N.

matope n., S/C, “Há muito matope quando chove”.

Terra barrenta e, por vezes, avermelhada; lama; sinónimo de *mataca*. Est. neutro. N.

matoretore n., S/C.

Doce feito à base de coco e açúcar; do tipo da *patanícua* na Zambézia. Est. neutro. R.

matrecar vb., Ln.

Nova formação criada no PM a partir do nome PE *matreco*. Gíria juvenil com múltiplos significados. **1.** originariamente significa (alguém) *não se vestir bem*, apresentar-se demasiado informal em termos de indumentária. “O Sidónio matreca muito, usa chinelos quando veste umas jeans com camisete”. **2.** *faltar ao compromisso*, não cumprir com o combinado. “Que seca! Ele anda a matrecar-me, não concluiu o trabalho”. **3.** *não dar importância*. **4.** *humilhar*, (alguém) dirigir-se a outra pessoa com maus modos. **5.** (algo) *fazer passar (alguém) por má figura*. “O meu carro matrecou-me esta manhã, avariou mesmo ao pé do semáforo”. **6.** *recusar um pedido de namoro*. Rg: gíria. R.

matreco termo originário do PE, mas veja-se a inovação PM *matrecar*.

matrequismo n., Ln.

Acto de matrecar. Veja *matrecar*.

matsanga n., Ln, “Os matsangas nunca passaram por esta

zona”.

Matsangas ou matsangaíssas é o nome por que foram conhecidos, em geral, os militares da Renamo (Resistência Nacional Moçambicana) durante a guerra que o movimento impôs à Frelimo após a Independência Nacional e que terminou com a assinatura em Roma em 1992 do Acordo Geral de Paz. A designação teve origem no nome do primeiro chefe deste movimento armado, André Matsangaíssa. Inf. N.

matswa

Moçambicano oriundo da Província de Inhambane que tem o Xitshwa como língua materna.

maulane moulana n., S/C.

Líder religioso muçulmano; líder de uma mesquita. Termo oriundo da Índia, Paquistão e outros países asiáticos. Est. neutro. N. Veja tb. *chêhê*. Est. neutro. N.

maviki Le, “Os mavikis às vezes entoam canções obscenas durante a faina”.

Trata-se de um empréstimo indirecto para o PM. Provém do Inglês *week*, semana e entrou para o Xichanagana com a forma *vhiki*, sendo *mavhiki* o seu plural. No PM o termo (agora menos usado) significa *trabalhador recrutado e pago ao dia*, como p.ex., o estivador ou carregador do porto da então cidade de Lourenço Marques. O trabalhador recebia uma ficha ou tiqueta (prov. de *ticket*). Formal e informal. R.

mawile adv., D, Lc, Le, A: “Então, como vão os negócios do Fernando?” B: “Mawile”.

Significa que *as coisas, a vida, os negócios, etc., não andam bem*. Termo extraído da co-ocorrência lexical em Xironga, Xitshwa e Xichangana *mavida mawile*, com o significado de que *a vida está em baixo*, fixando-se como empréstimo no PM. Est. neutro.R.

mazione n., Ln, S/C.

De (ma+Sião), trata-se de uma *seita religiosa cristã* existente em Moçambique e outros países africanos. A seita incorpora igualmente elementos de crenças e rituais africanos tradicionais. Os membros usam vestes de várias cores contendo símbolos como a cruz, as estrelas e a lua, cantam e dançam ao ritmo dos tambores. Utilizam cordões de lã de cor diversa atados à cintura, pescoço, pulsos e tornozelos. Os membros desta seita assumem-se com poderes para revelar segredos, curar enfermidades, esconjurar males, dar sorte ou azar em domínios como o emprego, o estudo ou o amor. As suas cerimónias são realizadas junto das águas dos rios ou do mar e em Moçambique podem ser testemunhadas com frequência na praia da Costa do Sol. N. Est. neutro. N.

mbelele n., Le, “Ide fazer mbelele-tal a sentença do nhamussoro...”.

Cerimónia/ritual que se realiza para esconjurar males ou calamidades naturais como, por exemplo, secas prolongadas e pestes ou pragas que afectam as culturas; mulheres nuas dançam e entoam cantos para pedir a chuva e prosperidade para a comunidade. O escritor Aníbal Aleluia descreve esta cerimónia na sua obra *Mbelele e Outros Contos*. Est. neutro. L.

mbunhar, Le, “Ontem a Matilde mbunhou na bicha do sabão”.

Significa *ver frustradas as expectativas*; perder; não conseguir o objectivo. Tb. neologismo na língua Xironga *kumbunya*, da qual passou para o PM na forma *mbunhar*. Uso principalmente associado às carências de bens de todo o tipo que se fizeram sentir nos finais da década de 70 e durante a década de 80. Coloq. R.

mc veja *mal-coado*.

mecha n., S/C.

Trança de rafia utilizada para diversos penteados femininos muito apreciados principalmente nos centros urbanos. Inf. N.

mechoeira veja *mexoeira*.

médico de boi exp.n., S/C.

Designação popular de *veterinário*; designação que não é, em geral, apreciada pelos profissionais. Coloq. R.

melamba veja *malambe*.

mercado n., S/C.

Significa *bazar*; feira. É habitual distinguir-se entre *mercado formal* (mercado legal) e *mercado informal* que se reveste de diferentes formas e características. Exemplos de mercado formal na Cidade de Maputo: Mercado Central (no centro da baixa), Mercado do Xipamanine, Mercado do Povo, Mercado Janete, mercado componde, etc. Exemplos de mercado informal: Xiquelene, Mandela, Estrela, Hulene, Bela Rosa. Est. neutro. N.

meter na garrafa exp.vb., Lc, Le, “Porquê fui metido na garrafa? Com as outras não consigo nada”.

Também **engarrafar**. “A tua amiga engarrafou o Quim”. Acredita-se que uma mulher, recorrendo a um determinado feitiço, adquire poder sobre o seu parceiro amoroso (marido ou amante) nos domínios psicológico, económico e sexual. Acredita-se que *um homem metido na garrafa* (ou **engarrafado**) é incapaz de tomar decisões próprias, sendo as vidas de ambos exclusivamente governadas pela companheira. Casos há em que, segundo se diz, o homem infiel é incapaz de se realizar sexualmente com outra mulher porque a sua parceira amorosa o meteu na garrafa/o engarrafou; *alguém metido na garrafa* ou *engarrafado* é sinonimamente referido por

zanguangua. Coloq. N.

metical meticais (pl.), MT, n., S/C.

Designação da moeda nacional criada em 1980. Do Árabe [mithqal] era uma medida de ouro introduzida no Oceano Índico e África Oriental como padrão monetário; correspondia a cerca de 4,83 gramas de ouro em pó. Est. neutro. N.

meu D, “Passar o dia inteiro em casa não interessa, meu”. “Não intervieste na reunião de ontem. Qual é a tua, meu?”

Forma de tratamento informal, sendo *meu*, marcador de função vocativa, habitualmente expresso na parte final dos enunciados. Por vezes, pode tb. ser usado num contexto de pedido de satisfações a um desconhecido face a qualquer atitude estranha. Tb. ocorre no PE. Origem? Inf. N.

mexe-mexe n., Ln, “A Rosa faltou à escola porque tinha mexe-mexe”.

Termo informal para *conjuntivite*; o constante esfregar dos olhos (mexe-mexe) devido à irritação provocada pela inflamação da membrana que reveste o globo ocular e a pálpebra. Processo de formação da palavra por via da *reduplicação*. Inf. N.

mexoeira mechoeira n., S/C, “Na província de Niassa produz-se muita mexoeira”.

Cereal: tipo de milho miúdo usado na dieta alimentar. Com a sua farinha escura fazem-se papas e broa. A mexoeira pode ainda servir de ração para aves. Est. neutro. N.

mhaka maka n., Le, Ln, “E sobre as importações, como se ultrapassou a mhaka da batata?”

Significa *problema*. Veja tb. *timhaka* e *milando*. Inf. N.

micaia n., S/C.

Arbusto com muitos espinhos. Est. neutro. N.

milando n., Le, Ln, “Eh pá! Agora temos um milando com o director!”

Significa *problema*, *embróglio*. Termo proveniente de várias línguas bantu, entre as quais, Cicopi *milando*, Xichangana *minandzo*, Xironga *milandro* (no sing. *inlando* em Cicopi, *nandzo* em Xichangana e *nandro* em Xironga) e entra no PM na forma plural. Nas línguas de origem, o significado de problema está associado ao conceito de tomada de decisão. Na essência, os termos bantu significam problema para o qual já existe uma tomada de decisão, sendo esta acompanhada de uma estimativa da reparação dos danos. No caso de ainda não se ter chegado a nenhuma decisão para o problema, este é referido, em línguas bantu, como **timhaka**. Em suma, o problema começa por ser *timhaka* quando é apresentada a queixa em público (p.ex., ao nível dos conselhos de madodas no campo, ao nível das esquadras nas cidades), em seguida é discutido na banja, na qual se toma uma decisão, tornando-se assim a *timhaka* em *milando*. No PM também existe a palavra *timhaka* (ou *timaka*), mas esta tem no PM o mesmo significado que *milando* (são sinónimos). Formal e informal. N.

mínimas condições (as) veja *condições*.

mini-saia n., S/C.

Como era designada a garrafa pequena de cerveja; termo que caiu em desuso. Inf. N.

missanga n., Ln, S/C.

Contas de vários materiais, cores e tamanhos. As missangas (e panos) foram introduzidas a partir do séc.VIII através dos árabes e mais tarde através dos portugueses no comércio local em troca de ouro, marfim e cauris. As missangas eram muito apreciadas pelas

populações locais e constituíam bem de prestígio, sobretudo para os indivíduos de estratos sociais mais elevados. São muito utilizadas (ainda hoje) para a confecção de adornos do corpo (colares, pulseiras, cintos etc.) e de objectos rituais. Est. neutro. N.

mitombo n., S/C “A Maria usa mitombo para manter o marido em casa”.

Significa *remédio*, mezinha, amuleto; confeccionado por curandeiros para proteger contra doenças e outros males, atrair pessoas, etc. Do Cindau. Est. neutro. R.

mkunha veja *mucunha*.

mmc veja *mal-coado, mc*.

moçambicano

Cidadão de Moçambique, país com 16.099.246 habitantes (censo populacional de 1997). A Ilha que deu o nome ao país terá sido baptizada por Vasco da Gama *Mussa M’Biki* em honra do sultão Mussa, originário de Quíloa, que nela residia à sua chegada.

moçambicanismo

1. formação típica do Português Moçambicano; *moçambicanismo* no sentido linguístico-discursivo: palavras, sintagmas, expressões, estruturas retóricas do PM; veja tb. o termo na *introdução deste livro*. **2.** maneira, forma moçambicana; à moda de Moçambique.

O **Português**, como **língua materna**, é falado por mais de 800.000 moçambicanos (6,5% da população do país, idade >5). A Província com maior incidência de falantes/língua materna é Maputo-Cidade (17%). Como **língua segunda ou terceira** é falada, a nível nacional, por 39.5% da população, que a utiliza em casa (8,8%) e em diversas outras situações formais e informais fora de casa.

modaskavalu moda-xicavalu, n., Ln, S/C, “O músico

Mahecuane é o impulsionador da *modaskavalu*”.

O termo designa um passo intercalado nas danças dos ritmos majikha ou marrabenta. O passo *modaskavalu* caracteriza-se, por analogia, pelo trote do cavalo: é a moda a cavalo. Empréstimo de tipo *devolução* no Português. O termo foi construído com os morfemas da língua portuguesa *moda* e *cavalo*, tendo entrado para as línguas Xichangana e Xironga, e recentemente destas para o PM. Inf. R.

moda-xicavalo veja *modaskavalu*.

moleque n., Ls.

1. *empregado doméstico*, criado; muito utilizado no tempo colonial, em geral para designar o empregado doméstico que se ocupava das tarefas do exterior da casa ou de tarefas domésticas para além das realizadas pelos mainatos e cozinheiros. Presentemente, o termo tem menos frequência. 2. *lacaio*, pessoa servil. O termo *moleque* não tem em Moçambique o significado particular de *garoto*, miúdo, jovem como acontece no Brasil. Est. neutro. N.

molequismo n., Ln, S/C, “O que mais se vê nas instituições é molequismo”.

Comportamento para caracterizar o servilismo em relação ao poder ou autoridade instituída. Uso frequente na gíria dos partidos políticos. Inf. N.

molhado quem entra na água, sai molhado D, I, tira sempre algum proveito do que fizeres. De várias línguas bantu, como p.ex., do Xichangana *aunge ngheni matini uhuma ungatsakamanga* ou do Xironga *loyo a pelaku matine uatsana*. R.

molhar as mãos exp.vb., I, “Se tivermos que ajudar o senhor, como deve saber, depois terá que nos molhar as mãos”.

Expressão idiomática popular que significa *forma de compensar alguém que fez algum trabalho* (por solicitação). Forma eufemística de pedir pagamento por algum trabalho. Em determinadas circunstâncias é equivalente a *suborno*. Inf. N.

moluene molwene n., Ln, “Aquele é o moluene que me guarda sempre o carro”.

Termo empregue no PM para designar *menino de rua*, criança abandonada vivendo de esmola, sem pais ou vivendo longe da família, por razões várias e, sobretudo, como consequência da guerra que o país enfrentou durante muitos anos. Estas crianças, vivendo normalmente em grupos, existem em grande número nas zonas urbanas e, em particular, nas grandes cidades. Do PE *esmola*>Xironga *molwene*>PM *moluene*. Formal e informal. N.

molwene veja *moluene*.

monhé n., Le, Ln, S/C.

1. designação do comerciante muçulmano para o distinguir do comerciante hindú. 2. designação dos asiáticos e seus descendentes, praticantes da religião islâmica/muçulmana. 3. designação de qualquer asiático, independentemente da sua religião. 4. designação atribuída ao indivíduo nascido do cruzamento de um árabe com, p.ex., um africano. A origem da palavra parece ser bantu *mwenye* (do Ciyao, ou Cinyanja, ou Emakhuwa), com o significado de *senhor, chefe*, alguém que detém bens, honra e, por isso, merece certa deferência. Com o tempo e, em particular, durante o período colonial este significado do termo deturpou-se, passando a ser usado com sentido pejorativo, que até hoje se mantém.

moulana veja *maulane*.

mozungo veja *muzungo*.

mpfhukwa mpfúcuca n., Le.

Espírito; a crença diz que um mandau, depois de morto, se torna não só num espírito do tipo *xicuembo*, mas também num espírito vivo, um ser ressuscitado que se vai vingar daqueles que lhe fizeram mal em vida. Do Cindau. Formal e informal. R.

mpfúcuca veja *mpfhukwa*.

Mpumalanga

Província da África do Sul, vizinha da região sul de Moçambique e com a qual existem estreitos laços de cooperação; do Zulu *mpuma*, sair + *langa*, sol, ou seja, *o lugar de onde sai o sol*=orientes.

mshao n., Le, Ln, S/C.

Sarau cultural, em particular relacionado com a música, canto, dança e poesia, iniciado nos anos 80 pela Associação dos Escritores de Moçambique, e habitualmente realizado no coreto do Jardim Tunduru; mshao refere-se tb. à arte musical dos machopes e às composições executadas pelas orquestras de timbilas. n. Do Cicopi. Est. neutro. N.

msiro mussiro n., S/C.

Pasta feita de um caule com o mesmo nome, muito utilizada como creme amaciador e protector da pele e também com critérios estéticos. Do Emakhuwa *musiro* (Nampula), *nsiro* (Cabo Delgado). Est. neutro. N.

MT veja *metical*.

muanambua manambua n., Le, “Aquele muanambua bateu no meu irmão”.

Significa literalmente *filho de cão* (equivalente a *filho da mãe* no PE). Termo pejorativo. Das línguas Cisená e Cinyungwe, de entre outras. Rg: calão. Inf. N.

muarussi n., S/C.

Significa *virgem, donzela, rapariga jovem*. Do Emakhuwa *mwaarusi*, rapariga virgem, que não passou pelos ritos de iniciação. Tb. utilizado para designar o casamento tradicional muçulmano. Est. neutro. R.

mucapata n., S/C.

Prato zambeziano feito à base de um tipo de feijão (pequeno e de casca verde) e arroz de coco para geralmente acompanhar a galinha à cafreal. Est. neutro. R.

muchém n., S/C.

Térmites; o mesmo que formiga-muchém; faz morros de muchém, tipo pirâmide, no interior dos quais vive. Est. neutro. N.

mucunha mkunha n., Le.

Indivíduo de cor branca; tb., por extensão semântica, *patrão, negro com formação superior, com certo estatuto social*. Do Emakhuwa, *mkunya* (Cabo Delgado). Inf. R.

mucunha-oripa n., Le.

Significa *patrão de cor negra*. Do Emakhuwa, lit. *mukunha*:branco, *oripa*:preto. Inf. R.

muezin veja *muhezzin*.

mufana n., Le, Ln, “O mufana da loja é muito jeitoso”.

Significa *garoto, miúdo*. Tb. usado entre adultos de idade e/ou estatuto social diferenciado: o mais velho faz questão de marcar linguisticamente a sua faixa etária ou o seu estatuto superior. O termo aplica-se apenas ao sexo masculino. Empréstimo, de entre várias, das línguas Cicopi *infana*, Xichangana, Xironga e Xitshwa *mufana*. Formal e informal. N.

mugonzice n., Le, “Os mugonzices nas Ilhas do Bazaruto preocupam-se com o meio-ambiente”.

Significa *educador*. Do Xitshwa *mugonzice*. Inf. R.

muhalele n., S/C.

Vendedor ambulante. Do Emakhuwa *muhalele* (Nampula) que significa não diga nada, andam (os polícias) por aqui (contexto semelhante ao do dumbanengue no sul do país). Inf. R.

muhezzin muezin n., Le.

Homem que, do minarete (ou ponto mais elevado) da mesquita, anuncia aos muçulmanos que é hora da oração; são cinco os anúncios diários para a realização das cinco orações obrigatórias. Do Árabe. Est. neutro. N.

muito-mal-coado veja *mal-coado*, *mmc*.

muito-muito adv., Le, “O coqueiro abunda em Moçambique: muito-muito nas Províncias da Zambézia e Inhambane”.

Significa *principalmente, sobretudo*; tb. *bastante*. Por influência da construção nas línguas bantu, como p.ex., em Cicopi *ngutu-ngutu*, em Xichangana *ngopfu-ngopfu* ou Emakhuwa *vinci-vinci*. Frequente sobretudo no centro e norte do país. Processo de formação da palavra: *reduplicação* (para marcação da intensidade). Est. neutro. N.

mujেকে n., Le.

Designa um tipo de bebida alcoólica de fabrico caseiro, à base do cajú. do Emakhuwa *mutcekele* (Nampula), *ntcekele* (Cabo Delgado). Est. neutro. R.

mukherista n., Le, S/C.

Pessoa que pratica o mukhero. Inf. R.

mukhero n., Le, S/C, “Aqui na Namaacha está-se mal, já não se consegue nenhum mukhero”.

Significa *contrabando, fuga ao fisco* na importação e exportação de mercadorias Empréstimo do Inglês *carry*, carregar, transportar; entra no PM via indirecta: lexema importado do Inglês pelo Zulu na África do Sul e pelo siSwati na Suazilândia. Palavra usada nas proximidades

dos postos fronteiriços de Ressano Garcia, Mbuzini e Namaacha, situados entre aqueles países e Moçambique. O termo entrou depois para o Xichanagana e desta língua para o PM; *mukhero* designa uma prática exercida pelos residentes das vilas fronteiriças de Ressano Garcia e Namaacha que, com a condescendência das autoridades de fronteira, consiste no transporte de mercadorias em pequenas quantidades, tantas vezes quantas as necessárias de e para cada um dos lados da fronteira. Inf. R.

mulala n., S/C, “A minha tia dispensa a escova de dentes e o colgate, só quer a mulala”.

Raíz de uma planta silvestre que se usa para limpeza dos dentes e da boca. Esta raíz, para além de limpar os dentes, mantém os lábios húmidos e dá-lhes uma cor amarelada. O seu emprego nas zonas rurais é muito generalizado e tem particular valor comercial nas zonas urbanas. De várias línguas bantu, entre elas o Xichangana, Xironga e Emakhuwa. Est. neutro. R.

muloi veja *muloyi*.

muloyi muloi, n., Le, S/C, “Uma morte tão repentina como a do Mateus não pode ser senão obra de muloyi”.

O *muloyi* é o feiticeiro causador de malefícios a terceiros. Quem pode anular, atenuar ou provocar estes malefícios é o *nyanga-muloyi*. Acredita-se, segundo a tradição, a qualidade de ser *muloyi* é transmitida ao recém-nascido, nos primeiros dias de vida, pela sua mãe ou avó *muloyi*, especialmente avó paterna, ou ainda por uma anciã que tiver assistido ao parto. Acredita-se tb. que a transmissão tardia dessa qualidade pode provoca graves desarranjos mentais à criança. A qualidade de ser *muloyi* desta maneira natural (à nascença) constitui um dom inalienável; o *muloyi* nunca mais deixará de o ser. Distingue-se do *nyanga-muloyi* que não nasce feiticeiro.

O termo é um empréstimo do campo lexical dos rituais, das línguas Xichangana, Xironga e Xitshwa para o PM. Est. neutro. N.

mulungo n., Le, “O mulungo ainda não veio?”

Pessoa de cor branca, *o branco*; tb. *patrão* (de qualquer cor), senhor, pessoa com mais posses que os demais. Do Xhosa, Zulu (*u*)*mlungu*>Cicopi *inlungu*, Xichangana, Xironga e Xitshwa *mulungu*>PM *mulungo*. No tempo colonial, o lugar onde viviam os mulungos, os brancos, ou seja, a cidade de cimento de Lourenço Marques era conhecida por *Xilunguine*. Quanto ao termo *mulungo*, ocorreu orig. no PM um processo de *restrição semântica* porque o termo nas lgs. bantu significa indivíduo de cor branca, pessoa de bom carácter, mas tb., e depreciativamente, indivíduo racista. Inf. N.

mussiro veja *msiro*.

MT veja *metical*.

mutlhutlu n., Le, “O mutlhutlu desta barraca não tem igual na zona”.

Tipo de *petisco* para acompanhar a bebida. Consiste num preparado feito a partir das vísceras de vaca ou cabrito, partes da cabeça de vaca ou ainda moelas ou patas de galinha. Servido, em geral, em barracas, senta-baixo ou quiosques. Inf. N.

mutxeso “O Marcos morreu de mutxeso”.

Designa um tipo de *droga* utilizada para causar mal ou dano à saúde de alguém. Empréstimo do Cinyanja. Inf. R.

muzungo mozungo n., Le.

Significa *senhor*; pessoa de cor branca. Do Cisena e do Cinyanja *mzungu*. Inf. R.

N

nação n., Ls, “Já tenho autorização da nação”.

Significa *governo central*; Maputo. Coloq. N.

nacotho n., S/C.

Peça de vestuário confeccionada a partir de tecido de entrecasca de árvore, existente em várias regiões do país. Do Emakhuwa *nakotto*. Est. neutro. R.

nampulense

Natural/habitante da cidade de Nampula ou da Província do mesmo nome. Há, pelo menos, duas interpretações sobre a etimologia do termo *Nampula*: (i) *Ophula Ohio* (o que corta a noite), na língua Emakhuwa, cognome por que ficou conhecido um guerreiro da resistência colonial, famoso pela sua tática militar de atacar o inimigo pela calada da noite; (ii) *Owáphula*, o degolador, do Emakhuwa *wáphula* cortar, nome atribuído a um chefe cruel que mandava degolar os prevaricadores à catanada. Línguas faladas (como línguas **maternas**) na Província de Nampula: Emakhuwa (93,5%), Ekoti (3,4%) e Português (1,6%).

não sei por aí veja *abertura conversacional*.

naparama n., S/C.

Designação de uma milícia *privada*, nascida na Zambézia na década de 80. Comandada por Manuel António, que dizia ter morrido e ressuscitado, estava munida de armas tradicionais e acreditava que era imune às balas disparadas pelos guerrilheiros da Renamo devido à protecção conferida por um unguento mágico. O seu chefe foi morto pela Renamo no fim dos anos 80 (?) e o grupo desfez-se rapidamente depois disso. O académico Carlos Serra interroga-se sobre se não teria acontecido uma espécie de um *robin-hoodismo* campesino. Est. neutro. N.

nascer (meninos) exp.vb., G, “Eu nasci três vezes: duas meninas e um rapaz”; *nascer*, do Xichangana e Xitshwa *kupsala*, significa neste contexto *gerar, fazer nascer*. Quem nasce (faz) os filhos são obviamente os pais; assim, a criança não nasce, *é feita nascer*. Inf. N.

navelar vb., Le, “Ele anda a navelar os meus Nikes”.

Significa *cobiçar*, desejar. Do Xichangana, Xironga, Xitshwa *kunavela*. Linguagem infantil e juvenil. Coloq. R.

Ndebele

Língua bantu da família das línguas Nguni falada por pouco mais de 1 milhão de zimbabwuanos na República do Zimbabwe e de sul-africanos na Província do Norte (Northern Province). É uma das 11 línguas oficiais da República da África do Sul. Veja tb. *Nguni*.

negação G, D.

1. negação (na afirmação) para expressar maior intensidade à acção; ex., **não é**+verbo, G, “Não é correr aquilo, a Lurdes Mutola ganhou folgada”.

Significa que ultrapassa o normal, é como se estivesse a voar. Equiv. no PE a *aquilo é que é correr!* Esta construção frequente resulta do empréstimo das línguas bantu, nas quais este tipo de negação imprime maior intensidade à acção, resultando na afirmação desta por excesso. 2. (negação modal), G: A: “Não está o patrão?” B: “Sim.” A: “Ah, afinal está!” B: “Não.”

Tendência que vários falantes do PM revelam de proceder à afirmação da asserção em questão--neste caso, a afirmação do conteúdo da negação interrogada (*Sim, o patrão não está*). Inf. N.

neighbours n., Le.

Do Inglês, *vizinhos*. A palavra foi também muito utilizada para referir os vizinhos boers durante o período do

apartheid na África do Sul (neste sentido a palavra caiu agora em desuso). Foi também usada na literatura por Lília Momplé com a mesma referência e para sublinhar a agressão do apartheid à região. O termo orig. e lit. no Inglês Antigo era *neahgebur* que significava *o fazendeiro que vive próximo de ti*. O termo *neah* ocorre no Alemão Moderno como *nahe* e no Inglês como *nigh*, ambos significando *próximo*. O termo *gebur* está relacionado com *Bauer* (fazendeiro, camponês) no Alemão, tendo entrado no Inglês através do Holandês na forma *boor*, já não tanto com o significado de *fazendeiro* mas sim a pessoa de origem rural que é considerada pelo cidadão pessoa desajeitada e com falta de urbanidade. Coloq. R.

nem tão pouco G, “Eu não sou obscurantista, nem tão pouco”.

Com o significado de *nem um bocadinho*. Est. neutro. N.

nenecar o mesmo que *belecar*.

nganyana n., S/C.

Suruma. Empréstimo do Xironga. Gíria. Inf. L.

ngoma n., Le, Ln.

Tipo de tambor; veja tb. *batuque*; *Ngoma Mocambique*, nome de um programa musical popular do tipo *parada de sucessos* da música ligeira moçambicana. Prov. do Javanês *ghom gongo*>Venda *ngoma*, Zulu *ingoma*, Kiswahili *ngoma*>PM. Est. neutro. N.

Nguni

Família das seguintes línguas bantu dominantes: Xhosa, Zulu, Ndebele e siSwati. Estas línguas têm cliques (sons não-pulmónicos produzidos, por sucção, pela língua ou lábios) que foram adquiridos através das línguas dos povos Bushman e Hottentot (Khoi-Khoi); **nguni**: do Zulu, raiz de *umnguni*, uma pessoa do grupo Nguni, e raiz de *isinguni*, o grupo de línguas dos Nguni e sua cultura.

nhamussoro veja *nyamussoro*.

nhanga veja *nyanga*.

nhazeti n., S/C.

Significa *libelinha*; designação atribuída pelas crianças da Beira a este insecto. No sul do país, a designação deste insecto é *pingazete*. Habitualmente, as crianças prendem a libelinha com um fio para fazerem de conta que brincam com um helicóptero. Inf. L.

nhemba veja *feijão-nhemba*.

nhinguitimo n., Le.

Ponto cardeal, sul; tb. vento sul forte e repentino acompanhado de aguaceiros e trovoadas; a conhecida *sulada*. Do Xironga. Inf. L.

nhoca n., Le, Ln.

Significa *cobra*. Do Xichangana, Xironga e Xitshwa *nyoka*. Coloq. N.

nholar nyolar vb., Le.

Acto de iniciar um jogo ou passatempo que requer a intervenção de vários participantes. Por exemplo, para saltar à corda são necessárias, no mínimo, três pessoas, a saber, duas que seguram a corda e a outra que salta. As duas pessoas que seguram a corda e a fazem movimentar exercem a acção de *nholar*, i.e., activam o início do jogo. Quando a pessoa que salta pisa a corda substitui uma das duas pessoas que a segurava *nholando* novamente o jogo. O mesmo sucede no jogo de *brincar às escondidas* (ou também chamado *jogo da banana* no PM): diz-se que a criança posicionada no lugar previamente fixado (o coito), de olhos tapados, e aguardando o sinal para partir em busca das crianças que se foram esconder *está a nholar*. Do Xironga e Xichangana *kunyola*. Inf. R.

nice adj., Le.

Significa *bonito, agradável, bom*. Tb. ocorre no PE.

Termo frequentemente associado ao adv. *maningue* (muito). “Moçambique é maningue nice”. Do Inglês *nice*. Tb. a expressão **estar numa nice**, estar bem, estar despreocupado. Equiv. às expressões **estar numa boa**, **estar numa well**. Coloq. N.

njingiritana n., Le, “Os njingiritanas deste Bairro têm uma escolinha bonita”.

Significa *criança muito pequena, de muito pouca idade, recém-nascida*. A palavra entra no PM por empréstimo via do Xichangana *xinjingiri*, designação de um passarinho realmente muito pequeno. Por processo metafórico, o termo passou tb. a significar *a criança*; *xinjingiri* [passarinho(pequeno)]+(t)ane [sufixo que significa *pequeno*]. Obtém-se, pois, **passarinho (pequeno)+ pequeno**. Formal e informal. N.

nikawane n., Le, S/C.

Significa *polícia*. Do Emakhuwa. O significado orig. é *vamos dividir ao meio* (bens ou dinheiro); o que o povo pensa em relação ao polícia; do vb. *okawa*, dividir. Inf. R.

nkoteko n., Le.

O mesmo que *calcinha*; empréstimo do Cinyungwe. Veja *calcinha*. Inf. R.

ninja n., S/C.

Significa *assaltante*, bandido, ladrão. Est. neutro. N.

nipa n., S/C.

Bebida alcoólica (aguardente) produzida no norte do país. Est. neutro. N.

normal D, A: “Como está?” B: “Estou normal”.

Utilizado com frequência no acto de resposta ao cumprimento quotidiano, significando *bem, sem nenhuma alteração significativa, como anteriormente* (em que estava bem). Tb. ocorre a expressão *um pouco normal* como no exemplo, “Agora a vida é um pouco normal”,

significando, neste caso, que *a vida normalizou, melhorou*. Est. neutro. N.

nos tempos veja *tempos*.

novela n., S/C.

Abreviação de *telenovela*. Uso abreviado frequente. Tb. no PB e PE. Inf. N.

ntchuva n., Ln, S/C.

Tipo de jogo popular entre jovens e adultos; consiste na movimentação de pedrinhas (ou caroços) através de pequenos buracos ou covas feitas no chão ou em tabuleiro de madeira, consoante regras específicas. Praticado em muitas outras regiões de África e do mundo, foi também jogo favorito nos tempos de lazer de Ngungunyane e seus guerreiros. Da língua siSwati *intjuba*>Venda *ndzichuva*>Xichangana, Xironga, Xitshwa *ntchuva*>PM. Est. neutro. N.

nthipwe n., Le, “Em Nampula, o nthipwe é sempre aguardado com a maior das expectativas”.

Festa relacionada com os *ritos de iniciação* femininos entre os macuas; dança destinada a esconjurar as calamidades naturais, especialmente as secas prolongadas. Partes da cerimónia do nthipwe têm afinidade com partes da cerimónia do *mbelele*, no sul do país. O termo é de proveniência Emakhuwa. Est. neutro. R.

nyamussoro nhamussoro n., Le, S/C.

Espiritista que estabelece a comunicação entre os vivos e os mortos, ou entre quem vai fazer a consulta e os maus espíritos. Da língua Cisena *nya* aquele (falador, informador) + *mussoro* que significa cabeça; *nhamussoro* significa pois o (*aquele*) *da cabeça*, o clarividente, o que tem o poder de exorcismar, isto é, a capacidade de ver os espíritos, de lhes conhecer os segredos e de os revelar.

Est. neutro. N.

nyandayeyo n., Le, “Que quem de direito tenha em conta o meu nyandayeyo”.

Interjeição no Xichangana, língua de origem (significado aproximado a *aqui-del-rei!*), mas operando como nome (substantivo) no PM e com o sentido de *apelo*; tb. pode significar *socorro*. Na tradição dos machanganes, o grito *Nyandayeyo!* é normalmente seguido de socorro imediato por parte de gente armada com o que quer que seja. Caso o homem que estando nas proximidades não responda ao nyandayeyo acudindo, pode ter de responder perante a banja por essa atitude, e cair no descrédito. Quando o auxílio tarda, ao grito *Nyandayeyo!* sucede-se o questionamento na forma ritualizada *akuna vavanuna tiko leli kêê?* (não há homens nesta terra?). Est. neutro. N.

nyanga nhanga, n., Le.

Indivíduo conhecedor (médico tradicional) de plantas e técnicas de valor terapêutico; curandeiro. Est. neutro. N.

nyanga-muloyi nyanga-noi n., Le.

Significa *médico tradicional-feiticeiro*; curandeiro-feiticeiro. Acredita-se que para além da acção normalmente exercida pelo nyanga, o nyanga-muloi ocupa-se também do sobrenatural: provoca artificialmente benefícios ou malefícios e esconjura estes últimos. São vários os fins que levam as pessoas a consultar o nyanga-muloi: a procura do emprego, a busca de um cargo de chefia, a necessidade de resolução de milandos em tribunal, a busca de vitórias nos próximos desafios desportivos, em particular no futebol, etc. Est. neutro. N

nyanga-noi veja *nyanga-muloyi*.

nyuane veja *magaíça*.

nyolar veja *nholar*.

O

obsolência **estar em estado de obsolência** G, “Parte do porto da Beira está em estado de obsolência”.

Significa *estar obsoleto, estar antiquado*. Por outro lado, no PM o adj. *obsoleto* é usado frequentemente para significar *deteriorado, degradado* (o que nem sempre significa *antiquado ou sem possibilidade de uso*). Formal. N.

obsoleto veja *obsolência*.

ocanho veja *canho*.

olho **olho por olho, vingança por vingança** D, I, equivalente no PE a *olho por olho, dente por dente*. Do Ciyao, *lino kwa lino, ambusyo kwa ambusyo* (conforme o crime, igual o castigo). R.

orientações **haver/ter/dar/receber orientações** exp.vb., S/C, “No GD ainda não há orientações da nação”. Veja tb. *nação*.

P

padre-muanacaja n., S/C.

Significa *freira*; a palavra *muanacaja* significa *mulher* em Cisena. Tipo de formação mista ou híbrida, sendo constituída por um elemento da lg. portuguesa e o outro de uma lg. bantu. Inf. R.

palácio n., Ls, “O Jonas foi chamado ao palácio do administrador”.

Significa *casa/residência de alguma autoridade*: p.ex.,

casa do administrador, casa do dirigente. Por paralelismo, ao nível provincial e distrital, com o Palácio do Presidente da República na capital do país. Formal. N.

palhota n., S/C.

Tipo de habitação tradicional, usualmente de forma circular ou quadrangular, feita a partir de técnicas de construção e materiais locais. Formal e informal. N.

panga-panga veja *jambire*.

pão dar um pão exp.vb., Lc.

Expressão comum na gíria futebolística: fintar o adversário, fazendo passar-lhe a bola por entre as pernas (ao adversário fintado diz-se que *comeu um pão*); tb. se usam o diminutivo *pãozinho* e o termo *xipawane*, oriundo do Xichangana, Xironga e Xitshwa *pawa*. Inf. R.

papa-bichas n., Ln.

Designação popular de um tipo de machimbombo/ autocarro articulado, da marca Íkarus, cuja lotação permitia levar quase todas as pessoas que se encontrassem na bicha da paragem. Tb. designado, às vezes, simplesmente por *articulado*. O termo caiu em desuso à medida que estes papa-bichas foram deixando de funcionar/circular. Coloq. L.

papas Lc, I, “Queres papas, não é?” “Gostam de papas, não é?” Muito frequente no PM; significa *a papinha feita*, i.e., ter pouco trabalho com alguma coisa. Inf. N.

particularidades cada um tem as suas particularidades

D, I, significa que *cada pessoa é diferente*: a sua natureza é plural e diversa. Por influência do idiomatismo do Xichangana, Xitshwa e Xironga *a nyoka yi famba ni maxlungu ya yone*, trad. a cobra anda sempre com o seu veneno (porque é da sua natureza, da sua constituição). Est. neutro. R.

partido da perdiz veja *perdiz*.

partido do batuque e da maçaroca veja *batuque*; *maçaroca*.

parto (dar) exp.vb., Lc, “A Joana deu parto ontem na maternidade”. Significa *dar à luz, ter bebé*. Inf. N.

passar refeições exp.vb., Lc, “Há um mês que os trabalhadores passam refeições neste local”.

No PE, *tomar refeições*. Est. neutro. N.

passarinho passarinho voa e pausa D, I. Significa que *não se brinca ou trabalha quando se está com fome* ou quando se está a passar mal por se ter fome. Equiv. à expressão *saco vazio não fica de pé*. Por influência do idiomatismo Gitonga *ginyonyana bubura tendre*. R.

passivização veja a entrada-exemplo *ser chamado com*.

pasta n., Ls, “Pastas não podem entrar”.

Significa *mala (saco) de mão*. Inf. N.

patanícua veja *matoretore*.

patinho(s) n., Ls.

Polícia de trânsito. Prov. são motivos para a existência do termo: (i) a pala do chapéu que se assemelha ao bico do pato; (ii) o facto do patinho não escolher o que come, comer tudo (na percepção popular, o polícia recebe tudo ou é subornado com qualquer coisa). Veja tb. *apóstolo*. Inf. L.

patrão n., Ls.

1. chefe, dirigente, director; tb. *boss*, do Inglês **2.** forma de tratamento do empregado para com o dono da casa e, em geral, do miúdo ou vendedor de rua para com alguém a quem quer vender ou pedir alguma coisa. **3.** No período colonial (persistindo ainda em algumas situações), referência a um indivíduo de cor branca por parte de um indivíduo negro. Mais recentemente, alguns vendedores ambulantes introduziram formas de tratamento como (i) *amigo*, (ii) *o mais velho*, em clara substituição do termo

patrão. Formal e informal. N.

pau-preto n., S/C.

Madeira muito apreciada e utilizada para mobiliário de luxo, trabalhos de torno e escultura artística, sobretudo no norte de Moçambique. Est. neutro. N.

paus n., S/C, “Arranja-me cinquenta paus”.

Significa *meticais* (MT); *um pau* é entendido como equivalendo a mil meticais ou um conto; mas essa forma não ocorre; as referências habituais ocorrem em termos da unidade decimal, como p.ex., *dez paus*=10.000MT ou 10 contos, *cem paus*=100.000MT ou 100 contos). Rg: gíria. Coloq. N.

pedal n., S/C, “Este moço não é do meu pedal”.

Significa *nível social*. Inf. R.

pedir horas veja *horas*.

pele esticar a pele enquanto ainda está molhada D, I, equiv. PE, malhar no fero enquanto ainda está quente. R.

pembense

Natural/habitante da cidade de Pemba, capital da Província de Cabo Delgado. A povoação que deu origem à cidade começou a ser implantada em 1898 junto à baía de Pemba, da qual herdou o nome. A cidade recebeu mais tarde o nome de Porto Amélia, mas readquiriu no período pós-Independência o nome de Pemba. Línguas faladas (como línguas **maternas**) na Província de Cabo Delgado: Emakhuwa (64,4%), Shimakonde (28,4%), Kimwani (2,3%) e Português (0,3%).

pembenzar vb., Le.

Significa *aliciar* e é usado no norte. Equivalente a *babar* na região sul do país. Do Kimwani *ku pembeza*.

penalte n., Le.

Designação de bebida que consiste na mistura de whisky (porção ao nível da marca em copos próprios) com

ginger-ale. Termo bastante antigo. Est. neutro. N.

perdiz n., S/C. “O partido da perdiz boicotou as autárquicas”.

Designação informal para referir o Partido Renamo. A perdiz, que consta da bandeira deste partido, é assim associada ao Partido Renamo e aos seus dirigentes. Por exemplo, por via metonímica, o whisky *Famous Grouse* (o rótulo da garrafa tem em destaque uma perdiz) é popularmente conhecido por Dhlakhama (ou afonsinho). “Sai um dhlakhama”. Est. neutro. N.

Persa (ou Farsi)

Língua do grupo Iraniano, ramo Indo-Iraniano, família Indo-Europeia falada por 20 milhões de pessoas (mais 55 milhões como língua segunda) na República Islâmica do Irão e países vizinhos.

pfhukar vb., Le.

Acto de o morto se vingar contra a pessoa ou a família da pessoa que em vida lhe fez algum mal. O morto pode *pfhukar* contra alguém por este ter devassado os seus bens, ou ainda por ter maltratado uma pessoa protegida do morto. Os feiticeiros (*valoyi*) são, muitas vezes, vítimas de *kupfhuka*. Para que alguém fique livre da vingança ou represália, é necessário que se proceda a uma indemnização à família do morto, normalmente, sob forma de uma donzela. O termo provém do verbo Xichangana *kupfhuka* por via do Cindau. Est. neutro. R.

phahlar vb., Le, “Andas com muito azar. Convém ires à terra phahlar”.

Significa *comunicar com os defuntos* por meio de preces; pedir a protecção dos seus defuntos; esconjurar os males presentes ou que possam vir a acontecer, por meio de preces invocando os defuntos; implorar auxílio dos espíritos dos antepassados da sua linhagem a fim de

acudirem ou simplesmente apaziguarem uma situação problemática. Em geral, a *missa* ou as preces são acompanhadas de ofertas de comida e bebida tradicional ou do sacrifício de alguns animais em memória dos antepassados. Provém das línguas Cicopi, Xichangana, Xironga e Xitshwa *kuphahla*. Est. neutro. N.

pingazete *libelinha*; designação que ocorre no sul do país; veja *nhazeti*. L.

piolho o **piolho que nos morde está dentro das nossas roupas** D, I, significa *o mal que nos afecta vive em nós próprios*. Por influência do idiomatismo Emakhuwa *ethupo enooluma eri nkuwo ni waa*. R.

pior adv., G, S/C.

Modificador de intensidade positiva; processo de extensão semântica: para além do seu uso normal como no PE, o modificador *pior* ocorre também no PM com o significado equivalente a *melhor*. “Uma festa de anos preparada pelos meus amigos é boa, mas pior será se for preparada pelos meus pais”. Significa que o envolvimento e a contribuição será mais generosa por parte dos pais. Inf. N.

pipocas n., Ls, S/C, “Preciso de comprar um par de pipocas para os miúdos”.

Chinelos de borracha muito leves e simples com duas tiras presas sobre o peito do pé. Estabeleceu-se uma analogia às pipocas (milho verde estalado ao calor do lume), que geralmente são comidas avidamente e num ápice, pelo facto destes chinelos de borracha se estragarem muito depressa. Tb. a designação **chinelos de pipocas**. “Esses ex-militares nem dinheiro têm para chinelos de pipocas”. Inf. L.

piripiri n., S/C.

Fruto (picante), pequeno de cor vermelha ou verde, de

uma planta arbustiva cultivada em Moçambique e muito usado como condimento em muitos petiscos e pratos de várias regiões do país; tb. molho picante feito à base de piri-piri, ou piri-piri moído em pó; **piripiri-sacana**, tipo muito picante. Do Árabe [*phil-phil*], Kiswahili *pilipili*>PM *piripiri*. Est. neutro. N.

pita n., Ln.

Significa *moça*, jovem, namorada, parceira. Embora menos estabelecida, tb. é usada a forma *pito* para designar o jovem. Inf. N.

placar vb., Ln, “Durante toda a semana tivemos de placar a uns vinte quilómetros de casa para não sermos apanhados”.

Significa *refugiar-se*, *esconder-se*; tb. *rastejar*, *lançar-se para o chão*. Termo popular usado durante a guerra terminada em 1992; **placa** era a zona de refúgio para onde acorria a população durante a noite. Inf. R.

pombe n., S/C.

Designação (no centro e norte do país) da cerveja tradicional produzida com farelo de qualquer cereal, com preferência para a mapira, mexoeira e milho. Est. neutro. R.

por centos G, “Vinte por centos é para mim”.

PE, (*vinte*) *por cento*.

porco **1. o porco dormiu** I, significa que *o governo está descontrolado*; grassa a corrupção. **2. o porco não quer** D, I, origem na língua Kiswahili *guluwe hapendeleyi* significa literal e metaforicamente *o bem-estar dos subordinados não é desejado*. Esta expressão Kiswahili é extraída da expressão idiomática *kuxiba kwambangu guluwe hapendeleyi*, que significa literalmente *o saciar do javali, o porco não quer (não deseja)*; ou seja, o porco não quer (não gosta de ver) o javali de barriga cheia.

Pertencendo ambos os animais à família dos suídeos, a expressão estabelece a comparação entre o porco, tido de estatuto superior, e o javali, assumido como o porco desprezível da selva. Para além disso, a expressão também estabelece, por via metafórica, a comparação entre o *chefe* (no sentido directo, o porco) e o *indivíduo da base*, de escalão inferior (no sentido directo, o javali), e estabelece ainda a implicatura de que o chefe descara as preocupações de melhoria de vida do subalterno. Expressão usada no seio dos antigos combatentes da luta de libertação nacional. R.

posição n., Ls, “É cinco contos cada posição de tomate”.

Significa *montinho* no mercado. Uso frequente no norte do país. Tb. ocorre, por vezes, a palavra *lugar* como sinónimo, neste contexto, de *posição*. Inf. R.

poucar vb., Ln.

Fazer pouco, fazer troça, troçar (principalmente usado pelas crianças). Coloq. R.

pouco-pouco adv., Le.

Significa *aos poucos*; processo de *reduplicação* envolvendo o adv. *pouco* para reforçar a sua intensidade semântica. Do Xichangana, Xironga e Xitshwa *kutsongo-kutsongo*. Est. neutro. R.

prazo prazo da coroa n., exp.n., S/C

Instituição possivelmente criada em Moçambique no século XVII, especialmente no vale do Zambeze. O arrendatário (uma espécie de senhor feudal) de um prazo dispunha de uma terra (ou de várias) por um tempo determinado, devendo pagar à Coroa portuguesa um imposto em contrapartida do usufruto. Na prática, a maior parte dos arrendatários não respeitava as exigências da Coroa portuguesa. Est. neutro. N.

printar vb., Le, Ln.

Significa *imprimir*. Do Inglês *print*. Inf. R.

prontos D. A: “A minha mãe tem razão, mas...prontos...já é tempo de eu fazer a minha vida. Não achas que sim?”

B: “Prontos...faz o que achares melhor”.

Item linguístico e discursivo que funciona como um compasso de espera (*gap filler*) e de articulação no acto de fala. Inf. N.

psikelekhedana n., S/C.

Termo que designa objectos feitos à mão e inclui um tipo de escultura (figuras de animais, figuras humanas, máscaras, utensílios do mestiços) desenvolvido no sul de Moçambique desde tempos antigos e ainda hoje praticado. A escultura é feita a partir de madeira branca (mafurreira) e utiliza a faca ou o canivete, o fogo e as tintas. Est. neutro. R.

purgar vb., Ls.

Significa *defecar* (no norte do país); *estar com diarreia* (no centro e no sul). Nesta última significação ocorre um processo de *transferência semântica* porque a palavra é utilizada fora do seu habitual campo semântico no PE. Formal e informal. R.

Q

quadro n., S/C.

Termo utilizado, com frequência, no período pós-Independência com acentuada conotação política com o significado de *pessoas com formação técnica e política*, considerada necessária para o desenvolvimento do país. Actualmente ocorre ainda em diversos domínios, querendo significar *um profissional, uma pessoa formada*. Est. neutro. N.

quebrar vb., Ls, “Quebrei neste teste, tive 18 valores”.

Linguagem juvenil muito frequente; ao contrário do que a palavra normalmente faz supôr, o seu significado aqui é positivo; significa *ter um bom desempenho*, ter uma avaliação/uma nota muito boa. Inf. R.

quebras n., Ls, “Temos tido muitas quebras no negócio”.

Significa *prejuízo*. Inf. R.; **não atender quebras** D, I, significa *não aturar namorados inoportunos*; não ter paciência para pessoas em quem não se está interessado. “O João não me larga, ainda não percebeu que não atendo quebras”. Relação semântica: quebras—desperdício, sobras, restos. Inf. R.

quelimanense

Natural/habitante de Quelimane (do Echwabo *kulima*, cultivar), capital da Província da Zambézia. Há várias versões sobre o significado do nome *Quelimane*. Uma delas considera que, ao desembarcar no local onde se encontravam grupos de pessoas a cultivar, os portugueses perguntaram como se chamava a terra que pisavam. Os habitantes pensando que os desembarcados lhes perguntavam o que estavam a fazer, responderam que cultivavam.

quenguelequêze interj., S/C.

Termo anunciador do aparecimento da lua nova no firmamento, ocasião em que se realizavam cerimónias de apresentação dos recém-nascidos (termo consagrado também na literatura por Rui de Noronha) como forma de lhes abrir as portas da vida. Significa *ei-la (a lua)!* O termo expressa o momento que se esperava com ansiedade e sem se saber exactamente quando aconteceria; sinal especial de esperança. Tradição entre marrongas, machanganes e matswas. Formal e informal. R.

quenhar veja *khenhar*.

quente (algo) adj., S/C.

Significa (algo) *roubado* ou obtido de forma ilícita; aparelhagem quente; nota quente. Veja *carro quente*. Inf. N.

querer (+vb. infin.) G, “Ele queria cair”.

Significa *estar prestes a*. O equiv. ao enunciado é *ele estava prestes a cair*. Inf. N.

quimão n., S/C.

Blusa curta e justa feita de tecido liso ou de capulana, com enfeites diversos, muito usada no litoral norte do país. Este mesmo nome designa peças de vestuário no Japão, na Índia (Goa) e na China (Macau). Est. neutro. R.

Quimbundo veja *Kimbundo*.

quinhenta n., Ln.

Cinquenta centavos do escudo português em Moçambique no período colonial. O efeito semântico-pragmático da expressão **não ter uma quinhenta**, significando *não ter dinheiro nenhum*, permaneceu até hoje. Est. neutro. L.

quissambe n., S/C.

Capulana muito especial na tradição Ekoti: a primeira capulana com que o noivo presenteia a noiva no acto de casamento. Do Ekoti *kissampi*. Est. neutro. L.

quizumba n., Le, Ln, S/C.

Designação popular da *hiena*; associação a algo negativo, a inimigo; p.ex., durante o conflito entre a Frelimo e a Renamo, a rádio que veiculava a informação da Renamo, inimiga da Frelino, ficou conhecida por *Rádio Quizumba*. Prov. do Emakhuwa *khuzupa*. Est. neutro. N.

R

Ramadan n., S/C.

Período em que os muçulmanos jejuam—abstêm-se de comer e beber e ainda de ter relações sexuais da aurora ao pôr-do-sol—durante o nono mês lunar do calendário islâmico. Do Árabe. Est. neutro. N.

Rand n., S/C.

O mesmo que terra do Jone; *John*; África do Sul; também designação da moeda sul-africana. Est. neutro. N.

refeição refeições veja *passar refeições*.

refresco n., Ln.

Refrigerante. Formal e informal. N.; **dar dinheiro de refresco** I, dar qualquer coisa (pequena quantia em dinheiro) que chegue para a compra de um refresco. Inf. N.

régulo (ou regedor) n., S/C.

Chefe tradicional africano; autoridade integrada na hierarquia política colonial, que controlava uma área (um regulado) dentro de uma circunscrição. O governo colonial recuperou, e pôs ao seu serviço, chefes tradicionais já existentes. As leis coloniais definiam as obrigações dos régulos e as taxas e cobranças de que se podiam beneficiar. Segundo a tradição, um indivíduo sem ligações ancestrais na regedoria local não podia aí exercer a função de régulo. Além disso, apenas podia ser régulo o filho varão nascido da mulher de honra, i.e., a que tivesse sido lobolada pelo régulo em primeiro lugar. Na ausência de filho varão, as filhas do régulo assumiam a função como aconteceu, por exemplo, com a famosa rainha Tnazie, do regulado de Javanhane, no Chibuto. Est. neutro. N.

renamista n., Ln, S/C.

Palavra usada para referir alguém que é membro ou

simpatizante do Partido Renamo. Coloq. N.

repar vb., Le, Ln.

Dançar e cantar a música *rap*. Inf. R.

repista n., Ln.

Apreciador e executante do *rap*; tb. associado a uma determinada maneira de se apresentar (cabelo, vestuário etc.). Inf. R.

ronhar vb., Ln. “A pessoa sabe o que tem de fazer. Se quer ronhar é outra coisa”.

Significa *fazer ronha; engonhar; trabalhar de má vontade; xiconhocar*. Coloq. R.

rothi veja *roti*.

roti roti n., S/C.

Tipo de pão circular e espalmado, de origem asiática, feito com farinha de trigo ou outras. Tb. chamado *apa*. Do Hindi e Urdu [rothi]. Est. neutro. N.

rotina discursiva D, “Podem dizer corrupção não corrupção. Não é nada”.

Significa que se falou muito sobre um assunto/tema, no caso vertente *a corrupção*, que houve várias opiniões e pontos de vista contrários.

Designamos por *rotina discursiva* um segmento de língua, numa superfície discursiva, constituído por várias palavras (habitualmente o nome/tópico central é afirmado e negado enfaticamente) que se utilizam em conjunto como se tratasse de uma única palavra (no caso vertente, *corrupção não corrupção*). A rotina discursiva é actualmente muito utilizada no PM, sobretudo no estilo informal. N.

roubador n., Ln.

Significa *ladrão*. Coloq. N.

S

saber veja *conhecer*.

sacanear vb., Ln.

Significa *fazer uma patifaria*, uma *velhacaria*. Palavra formada a partir do PE *sacana*. Reg: calão. Inf. N.

sacudu n., Le.

Significa *mochila*. Utilizado no seio dos guerrilheiros da Frelimo durante a luta armada de libertação nacional. Do Francês (prov. por via da Argélia) *sac aux dos*. Processo de calque fonológico. Inf. L.

sadza n., S/C.

Papas de milho, mapira ou mexoeira apreciadas no centro do país. Do Cishona *sadza*. Est. neutro. R.

safari n., Le.

Viagem/expedição turística organizada para desfrutar a natureza e os animais ou para caçar animais onde tal é permitido. Do Árabe [safariy]>Kiswahili *safari*. Formal e informal. N.

saguete n., Le.

Presente, *dádiva*, mimo que se dá em determinadas ocasiões e que excede o pagamento de serviços prestados; gorgeta; o mesmo que *bacela*; **dar saguete**. Do Persa [saughat]>Concanim>PM. Veja tb. *bacela*. Coloq. N.

salada n., Ls.

Significa *alface*; caso de *restrição semântica*: para vários falantes do PM, o significado de *salada* restringe-se apenas a uma parte do seu campo semântico no PE. Inf. R.

samorismo n., Ln, S/C.

Termo cunhado pelo investigador e jornalista Aquino de Bragança, companheiro e amigo pessoal de Samora Machel. Com o termo Aquino queria referir-se às

contribuições teóricas da luta da Frelimo para as teorias políticas. Tb. o estilo de liderança de Samora. Mais recentemente, *samorismo* passou a significar, para alguns, uma espécie de culto no extraordinário e na utopia, um tempo de utopia e sonho. Est. neutro. L.

Sânscrito

As primeiras formas do Indo-Ariano (veja tb. a entrada *Indo-Ariano*) que remontam ao período de esplendor literário entre 1.500 e 300 a.C., foram e são colectivamente referidas como *Sânscrito*, a língua em que foram escritos os textos sagrados mais antigos—os Vedas. E julga-se que a língua indo-europeia mais antiga do Índico seja o Védico, a qual começou a ser falada por nómadas no II milénio a.C. O Sânscrito serviu de excelente fonte documental para a teoria histórico-comparativa, determinante na reconstituição do Indo-Europeu de base.

São Tomé n., Ls, S/C.

Local de trabalho ou região de Moçambique onde não é permitida a prática do cabritismo (veja *cabritismo*), a corrupção e o lucro fácil, sendo por isso um lugar pouco atraente para alguns. Designação frequente que ocorre, especialmente, no funcionalismo público e que tem origem no conhecimento da antiga prática colonial de se enviar para a ex-colónia portuguesa de São Tomé e Príncipe os que eram condenados por determinados crimes. Coloq. R.

sarapatel n., S/C.

Prato preparado a partir de carne e miudezas de porco (guisado de carne de porco, fígado, rins, coração, bofe, língua, orelhas), sangue de porco e vários condimentos. Faz parte dos pratos económicos da comida goesa e serve para se aproveitar as miudezas quando se mata o porco.

No Brasil, em particular na culinária baiana, *sarapatel* é a presença indiana. Origem da palavra: do Concanim ou do Castelhanao (*zarapatel*, guisado de beringelas, tomate, pimentão e abóbora). Est. neutro. N.

sassaricar vb., S/C.

Significa *divertir-se*; gozar a vida; brincar. Empréstimo do PB, por via da novela (telenovela). Regista-se aqui este termo do PB porque ocorre frequentemente associado, em enunciados PM, ao uso (alternado) do termo PM *mapandzar* que tem significado idêntico. Coloq. R.

satanhoco n., Le, Ln, “Não sejas satanhoco, meu menino”.

Nesta versão suave, significa *diabinho*, quando p.ex., um avô a aplica ao seu neto irrequieto. Entre adultos, o seu uso é depreciativo; significa *maldito, desnaturado, infeliz*. “Sai daqui, satanhoco”. Do Xichangana, Xironga e Xitshwa *musathanyoko*; **sathani**[satanás]+**wa**[de]+**nyoka** [cobras]. Inf. N.

seis e meia exp.n., Ls, S/C. “Não me diverti nada, o Henrique é um seis e meia”.

Impotente sexual. Imagem relacionada com o facto dos dois ponteiros do relógio (o das horas e o dos minutos) se encontrarem justapostos e na direcção para baixo, quando são 6 horas e 30 minutos, o que se aproximaria a um pénis incapaz de erecção. Inf. R.

sejar vb., Ln.

(Em matemática) uso de uma letra/variável representativa de uma expressão matemática a ser resolvida posteriormente; substituição de uma parte da expressão algébrica por uma letra/variável, adiando-se assim a sua resolução enquanto se resolve outra parte da expressão. Do PE *seja* (considere-se). Os jovens, em geral, passaram a designar esta acção de *sejar*. Rg: gíria. Inf. R.

se não fosse eu/se não fosses tu repolho. “O que nos tem safado é o se não fosse eu”.

Designação popular dada ao *repolho* durante o período (década de 80) de grande escassez de alimentos no país; o repolho cozinhado de diversas maneiras era a refeição mais habitual, algumas vezes, acompanhando ou alternando com o carapau. Coloq. N.

senta-baixo n., Ln, S/C.

Local de venda de bebidas tradicionais (tontonto, malcoado, xicadju, canho) instalado ao relento e sem bancos ou cadeiras, em áreas urbanas ou suburbanas; *beber no senta-baixo* significa beber sentado no chão ou, em alguns casos, beber de pé. Inf. N.

sentar vb., Ls, “Aquele ministro nunca foi à Beira sentar com os diversos sectores, isto é, ouvir e dar soluções aos problemas”.

Significa *trabalhar de perto*; fixar-se; envolver-se abnegadamente; termo aplicado particularmente a autoridades ou dirigentes. Inf. R.

ser chamado com (+objecto), G, “Estás a ser chamado com a mamã”.

Frequente utilização da preposição *com* (em vez de *por*) na forma apassivada habitual do verbo *chamar*; caso semelhante com vários outros verbos. Formal e informal. N.

seruma veja *suruma*.

seSotho

Língua bantu do grupo linguístico Sotho-Tswana falada por cerca de 7 milhões de pessoas (que incluem os Basutos, os Lobedu, os Pedi e os Tswana) no Reino do Lesoto (onde é língua nacional e língua oficial em ex aequo com o Inglês) e em regiões da República da África do Sul (Províncias do Noroeste e do Orange) e

da República do Botswana. É uma das 11 línguas oficiais da República da África do Sul. Existem as variantes seSotho do Norte e seSotho do Sul, esta última com cliques típicos das línguas Nguni; pref. *se-* pertencente a+sotho=a língua do povo Basuto.

seTswana

Tb. conhecida por Sotho Ocidental, é a língua bantu do grupo linguístico Sotho-Tswana falada por cerca de 3.5 milhões de pessoas na República do Botswana (onde é língua nacional e língua oficial em ex aequo com o Inglês) e maioritariamente em regiões da República da África do Sul (Províncias do Noroeste, do Cabo do Norte e do Orange), e ainda na República da Namíbia. É uma das 11 línguas oficiais da República da África do Sul. Por vezes, refere-se aos Tswana como Sotho; pref. *se-* pertencente a+tswana=a língua do povo Tswana.

shetani n., S/C.

Significa *espírito*. Nome por que é conhecido um determinado estilo de escultura produzida por escultores macondes. Segundo a tradição maconde há numerosos espíritos, perigosos ou não para os seres humanos e são estas figuras que aparecem representadas na escultura chamada de *tipo shetani*. Concanim [xetan], Árabe, Hebreu> Kiswahili >PM.

Shimakonde

Língua bantu falada por mais de 285.000 moçambicanos (2,3% da população do país, idade >5) especificamente na Província de Cabo Delgado (28%). É tb. falada na República Unida da Tanzânia por mais de 1 milhão de pessoas.

showmício n., Ln, S/C.

Termo que começou por ser utilizado pelo Partido Frelimo para designar um comício popular, com a

presença de artistas e grupos musicais, em particular, durante as campanhas eleitorais presidenciais e legislativas. Processo morfológico de fusão (*blend*): show+mício (da palavra *comício*). Inf. N.

sipaio cipaio n., S/C.

Durante o período colonial em Moçambique, *sipaio* era uma das autoridades (tipo soldado, polícia) que executava a “política indígena” da administração colonial. Na Índia significava soldado indígena, disciplinado e fardado quase à europeia, ao serviço dos ingleses. Do Persa [sipahi]>Concanim. Est. neutro.N.

siSwati Swazi

Língua bantu da família das línguas Nguni falada por cerca de de 6.200 moçambicanos (0,05% da população do país, idade >5) nas regiões fronteiriças do sul. Tb. a língua de mais de 1 milhão e meio de falantes swazis no Reino da Suazilândia (onde é língua nacional) e de falantes sul-africanos na Província de KwaZulu-Natal. É uma das 11 línguas oficiais da República da África do Sul. Veja tb. *Nguni*.

situação **haver uma situação; ter uma situação** exp.vb., Ln, “Há aqui uma situação”. “Tinhamos uma situação, mas já taparam o buraco”.

Significa *problema, crise, acontecimento perigoso*. Prov. por influência da construção-tipo em língua inglesa, *We've got a situation, here*. Também pode significar *guerra*, como no exemplo “Durante vários anos tivemos uma situação no país”. Formal e informal. N.

siyabonga D, S/C.

Significa *agradecemos, estamos gratos, obrigado*. As cartas dos leitores na comunicação social terminam muitas vezes com esta forma de agradecimento. Do siSwati e Zulu. Formal. R.

siyavuma D.

Das línguas Nguni, significa *nós concordamos*; resposta tradicional dada ao adivinho quando o seu diagnóstico recebe a aprovação das pessoas que o procuraram. Formal. R.

sofrimento **sofrimento não é somente a morte** D, I, significa que na vida há momentos altos e baixos e que a morte não é o pior nem o único momento baixo. Expressão utilizada para consolar alguém pela perda de um ente querido. Do Cinyanja, *madvutu si malilo yokha*. R.

sograria n., Ln. “Vou à sograria, este fim de semana”.

Significa *casa dos sogros*. Inf. N.

sol **sol que nunca desce** D, I, expressão idiomática muito utilizada no período pós-Independência para referir *a cultura*. Pretendia-se afirmar a cultura moçambicana que, após os longos anos de dominação colonial, se tinha mantido viva, tinha resistido à alienação e se podia finalmente afirmar. N.

sonecar dormir; veja *bicar*.

sopa dos pobres veja *halim*.

speed **estar speed** exp.vb., Le, Ln, “A Joana hoje está speed”.

Significa *estar vestido(a) à moda*, ser moderno; aplica-se, em particular, ao sexo feminino para realçar a maneira de vestir e a beleza feminina, em geral. Coloq. R.

speedado **estar speedado(a)** exp.vb., Le, Ln, Ls, “Com a greve, o João ficou speedado”.

Significa *estar agitado, estar com vigor, com adrenalina*.

Rg: gíria. Processo de calque do Inglês, *speed*. Coloq. N.

suca! interj., Le.

Significa *Sai! Vai-te embora!* Das línguas Nguni *soega*> Xichangana, Xironga, Xitswha *suka*>PM *suca*. Rg: calão.

Insultuoso. Inf. N.

sundzar vb., Le.

Significa *procurar algo para o sustento*. Da língua Cisena *kusundza*. Veja tb. a forma PM **zungar**, empréstimo da língua Cinyungwe. Est. neutro. R.

sura n., Le, S/C, “Ontem bebemos cinco litros de sura da boa”.

Suco extraído de várias palmeiras e, em especial, *do coqueiro*; bebe-se fresca ou sob forma de aguardente. Muito apreciada pelos moçambicanos. Sânscrito [sura]> Concanim [sur]>línguas bantu, p.ex., Gitonga e Echwabo. Est. neutro. N.

surf vb., Le, Ln, “Este é o melhor lugar para surfar na internet em Maputo”.

Significa *navegar (na Internet)*; linguagem informática. Do Inglês *surf*. Inf. R.

suruma seruma n., Le, S/C.

Significa *droga, marijuana*. Prov. orig. do Shimakonde *chirima* De entre alguns termos do PM para se referir a esta droga constam: banguí, bolinhas, buma, colômbia, djadja, farawa, liga, nganyana, xifaki. Est. neutro. N.

Sutho veja *seSotho*.

Swazi veja *siSwati*.

T

tacos n., S/C.

Significa *dinheiro*. Rg: gíria. Inf. N.

tacudo n., S/C.

Pessoa de muito dinheiro. Rg: gíria. Inf. R.

Tamil Tamul veja a entrada *dravídicas*.

tamwene n., Le, S/C.

Acto consentido de troca de esposas entre casais. Da língua Elomwe. Est. neutro. L.

tchonado txonado, “O vencimento demora, e um tipo já anda tchonado”.

O termo *tchonado* significa *sem vintém*. A expressão **estar/andar tchonado** exp.vb., Le, Ln significa *estar sem dinheiro; tb. estar falido*. Do Xichangana, Xironga e Xitshwa. Coloq. R.

tchopelar vb., Le, Ln.

Significa *pendurar-se num transporte em movimento*. Do Xironga *kutsopela*. Inf. L.

tchova veja *txova*.

tchovador veja *txovador*.

tchova-xitaduma veja *txova-xitaduma*.

tchunar txunado vb., Le.

Significa *vestir à moda*, estar bem vestido, apumado (uso mais frequente no passado, *tchunado*). Empréstimo de uma língua bantu que originariamente deve ter contraído o empréstimo provavelmente a partir da língua inglesa. Inglês *to shine* (brilhar)>Xichangana *kutichuna*. Rg.: gíria (juvenil). L.

tchungamoio n., Le, Ln, “No tchungamoio do Goto não falta nada”.

Significa *mercado informal* no centro do país (Províncias de Sofala e Manica), equivalente a *dumba-nengue* no sul. Empréstimo da língua Cindau, significa lit. *aperta-coração*; idiom. *faça uso da coragem, seja corajoso*. Este item, que é recente mesmo na língua de origem, aparece registado no PM em finais da década de 70. A actividade de comércio informal desenvolve-se à revelia das autoridades policiais e camarárias; por isso, *o coração aberta* (coragem associada ao exercício da actividade e ao acto de fuga) quando repentinamente surge a autoridade.

De algum tempo a esta parte, a polícia deixou de importunar os vendedores dos grandes tchungamoios. Est. neutro. N.

televisão assistir televisão, Lc, veja *assistir*.

tempo, de horas de tempo D, G, “Aquele trabalho levou três horas de tempo”. “Estou aqui há duas horas de tempo”.

No PE não ocorre o segmento enfático *de tempo*. Formal e informal. N.

tempos, nos D, “Nos tempos este botequim encerrava às 21 horas, não sendo permitido que a música importunasse o descanso”.

Significa *noutros tempos*; antigamente (em geral, tempo colonial mas tb. os primeiros anos de Independência). Inf. N.

ten years n., Le, S/C.

1. ex-guerrilheiro/combatente da luta de libertação nacional (período da luta: 1964-1974). 2. mini-bus, com lotação para 12 passageiros sentados, utilizado como *chapa-cem* e conhecido na Cidade de Maputo pelas suas manobras perigosas. Alguns motoristas dos primeiros mini-bus eram ex-combatentes desmobilizados. 3. rato-anão extremamente voraz. A relação entre o significado 2 e o significado 3 reside na analogia entre a dimensão da viatura na classe das viaturas de transporte e a do rato-anão na classe dos ratos, e ainda na analogia entre as manobras da viatura e a movimentação rápida do rato. Inf. L.

ter infelicidade (de) veja *infelicidade*.

tetense

Natural/habitante da cidade de Tete e da Província do mesmo nome. A fundação de Tete remonta ao início do séc. XVI, quando os portugueses começaram a subir o

Rio Zambeze em busca de ouro e marfim. Há várias versões sobre o significado do nome Tete. Línguas faladas (como línguas **maternas**) na Província de Tete: Cinyanja (35%), Cinyungwe (31,6%), Cisena (12,8%) e Português (0,3%).

timaka veja *timhaka*.

timhaka timaka mhaka maka n., Le, Ln.

Significa *embrulhada, embróglio; conflito, problema* (solução ou decisão ainda não tomada; em processo); veja *milando*. Formal e informal. N.

timhamba n., Le, S/C.

Designa as preces e as cerimónias (missa) feitas em honra de familiares defuntos. Do Xironga. Est. neutro. R.

timbila o mesmo que *marimba*.

timbileiro o mesmo que *marimbeiro*.

tio(a) n., Ls, S/C.

Significa *senhor(a)*; forma de tratamento (para com uma pessoa mais velha) usada, especialmente por crianças e jovens, como sinal de respeito, mesmo para com indivíduos em relação aos quais não existe grande familiaridade. Formal e informal. N.

tirar dinheiro veja *dinheiro*.

tirar grávida vb., Lc.

Significa *abortar*, fazer um aborto. Inf. N.

tirar lágrimas veja *lágrima*.

títio(a) n., Ls, S/C.

Significa *senhor(a)*; forma de tratamento mais familiar, mais íntima que a forma *tio*. Inf. N.

tokolocha n., Le, S/C.

1. chipanzé (amigo das crianças); 2. espírito utilizado pelo curandeiro para tratar, em particular, o guarda-redes de uma equipa de futebol, ajudando-o a defender/impedir a entrada da bola na sua baliza. “O guarda-redes do Costa

do Sol tem um tokolocha. Travou e capturou aquele tiro de canhão!” Do Zulu *utokoloshe*. Inf. N.

tombazana n., Le, Ln.

Significa *jovem do sexo feminino*. Originariamente, forma de tratamento respeitosa, mas a forma PM adquiriu em determinados contextos um certo sentido depreciativo. Das línguas Xhosa e Zulu *intombazana*, *ntombazana* (*intombi* rapariga+sufixo diminutivo feminino *-azana*)> Xichangana *tombozane*>PM *tombazana*. Inf. N.

tontonto n., Ln.

Aguardente destilada tradicionalmente por meio do alambique. *Bairro T3* em Maputo (dos três Ts de *tontonto*). Palavra onomatopaica (som da gota a cair do alambique, ton-ton-ton). Inf. N.

torcida n., Ls.

Pedaço de papel higiénico que os drogados usam para enrolar a suruma. Inf. R.

trançar vb., Ls, “Vem lá me trançar”.

Fazer tranças/trancinhas. Est. neutro. N.

tranquilidade bloquear a tranquilidade veja *bloquear*.

tricofaite n., Le.

Designação de bebida que consiste na mistura de vinho (em geral, vinho verde) com ginger-ale. Usa-se a prática e o termo, pelo menos, desde o início dos anos 60. Est. neutro. N.

trocado veja *estar trocado*.

tsé-tsé mosca tsé-tsé n., S/C.

Insecto que através da sua picada transmite ao homem e aos animais a doença do sono; tb. peste que mata o gado e os cavalos. Do Setswana *tsê tsê*>Inglês *tsetse*, PM *tsé-tsé*. Est. neutro. N.

Tswana veja *seTswana*.

tubarão n., Ls, S/C.

1. um intocável (protegido pelo sistema). 2. grande traficante; aquele que está envolvido no tráfico de drogas (*barão* da droga). Inf. N. 3. I, tubalhou à gomes de cá (PE, *bacalhau à Gomes de Sá*): afirma-se que o sabor do tubarão é semelhante ao do bacalhau. L.

tufo n., S/C, “O Grupo Estrela Vermelha é o grupo de tufo mais conhecido da Ilha de Moçambique”.

Dança, de origem árabe, acompanhada de canções, executada por mulheres nas províncias do norte de Moçambique ou outras regiões do país onde há comunidades originárias dessas províncias. O nome *tufo* parece derivar dos instrumentos de percussão que acompanham a dança. Do Árabe [aduf]. Est. neutro. N.

tuga adj., n., Ln.

Significa *português*. Durante a luta de libertação travada pela Guiné e Cabo Verde, Amílcar Cabral utiliza nos seus discursos e textos (p.ex., in ‘Resistência Cultural’ de 1965) a palavra *tuga* para se referir aos portugueses. “...Queremos ser nós mesmos, africanos da Guiné e Cabo Verde e não tugas. A nossa cultura não é a cultura dos tugas, embora a nossa cultura tenha hoje em dia alguma influência da cultura dos tugas”. A palavra ocorre com certa frequência em Moçambique. Ainda tem algum sentido depreciativo, mas já não tão acentuado como há alguns anos. Rg: calão. Inf. R.

Tugalândia Tugulândia n., Ln.

Termo informal, e com certa carga pejorativa, para designar a terra/nação dos tugas, Portugal. Inf. R.

Tugulândia veja *Tugalândia*.

turra n., Ln.

Como o combatente da luta de libertação nacional era designado no seio dos militares portugueses e pelos defensores do sistema de dominação colonial. O mesmo

que *terrorista*. Termo pejorativo.

txapo-txapo chapo-chapo adv., Le. “Aquela padaria faz pão txapo-txapo”.

Significa *depressa*, rapidamente. Prov. do Inglês *chop-chop*, rápido-rápido. A maior frequência de uso da expressão regista-se no seio de operários fabris, operários de construção e militares. Processo de formação da palavra: *reduplicação*. Inf. R.

txonado veja *tchonado*.

txova tchova chova n., o mesmo que *txova-xitaduma*; **dar uma txova** exp.vb., Le, Ln.

Significa *dar um empurrão* a uma viatura quando esta não pega; tb. acompanhar alguém a um destino, p.ex., “Ó Zé, estou com medo. Dá lá uma txova até à paragem do chapa”. Tb. **txovar**. Do Inglês *shove*, empurrar. Inf. N.

txovador tchovador chovador n., Le, Ln.

Aquele que empurra (conduz) o *txova-xitaduma*. Inf. N.

txova-xitaduma tchova-xitaduma, chova-xitaduma, n., Le, Ln, “Depois de comprares os sacos de cimento, alugas um *txova-xitaduma* para casa”.

Empréstimo da língua Xichangana que entra no PM para designar um *tipo de carrinho puxado à mão*, geralmente de duas rodas, e que é usado frequentemente como meio de transporte alternativo de carga a baixo custo. Trad. lit. de *txova-xitaduma empurra que vai pegar*. Inf. N.

txunar veja *tchunar*.

U

ujamaa n., S/C.

Significa *família* em língua Kiswahili. Nome por que é conhecido um determinado tipo de escultura (*tipo*

ujamaa) produzida pelos escultores macondes. Neste tipo de escultura as figuras são, em geral, esculpidas à volta de um tronco de forma mais ou menos cilíndrica ou esculpidas à volta de um espaço oco. Est. neutro. N.

umbila n., S/C.

Nome comercial de uma espécie de madeira, muito durável, e excelente para marcenaria e carpintaria. *Pterocarpus angolensis*. Est. neutro. N.

uputu n., S/C.

Cerveja tradicional comum nas regiões do centro e sul do país. É confeccionada à base de cereais como a mapira, mexoeira e milho e sem aditivos como o açúcar e fermento industrial. É a bebida de eleição para o acto de phahlar. Na zona centro, a bebida é designada por *doro*. Est. neutro. R.

Urdu veja *Indo-Ariano*.

ushua n., S/C.

Massa ou espécie de papas de farinha de milho, mapira, mexoeira ou mandioca (na região sul). Do Xichangana, *upsa*. Designação equivalente no norte do país: *chima*. Est. neutro. R.

V

valer (não) a pena não vale a pena D, G, A: “Para além do bidé, sabe montar o autoclismo?” B: “Não vale a pena”.

Significa *claro que sim*; não vale a pena perguntar, duvidar. Tb. frequente a expressão **nem vale a pena**. “O miúdo que faz blocos em minha casa, nem vale a pena! Confio nele”. Significa que o miúdo é exímio no seu trabalho e que, por isso, vale a pena contar com ele. Inf.

N.

valoyi (sing. *muloyi* ou *noyi*) feiticeiros. “Uma morte tão súbita como esta não é senão obra dos valoyi”.

O termo é uma nominalização do verbo Xichangana *kuloya*, enfeitiçar alguém. Acredita-se que os *valoyi* são gente que enfeitiça, molestando, deformando ou matando determinada pessoa; e neste último caso, comem a carne *misteriosamente*; misteriosamente, porque o cadáver do morto permanece, aos olhos dos mortais, intacto. Est. neutro. N.

vasculha boutique-vasculha veja *boutique-inclina*.

vazio veja *estar vazio*.

velho mais velho o mais velho exp.n., S/C, “Não quer comprar, mais velho?” Forma de tratamento respeitosa. Função vocativa. Formal e informal. N.

Venda

Língua bantu falada por cerca de 450.000 sul-africanos na Província do Norte; partilha traços linguísticos com a língua Cishona falada mais a norte no Zimbabwe e com a língua Sotho. É uma das 11 línguas oficiais da República da África do Sul.

vento parar o vento com as mãos D, I, expressão idiomática muito utilizada no período pós-Independência (e ainda em uso) para realçar a irreversibilidade das mudanças históricas que estavam a ocorrer em Moçambique, para querer dizer que não se podia travar o curso da História. N.

vir vb., D, G, “Venho aí entregar-te o documento”. “Hei-de vir hoje aí”.

Utilização do verbo *vir* com o valor semântico de *ir* (especialmente quando se trata do uso na primeira pessoa gramatical). Veja tb. a discussão na entrada *levar(ir)*. Est. neutro. N.

vira-lata n., S/C.

Termo para significar *o marginal*. Inf. R.

Viva! interj., S/C.

Saudação revolucionária utilizada em comícios, e não só, no Moçambique pós-Independente, tendo-se também internacionalizado no seio de estados da Linha da Frente como o Zimbabwe e Namíbia e, mais tarde, na África do Sul. Usado frequentemente no contexto do binómio *Viva! Abaixo!* Viva a Frelimo! Abaixo o apartheid! Formal e informal. N.

vôvô nyanga-muloyi n., Ls, S/C, “O Maxaquene foi buscar um vôvô para ajudar a defender à baliza”.

Termo (gíria) empregue com frequência na prática desportiva, em particular no futebol. Veja tb. *tokolocha*. Inf. N.

vunar vb., S/C.

Significa *andar com certa velocidade* numa motorizada ou automóvel. Palavra onomatopaica muito frequente no falar das crianças. Recentemente *vunar* passou também, no seio juvenil, a ser usado para designar o contexto em que uma pessoa parece estar distraída, parece *estar nas nuvens ou na lua*. “Estás mesmo a vunar, meu amigo”. Inf. R.

W

walumua n., Le, S/C.

Polícia camarária da cidade da Beira, assim designada pela população pelo facto de fazerem constantes rusgas contra os vendedores de rua. Inicialmente, tratou-se de um termo utilizado para referir a polícia de intervenção rápida. Empréstimo da língua Cisena, significando

literalmente *estás a ser mordido*. Associação do termo ao facto deste tipo de polícia actuar, muitas vezes, com cães. Est. neutro. L.

wasuwasu n., Le, S/C.

Feitiço (fazer feitiço) para provocar num indivíduo coisas boas ou más (paixões, malefícios, etc.). Prov. do Emakhuwa. Significado idêntico ao da expressão *meter na garrafa*. Inf. N.

waya-wayá n., Le, “Qualquer waya-wayá diz que é empresário”.

Significa *indivíduo sem personalidade, pouco sério*; tb. *gajo*. Pejorativo. Processo de formação da palavra: *reduplicação*. Rg: calão. Inf. R.

wudu veja *wuzu*.

wuzu wudu n., S/C.

Ablução; acto de purificação dos muçulmanos antes das orações; consiste na lavagem das partes do corpo que estão habitualmente expostas. Do Árabe. Formal e informal. N.

X

xamuar n., Le.

Significa *amigo*. Inf. R.

Xhosa

Língua bantu da família das línguas Nguni falada por cerca de 6 milhões de sul-africanos na Província do Cabo Oriental. É uma das 11 línguas oficiais da República da África do Sul. Origem do termo não totalmente estabelecida, mas aponta-se para o nome de um antigo chefe mítico, uXhosa. Veja tb. *Nguni*.

xibalo chibalo n., Ln.

Significa *trabalho forçado*; *contrato coercivo de trabalho* imposto pelo Governo colonial aos trabalhadores negros para prestarem serviço (em geral, com a duração de seis meses) em empresas agrícolas, empresas de construção civil, na construção de estradas e nas minas. Os camponeses eram obrigados ao trabalho forçado para pagar o imposto que lhes era exigido e evitar a prisão. O recenseamento para o xibalo era designado de *mubalu*. Est. neutro. N.

xicadju n., Ln, “O xicadju que tomámos na casa da Rosa era original”.

Sumo extraído do cajú/aguardente de cajú. O termo *cajú*, prov. oriundo de uma língua índia do Brasil (Tupi), entrou em Moçambique via PB ou PE, tendo passado para a língua Xironga na forma *xicadju*, e desta para o PM para designar sumo/aguardente. Inf. N.

xicafo n., Le, “O malta, está na hora do xicafo”.

Alimento; comida, refeição. Do Fanagaló>Xichangana *xikhafu*>PM *xicafo*. Est. neutro. R.

xicalamedida n., Ln.

Roupa em segunda mão (calamidade/xicalamidade) que fica sempre bem, que serve sempre, para toda e qualquer medida. Palavra formada pelo processo de *fusão (blend)*, xicalamidade+medida. Inf. R.

xicalamidade veja *calamidade*.

xicandarinha chicandarinha n., Le, S/C, “A Matilde gosta muito de chá, está sempre com a chicandarinha ao lume”.

Significa *chaleira*. Empréstimo do Xichangana, Xironga e Xitshwa. Segundo o escritor Calane da Silva no seu livro *Xicandarinha na Lenha do Mundo* de 1987, embora alguns defendam que *xicandarinha* tem origem na palavra portuguesa *caldeirinha*, para si ela deriva do Gujarati *kandari*. Inf. R.

Xichangana

Língua bantu pertencente, segundo Guthrie, ao grupo Tsonga (conjuntamente com o Xironga e o Xitshwa) é falada por mais de 1.400.000 moçambicanos (11,4% da população do país, idade >5) nas seguintes Províncias de maior incidência de falantes: Gaza (89%), Maputo (43%) e Maputo-Cidade (32%). O Xichangana é a segunda língua bantu com mais falantes no país (a primeira é o Emakhuwa). É tb. a língua de cerca de 1 milhão e meio de falantes em países vizinhos, em particular na República da África do Sul onde é uma das 11 línguas oficiais, aí designada por *Xitsonga* ou *Shangaan*; prov. do nome do chefe Zulu Soshangane, um dos guerreiros de Shaka que estabeleceu uma dinastia.

xicolono xicolonyi; outras formas para designar *colono*.

xiconhoca n., Ln, S/C.

Termo frequente no período pós-Independência para designar um indivíduo com comportamentos considerados negativos (faltar ao serviço, não participar em reuniões políticas, embebedar-se, etc.); contra-revolucionário. Caiu em desuso. Palavra formada por composição: *Xico* (Francisco) da PIDE+*nhoca* (*nyoka*, cobra). Formação mista ou híbrida (um elemento da lg. portuguesa e um elemento da lg. bantu); processo de corte silábico (*clipping*) e fusão (*blend*). Inf. N.

xiconhocar vb., Ln, S/C, “Hoje estou aqui a xiconhocar no escritório”.

Significa *fazer ronha*. Ao contrário de *xiconhoca* que caiu em desuso, o termo *xiconhocar* é frequente na actualidade com o sentido de *fazer que faz, engonhar*, também comportamento negativo. Inf. R.

xicorocoro n., Le, Ln.

Significa *carro velho*. Do seTswana *segologolo*, algo com

muito uso, em geral, um veículo>Xichangana *xikorokoro*>PM *xicorocoro*. Palavra onomatopaica. Tb. como era conhecido (às vezes com a grafia *xiguruguru*) nas primeiras décadas do séc. XX o carro eléctrico, então o único transporte público da cidade de Lourenço Marques (actual Maputo). Esta designação passou provavelmente a ser utilizada quando os carros eléctricos começavam a apresentar sinais de muito uso. Coloq. N.

xicuembo veja *chikwembo*.

xicupa n., S/C.

Cesto de palha com tampa usado a tiracolo para diversos fins e como mala para as crianças transportarem os livros quando vão à escola. Das línguas Gitonga e Cicopi. Est. neutro. R.

xidambela xitambela n., Le.

Insecto comestível que as crianças caçam e assam. Inf. R.

xidiba-ndota n., Le, S/C.

Bebida com elevado teor de álcool feita à base de toranja; comercializada nas décadas de 70 e 80, a bebida desapareceu do mercado. Para não ficar muito forte misturava-se habitualmente uma porção de xidiba-ndota com *Seven-Up*. Processo de *composição* por via da junção de duas formas-base do bantu. Inf. N.

xidjana n., Le.

Significa *albino*. Da língua Xironga. Tb. é utilizado sinonimamente o nome do cantor maliano *Salif Keita*. “O nosso Salif Keita das eleições tem pinta”. Inf. N.

xifaki n., Le.

Significa *suruma*. Empréstimo do Xichangana, significa orig. *maçaroca*. Por extensão semântica, o termo assumiu, no mundo da droga e dos ninjas, o significado de *suruma*. Rg: gíria. Est. neutro. R.

xigovia n., S/C.

Instrumento musical de sopro feito a partir da casca da maçala ou macuácua, na qual se fazem vários orifícios. Do Xichangana, Xironga e Xitshwa. Est. neutro. N.

xigubo chigubo n., S/C.

Dança tradicional guerreira introduzida em Moçambique pelos Nguni nos princípios do século passado. A musicalidade e os ritmos que compõem esta dança traduzem a preparação que os homens recebiam para os combates com o inimigo. Hoje, a dança é executada principalmente nas Províncias de Maputo e Gaza. Est. neutro. N.

xiguiana n., S/C, “No xiguiana da Celeste havia de tudo”.

Festa/cerimónia na qual um grupo de familiares da noiva leva o enxoval e os presentes à família do noivo, após a cerimónia de casamento. Est. neutro. R.

xiguinha veja *chiguinha*.

xikwembo veja *xicuembo*.

xilalasan n., S/C.

Bebida feita a partir do sumo fermentado de ananás, muito apreciada em Maputo e vendida, em particular, nos senta-baixo. Do Xironga *xilalasi*, ananás. Inf. R.

xiluva n., Le, S/C, “Coitada, a minha xiluva está doente”.

Rapariga ou mulher bonita; pessoa amada; concurso de beleza feminina nas escolas (concurso das misses, Miss Xiluva). Processo de combinação da restrição com a extensão semântica. No Cicopi, Xichangana, Xironga e Xitshwa *xiluva* significa *flor*; *rapariga bonita*. Depois de entrar no PM, o significado de *xiluva* restringe-se para apenas rapariga/mulher bonita. Contudo, ultimamente este termo passou também a significar *concurso de beleza feminina*, significado não existente nas lgs. bantu. Em suma, após a restrição ocorreu uma extensão/expansão do significado. Est. neutro. N.

xima veja *chima*.

ximakwa n., Le.

Significa *indivíduo de estatura muito baixa*. Empréstimo do Xichangana, tendo adquirido no PM um significado diferente do significado na língua de origem (*cão-anão, cão de raça pequena* no Xichangana). Coloq. R.

ximoco chimoco n., Le, Ln. “Parece que na empresa há ximoco, o director suspendeu o chefe da contabilidade e o caixa”.

Significa *problema complicado, embróglio, trapalhada*. Quando se diz que há ximoco, o problema ou embróglio já é conhecido de antemão por um punhado de pessoas (mas não é ainda do conhecimento geral). O desfecho do ximoco é imprevisível e, em geral, a resolução do problema assenta em decisões e medidas drásticas. Inglês *smoke*> Fanagaló *ximoko*>Xichangana *ximoko*>PM *ximoco*. Inf. N.

ximolowana n., Le, “O meu vizinho usa ximolowana para ir ao cemitério”.

Significa *calções*. Do Inglês *small ones*>Xichangana> *ximorowani*>PM. Coloq. R.

xingombela chingombela n., S/C.

Dança nocturna amplamente praticada, ao luar, por adolescentes na região sul de Moçambique; caiu em desuso a partir da década de 70. Os músicos continuam ainda hoje a inspirar-se na *xingombela* para compor música ligeira ou executar recriações, como aconteceu com a popular canção *marosana*. A dança, eminentemente participativa (ninguém fica de fora a assistir), consiste, em termos gerais, no seguinte: de um lado ficam os rapazes e do outro, as raparigas. Um rapaz parte em direcção à fila das raparigas e interpela uma delas (por quem nutre carinho ou afectividade),

dançando em frente dela ou colando o seu corpo, frente a frente, ao da rapariga num gesto momentâneo, para depois se retirar para o espaço entre as duas filas. Diz-se assim que o rapaz **deu xinghombela** à rapariga que, em seguida, se junta ao rapaz para conjuntamente mostrarem a sua destreza na dança através do ritmo **xidzidzidzi** (palavra onomatopaica, do Xichangana *kuba xidzidzidzi*, que significa marcar a cadência da música com o bater dos pés). O rapaz retira-se para a sua fila e a rapariga, possuidora de xinghombela, parte em direção a um outro rapaz a quem dá xinghombela, procedendo-se o ritual da dança sucessivamente de forma idêntica ao ponto de partida. Est. neutro. N.

xingondo veja *chingondo*.

xingumbungumbu n., Le, S/C, “Onde pára o meu xingumbungumbu?”

Significa *recipiente, bidão de plástico*. Onomatopeia. Supõe-se que a sua designação tem origem no som que emite quando nele se bate (gumb-gumb-gumb). Empréstimo do Xichangana. Inf. R.

xipalapala n., S/C.

Instrumento de sopro feito de um chifre de animal (em geral, de antílope) utilizado como forma de comunicação (para chamar alguém) e em numerosas danças acompanhando outros instrumentos musicais, em praticamente todo o país. Do Xironga. Est. neutro. N.

xipanelana n., S/C.

“As autoridades sanitárias e policiais vão pôr termo às condições precárias em que é servido o almoço no xipanelana”.

Designação do acto (ou do local) de venda de comida na via pública. Est. neutro. L.

xipawane veja *pão*.

xipheto n., Le.

Candeeiro/lamparina a petróleo feito a partir de uma garrafa ou lata, na qual se faz um furo para o pavio ou torcida. Do Xichangana, Xironga, Xitshwa. Est. neutro. N.

xipila adj., Ls, “A Cláudia é xipila”.

Gíria juvenil para referir que alguém é *muito inteligente*; (entre estudantes) significado idêntico ao da expressão **ser barra numa matéria/disciplina**. Do Xichangana *xipila*, que significa a pessoa que tem poder económico, que é rica; tb. em destaque na sociedade.

xipoco veja *chipoco*.

Xironga

Língua bantu falada por mais de 480.000 moçambicanos (3,9% da população do país, idade >5) nas seguintes Províncias de maior incidência de falantes: Maputo (35%) e Maputo-Cidade (26%).

xitambela veja *xidambela*.

xitende n., S/C.

Arco musical bastante conhecido no sul do país e algumas zonas do centro. Conhecido por *berimbau* no PB. Est. neutro. R.

xitimela n., Le.

Significa *comboio*. Do Inglês *steam*, vapor > Cicopi, Xichangana, Xironga, Xitshwa *xitimela*. Inf. N.

xitique veja *chitique*.

xitolo veja *chitolo*.

Xitshwa

Língua bantu falada por mais de 580.000 moçambicanos (4,7% da população do país, idade >5) nas seguintes Províncias de maior incidência de falantes: Inhambane (58%) e Maputo-Cidade (2,3%).

xitukulumucumba n., S/C, “Se você fizer chichi na cama,

vem o xitukulumucumba”.

Papão animal imaginário com um olho, um braço e uma perna que o adulto usa para assustar a criança quando acha que esta não se comporta bem. Tb. *fantasma*. Do Xironga. Est. neutro. R.

Z

zakath n., S/C.

Contribuição (monetária ou outra) obrigatória para ajuda aos necessitados muçulmanos; princípio de solidariedade social que, no caso da contribuição monetária, corresponde a 2,5% dos lucros. Do Árabe. Est. neutro. N.

zambeiano n., S/C.

Natural da Zambézia. A actual Província da Zambézia é apenas uma parte de uma região que já se chamou Zambézia, localizada ao longo do Vale do Rio Zambeze (desde a foz do Rio até ao Zumbo) e caracterizada por uma homogeneidade cultural particular. Nesta região desenvolveu-se um determinado sistema de relacionamento entre colonos e colonizados que assentava nos prazos. Veja tb. *prazo*. Línguas faladas (como línguas **maternas**) na Província da Zambézia: Elomwe (40,2%), Echuwabo (36,6%), Cisena (13,3%), Cinyanja (3%) e Português (1,6%). Formal e informal. N.

zanguangua n., Le, “O Siteo ficou zanguangua”.

Como é designado o indivíduo ‘engarrado’ e sob o efeito do feitiço a que mulher recorreu. Do Xichangana *dzanwanwa*. Veja tb. *meter na garrafa*. Inf. R.

Zulu

Língua bantu da família das línguas Nguni falada por mais de 2.500 moçambicanos (0,02% da população do

país, idade >5) nas regiões fronteiriças do sul. Tb. falada por cerca de 6 milhões de sul-africanos na Província de KwaZulu-Natal, sensivelmente a norte do Rio Tugela. É uma das 11 línguas oficiais da República da África do Sul. Veja tb. *Nguni*. Origem do termo atribuída ao nome de uZulu, chefe fundador do clã dominante amaZulu (povo dos céus). A unificação e consolidação da nação Zulu foi conseguida a partir de 1818 através da chefatura amaZulu liderada por Shaka, que se tornou o primeiro rei do grupo unificado e que foi considerado o fundador da nação Zulu.

zungar vb., Le, A: “Que vais fazer esta manhã?” B: “Vou zungar”.

Acto de alguém procurar algo para o (seu) sustento. Da língua Cinyungwe *kuzunga*. O termo PM é frequente na Província de Tete e na Província de Sofala, mas nesta última ocorre mais a forma PM **sundzar**, por empréstimo da língua Cisena *kusundza*. Est. neutro. R.

Bibliografia (de apoio à constituição do Léxico)

- Aurélio, B.H.(1986) *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Bleek, W.H. (1862-9) *A Comparative Grammar of South African Languages*. London: Trubner & Co.
- Branford, J. e Branford, W. (1991) *A Dictionary of South African English*. Cape Town: Oxford University Press.
- Bunster, J. (1995) *52 madeiras de Moçambique. Catálogo Tecnológico*. Maputo: Dep. de Engenharia Florestal, UEM.
- Cabral, A. (1964) *Vocabulário*. Lourenço Marques.
- Cabral, A. (1972) *Pequeno Dicionário de Moçambique*. Lçõ. Marques.
- Cabral, A. (1975) *Empréstimos Linguísticos nas Línguas Moçambicanas*. Lourenço Marques: Empresa Moderna.
- Capão, A.T. (1970) Aspectos etnográficos do distrito de Moçambique: Contribuição para o estudo do Homem moçambicano. Manuscrito não publicado.
- Chiwome, E. (1992) Zimbabwe—Term creation: The case of Shona. In N. Crawhall (ed.) *Democratically Speaking: International Perspectives on Language Planning* (pp. 89-91). C.Town: National Language Project.
- Colaço, J.C. (1998) Mentalidade *chapa 100* na cidade de Maputo. *Estudos Moçambicanos* 98, 9-68.
- Crystal, D. (1997) *The Cambridge Encyclopedia of Language* (2ª. edição). Cambridge: Cambridge University Press.
- Cunha, A.G. (1982) *Dicionário Etimológico. Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Dalgado, S. (1988) *Glossário Luso-Asiático*. 2 vols. New Delhi: J.Jetty for Asian Education Services. Edição indiana da mesma obra editada pela Universidade de Coimbra em 1921.
- Figueiredo, C. (1899) *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Tavares Cardoso e Irmão (edição revista de 1922).
- Greenberg, J. (1963) *The Languages of Africa*. Bloomington: Indiana University Research Center in Anthropology, Folklore and Culture.
- Grimes, B.F. (ed.) (1996) *Ethnologue: Languages of the World* (13ª. edição). Dallas: Summer Institute of Linguistics.
- Guthrie, M. (1967/71) *Comparative Bantu*. London: SOAS.
- Instituto Nacional de Estatística (1998) *Inquérito Nacional aos Agregados Familiares sobre Condições de Vida.Resultados Gerais*.

- Maputo: INE.
- Instituto Nacional de Estatística (1999) *II Recenseamento Geral da População e Habitação 1997. Resultados Definitivos*. [Tb. Volumes por cada Província]. Maputo: INE.
- Junod, H. A. (1944) *Usos e Costumes dos Bantos*, Vol .I e II (1946). Lourenço Marques: Imprensa Nacional.
- Langa, J. (1992) The role of translation in the linguistic context of Mozambique. In A.J. Lopes (ed.) *The Role of Linguistics in the Promotion and Effective Use of National Languages*. Proceedings of the Third LASU Conference (pp. 43-56). Maputo: UEM Press.
- Lopes, A.J. (1997) *Política Linguística: Princípios e Problemas/ Language Policy: Principles and Problems*. Maputo: Livraria Universitária.
- Lopes, A.J. (1999) The language planning situation in Mozambique. In R.B. Kaplan e R.B. Baldauf, Jr (eds) *Language Planning in Malawi, Mozambique and the Philippines* (pp. 86-132). Clevedon: Multilingual Matters. [Monografia tb.publicada em 1998 no *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, 19: 5 & 6.]
- Machungo, I., Ramson, L. e Massingue, V. (1997) *Vocabulário de Informática*. Maputo: Centro de Informática, Univ. Eduardo Mondlane.
- Magaia, A. (1980) Expressão moçambicana. *Tempo* 526.
- Mann, M. e Dalby, D. (1987) *A Thesaurus of African Languages: A classified and annotated inventory of the spoken languages of Africa* (3ª. imp.,1990). Kent: Hans Zell Publishers.
- Medeiros, E. (1988) *Bebidas Moçambicanas de Fabrico Caseiro*. Maputo: Estudos 5, Arquivo Histórico de Moçambique.
- Nihalani, P., Tongue, R.K. e Hosali, P. (1989) *Indian and British English*. New Delhi: Oxford India Paperbacks.
- Núcleo de Estudo de Línguas Moçambicanas (NELIMO) (1989) *I Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. Maputo: INDE-UEM.
- OUP/USAE (1996) *A Dictionary of South African English*. Oxford University Press & Dictionary Unit for South African English.
- Polanah, L. (1987) *O Nhamussoro*. Coimbra: Instituto de Antropologia, Universidade de Coimbra.
- Sey, K.A. (1973) *Ghanaian English*. London: Macmillan.
- Simões Alberto, M. (1965) Elementos para um vocabulário etnográfico de Moçambique. *Memórias do Instituto de Investigação Científica de*

Moçambique 7, 171-228.

Sitoe, B. (1996) *Dicionário Changana-Português*. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação.

Vilela, M. (1990) *Dicionário do Português Básico*. Porto: ASA.

Sobre os Autores

Armando Jorge Lopes, nascido em Maputo, é Professor Catedrático na Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), instituição onde também já desempenhou outras funções directivas a nível central e da Faculdade. Iniciou os estudos universitários em 1968, tendo os mesmos sido interrompidos dois anos mais tarde por motivos do SMO, retomados na Universidade de Maputo e concluídos na UEM em 1978. Obteve o grau de Mestrado (MA) em Linguística do Inglês (*University of York, UK*) em 1982 e o grau de Doutoramento (PhD) em Linguística Aplicada (*University of Wales, UK*) em 1986. Fez um Pós-Doutoramento em Linguística Aplicada (*University of Southern California, USA*) em 1991 e outro na *University of Cambridge, UK* em 1993. Lecciona desde 1972 (liceu de Nampula e liceu António Enes, e na UEM desde 1978) disciplinas do Português, Inglês e da Linguística. Orienta desde 1987 o campo da Linguística Aplicada e os seus interesses, que abrangem as linguísticas do Português, das línguas bantu e do Inglês, incluem a análise do discurso, a escrita no Português L2, a política e planificação linguísticas, a alfabetização, as metodologias de ensino do Inglês e a retórica contrastiva (Português-Inglês). Publicou vários livros como autor e organizador, diversos escritos na imprensa e mais de setenta artigos em revistas internacionais de especialidade.

Salvador Júlio Sítio, licenciado em Linguística pela Universidade Eduardo Mondlane em 1997, nasceu em Chibuto-Gaza no ano de 1951. É Assistente na Faculdade de Letras da UEM. Frequentou os ensinamentos primário rudimentar e elementar nos anos 50/60 nas escolas missionárias católicas onde fez a 4ª classe em 1967, passando a professor catequista (1967/1972). Autodidacta e falante de várias línguas bantu, sendo o Xichangana a sua língua materna. Participou em Maputo nos cursos de Literatura Portuguesa promovidos pela UEM/Serviços Culturais da Embaixada de Portugal (1994 e 1995) e de Literatura Brasileira (Centro de Estudos Brasileiros, 1995). Participou num Curso de Verão na Universidade Nova de Lisboa em 1995. Interessa-se pela Lexemática.

Paulino José Nhamuende, natural de Zavala-Inhambane, de 41 anos de idade, é funcionário sénior da Direcção Nacional de Migração. Fez o ensino secundário na República de Cuba e em 1982 concluiu o ensino pré-universitário na Escola Secundária Francisco Manyanga, em Maputo. Obteve o grau de licenciatura em Linguística em 1995 na Universidade Eduardo Mondlane. Em 1991 e 1992 frequentou os Cursos de História da Literatura Portuguesa organizados pela UEM/ Serviços Culturais da Embaixada de Portugal em Maputo. Participou em 1994 no 1º Seminário Internacional sobre o *Uso das Línguas Africanas na Educação* organizado pela UEM/INDE em Maputo. O trabalho de pesquisa da sua autoria inclui a tese de licenciatura (1995), na qual aborda a problemática da língua no acesso ao emprego em Moçambique.

tuça adj., n., fm.

Significa o *Português*. Durante a luta de libertação travada pela Guiné e Cabo Verde, Amílcar Cabral utilizava nos seus discursos a palavra (p.ex., in *Resistência Cultural* de 1965) a palavra *tuça* para se referir aos portugueses: "Queremos ser nos mesmos, africanos da Guiné e Cabo Verde e não tuças. A nossa cultura não é a cultura dos tuças, embora a nossa cultura tenha hoje em dia alguma influência da cultura dos tuças". A palavra ocorre com certa frequência em Moçambique. Ainda tem algum sentido depreciativo, mas já não é usado como há alguns anos. Rio de Janeiro, Inf. B.

Tugalândia Tugalândia n., fm.

Termo informal, e com certa carga peyorativa, para designar a terratenção dos *tuças*. Portugal, Inf. B.

Tugalândia *veja Dandândia*.

A hipótese de investigação subjacente a este livro assenta, por um lado, na necessidade de se olhar para o Português como um conjunto de variedades, nativas e não-nativas, como uma língua de múltiplas identidades e tradições culturais, e assenta, por outro lado, na necessidade de se olhar para o Português Moçambicano (PM)—a variedade em estudo—como uma língua em evolução, alimentando-se, em grande medida, do substrato bantu. O principal objectivo do presente *Léxico de Usos* foi pois registar e analisar alguns elementos e/ou traços formais e funcionais do PM, cuja moçambicanidade vai revelando a especificidade para além do muito que lhe é comum a outras variedades.